FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 7 DE MARÇO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13.018

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O EIXO PARIS-BONN

Antes da segunda guerra mundial, Jules Romains, que era um caloroso partidário da aproximação franco-alemã, escreveu um livro com o título «O par França-Alemanha», que os acontecimentos desmentiram. Hitler enviara a Paris um homem de confiança, Otto Abetz, para acelerar a decomposição de uma sociedade que ele próprio denunciou cinicamente nos seus diálogos com Rauschning. Uma floração de demagogos e transfugas, de Déat a Brinon, colaborou nessa tarefa que, depois da derrota, teve a sanção de Maurras. Os ecos dessa provação repercutiram no Estado autoritário e paternal de Vichy, que cresceu e morreu á sombra de uma legenda heróica e ultrapassada.

Aos olhos dos Franceses e dos seus amigos, a colaboração foi um indício de declínio cívico e político e um estigma moral que marcou os que nela se comprometeram. Alguns, como Brasillach, pagaram com a vida a deformação. Outros, como Béraud, foram condenados á degradação moral— a pior que o homem pode conhecer. Não escaparam a ela os altos espíritos que, sinceramente, se transviaram numa visão desgostante que os factos repeliam. Alphonse de Chateaubriant e Drieu la Rochelle pertenceram ao número dos réprobos por convicção.

Decorreram quase vinte anos sobre a derrota e as suas consequências deploráveis. O esforço dos seus aliados permitiu a ressurreição da França. As vítimas da Resistência conquistaram para ela, com a palma do martírio, os títulos que lhe permitiram falar em pé de igualdade com os que, do primeiro ao último momento, conduziram sem desfalecimentos o

(Continua na página seguinte)

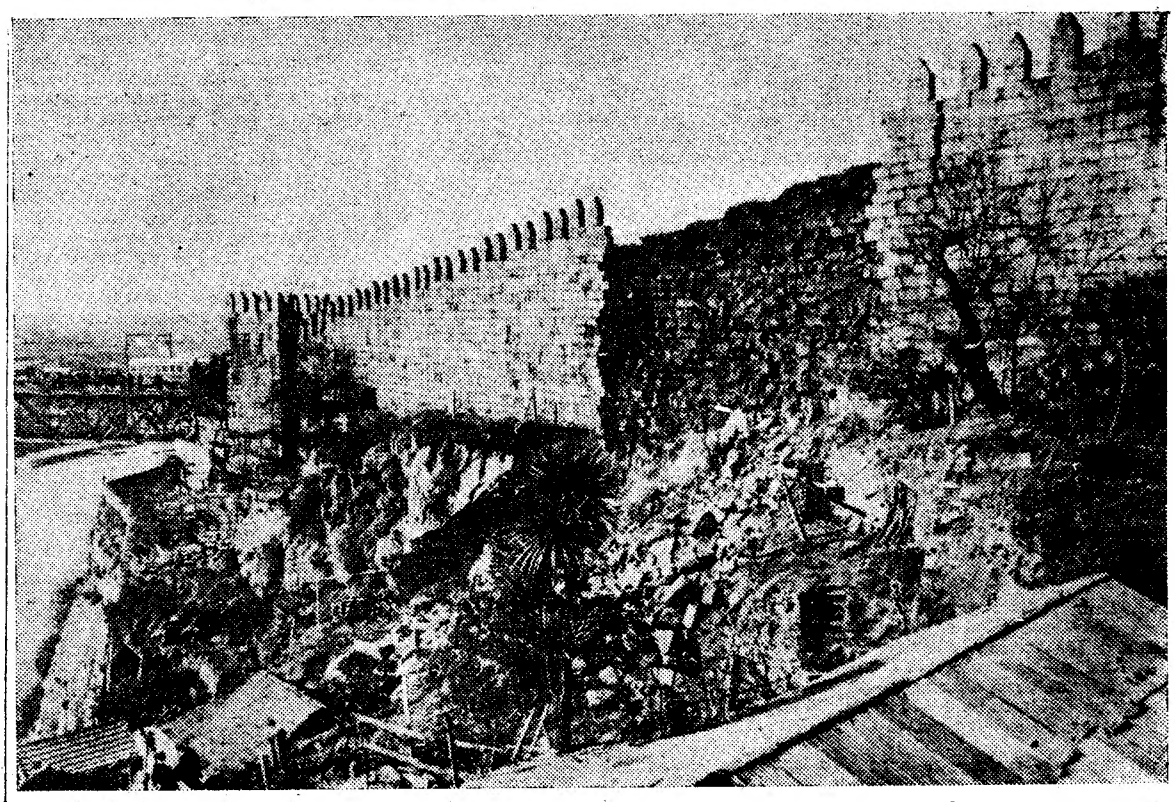
Reacende-se a querela entre a Jugoslávia e os países balcânicos

BELGRADO, 7. — No próprio dia em que o marechal Tito regressou da viagem de três meses, que acaba de fazer por diversos países da Africa e da Asia, reacendeu-se a querela entre a Jugoslávia e os seus vizinhos comunistas dos Balcãs.

O chefe de Estado jugoslavo, no discurso que ontem fez em Skoplie, referiu-se, pela primeira vez publicamente, a um aspecto pouco saliente dessa querela: as reivindicações territoriais da Albania e da Bulgária. O marechal Tito rejeitou essas reivindicações, salientando que a Jugoslávia não consentiria que se contestasse a sua soberania em regiões que tradicionalmente lhe pertencem. Sobre a Bulgária, Tito disse que esta cobiça a Macedónia. E ainda há pouco tempo o chefe do Partido Comunista da Albania, Enver Hodja, a quem o marechal Tito apodou de «Goebbels dos Balcãs», nessa altura, declarou que a região de Kosmet, zona fronteiriça no Sul da Jugoslávia, fora «separada da Albania».

A querela entra assim em nova

(Continua na ultima página)



Aspecto da derrocada da muralha fernandina, vendo-se a larga extensão da derrocada de ontem

Foram retirados cinco cadáveres das ruínas das casas do Porto destruidas pela derrocada da muralha fernandina

PORTO, 7 (Pelo telefone) — A tragédia que pesou sobre parte da população mantém-se viva, sofrendo todos a desgraça dessas famílias, a quem não bastava ser extremamente pobres, para sofrer. O balanço de oito mortes confirmou-se. Os ultimos corpos arrancados aos destroços da muralha fernandina ratificaram os termos dolorosos e a extensão da tragédia que há-de perdurar na lembrança deste bom povo obreiro e sofredor.

Entretanto, sob a direcção e com a acção directa do sr. eng. Arsénio da Fonseca, que tem sob as suas ordens cerca de 50 operários pedreiros, montantes e outros, iniciaram-se, ontem á tarde, os trabalhos de desobstrução, com o fim de retirar os corpos das pobres vítimas, apanhadas pelos pedregulhos e pedras que constituiam o pano da muralha.

Precisamente, 24 horas depois da tragédia, era retirado o cadáver de Maria Arminda Ferreira da Silva, de 8 anos, filha de Augusto Silva, que também pereceu no desastre, e de Marília dos Santos Ferreira, a unica sobrevivente do seu agregado familiar, pois perdeu o marido, quatro filhos e uma netinha de dois meses.

Pouco depois, foram retirados os cadáveres de Aida Ferreira dos Santos, de 20 anos, e de seu irmão, Alvaro Ferreira dos Santos, tipógrafo, de 17 anos, filhos da Marília, e, ainda, o corpo da pequenita Maria Fernanda da Costa, de 12 anos, orfã de pai e filha de Zulmira Ferreira.

Estes ultimos, apareceram já a hora adiantada da noite, suspendendo-se, então, os trabalhos, para prosseguir esta manhã, a partir das 8 horas. A missão dos trabalhadores era delicada e arriscada, mas ás 10 da manhã, foi possível arrancar aos escombros o corpo mutilado de José Augusto dos Santos. Era o chefe da família de Marília e com ele pereceram, como dissemos, quatro filhos e uma neta. Foram precisos 40 minutos para retirar o corpo, numa acção perigosa, devido á muita chuva que caiu durante a noite.

Após a retirada dos cadáveres, o eng. Arsénio da Fonseca determinou a suspensão dos trabalhos, aguardando-se que a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais proceda ao desmonte do pano da muralha oposto áquele que caiu,

(Continua na 14.ª página)

A solução que foi dada à questão de Chipre não deixa prever para a ilha um futuro tranquilo

PARIS, *Março.* — A solução dada á questão de Chipre pelos acordos de Zurique e Londres negociados entre os chefes dos governos grego e turco e que o Governo inglês sancionou é pior do que qualquer das que anteriormente a Grã-Bretanha sugerira para esse efeito. As soluções anteriores assentavam no princípio da união de Chipre á Grécia, a Enosis. Nunca se sugeriu qualquer outra fórmula nem o povo cipriota a concebia. Os próprios Ingleses reconheceram o seu fundamento e aceitaram a sua aplicação a distancia. A discussão procurava apenas esclarecer as modalidades e prazos dessa aplicação que devia fazer-se a prazo mais ou menos curto.

Segundo o ponto de vista britanico, apenas á Grã-Bretanha e á sua colónia de Chipre competia resolver o problema, o que não o impediu de negociar também com a Grécia. A Turquia que «vendeu» Chipre aos Ingleses e que, pelo tratado de Lausana, renunciou aos seus direitos á ilha, nada tinha a ver com esse problema nem que dizer sobre ele. O acordo greco-turco de Zurique pôs de parte a fórmula até aqui aceita e permitiu á Turquia voltar a ter um papel importante no futuro de Chipre. E' sobre este fundo que deve considerar-se o êxito diplomático de que se tem falado.

Uma partida perdida antecipadamente

Este resultado não deve surpreender ninguém. Para a Grécia e para o povo cipriota a partida que se jogou naquelas cidades estava antecipadamente perdida desde que o Governo inglês, para baralhar as cartas, introduziu no debate sobre Chipre o interlocutor turco e que o Governo grego se deixou apanhar no laço das negociações tripartidas — Grã-Bretanha, Grécia, Turquia. De aí resultou um agravamento das relações entre Atenas e Ankara com as suas lamentáveis repercussões

(Continua na 14.ª página)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Em 2.ª tiragem publicaremos os relatos completos dos desafios.

Tropas britânicas e aviões de transporte concentram-se no Quénia para possível intervenção na Niassalândia

LONDRES, 7 — Segundo anuncia a Imprensa londrina, a Grã-Bretanha prepara-se para enviar tropas para a Niassalandia. Doze aviões de transporte partiram já, de Chipre e Singapura, para Nairobi, onde os espera o 1.º batalhão do «King's Royal Regiment». Oficiais e praças estão de prevenção e vai ser posta em prática uma «ponte aérea» entre Nairobi e Blantire.

Sabe-se que nas pistas do aeródromo militar de Onan, nos arredores de Nairobi, esquadrilhas de aviões-transportes «Hastings», da R. A. F., se mantêm prontas a levantar voo, á primeira voz, com destino aos aeródromos da Federação das Rodésias e Niassalandia. Trata-se de esquadrilhas que foram transferidas das bases aéreas britanicas de Chipre e Singapura.

Círculos autorizados informam que a decisão do Governo foi tomada como medida de precaução, visto que, no caso de a rebelião assumir proporções mais graves, as forças de segurança locais não serão suficientes para proteger as vidas e bens da população europeia e das massas indígenas leais ás autoridades.

Diz o «Daily Herald», num se-

(Continua na 15.ª página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

O homem come e o destino manda

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

MAIMONIDES (Moshé ben Maimon—13 Março 1135—13 Dezembro 1204), natural de Córdova, símbolo da cultura universal do século XII, cujos aforismos («Peruch al Pirké Abucrat»), analisados á luz da vertente psicológica, encerram maior número de conhecimentos do

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

RENDER DA GUARDA

O presidente do Município de Lisboa pediu a sua exoneração. Ao cabo de quinze anos de funções, o tenente-coronel Salvação Barreto abandona o seu cargo. Lisboa fica a dever á sua energia e diligência uma renovação que não pode deixar de ser lembrada neste render da guarda inevitável. Alvalade, cidade nova, S. Miguel, o Areeiro, a Central Leiteira, o Metropolitano, o Matadouro dos Olivais, a valorização do castelo de S. Jorge e de Alfama, as festas da cidade, a demolição da Praça da Figueira e da Mouraria, esses dois belos pulmões de Lisboa, que são o Parque Eduardo VII e Montes Claros, os espectáculos sinfónicos gratuitos no Pavilhão dos Desportos, exposições de arte e outras de evocação citadina, tudo isso faz da obra do tenente-coronel Salvação Barreto um dos grandes vultos que têm passado pelo Município de Lisboa. A seu lado, Luís Pastor de Macedo, uma figura que serena e cortêsmente tem ocupado a vice-presidência da Camara, com aprumo, moralidade e inteligência, acompanha-o no pedido de demissão. Lisboa fica também a dever-lhe uma palavra de gratidão, pelo muito que fez pela cidade, especialmente nos domínios do espírito e da cultura.

FEIXE DE IMAGENS

O ministro do Interior deu posse ao novo governador civil de Bragança (dr. Horácio António Gouveia). Assistiram antigos membros do Governo, amigos do empossado e, entre outras entidades, uma larga representação do seu distrito. Falando da boa gente do Norte, o ministro do Interior lembrou a calorosa recepção que dele teve na sua recente visita ao Porto, aconselhando o novo chefe do distrito, para que bem possa chefiar, a deixar o seu gabinete para ir ao encontro do povo, ainda mesmo o dos pequenos aglomerados. Fez promessas muito interessante o dr. Horácio de Gouveia.

✱ Ontem, o prof. Marcelo Caetano, novo reitor da Universidade Clássica, foi á Casa de D. Dinis jantar com os rapazes dirigentes do Centro Universitário da M. P. Depois de ouvir os mestres, nas escolas superiores, o prof. Marcelo Cartano encetou o seu diálogo com a gente nova. Que pretende? De que se queixa, quais são os seus anseios e as suas duvidas? De tudo se vai falando, de todos se vai ouvindo. Foi assim na Casa de de D. Dinis e o diálogo prossegue, entre o reitor e os alunos.

✱ Uma notícia agradável para as bolsas ricas e habituadas a pratos excelentes. No rio Minho apareceu o primeiro salmão que se vendeu a 350 escudos o quilo. Rendeu a graça de 2.450 escudos, que bem hão-de saber a quem os há-de receber. Mas, a quanto subirá o seu custo, aqui para as bandas do Chiado? Valha-nos uma esperança... Dizem os entendidos de Venade (Caminha) que este será um ano rico de pesca de salmão, sável e lampreia.

✱ António Boto, que arrasta a sua decadência por terras do Brasil, continua a cumprir o seu fadário. Saíra, um automóvel passou, atropelou-o e atirou-o para um catre de hospital, sem identidade. Foi a polícia, guiada pela esposa, que o descobriu e levou para um quarto particular do hospital Miguel Couto. A' sua cabeceira debruçaram-se o secretário da Saude, o prefeito do Rio, o cônsul de Portugal, representantes de associações beneficentes portuguesas e culturais no Brasil. António Boto não os reconhece, porém. Sofreu grave fractura de cranio.

✱ Alguns casos de morte imprevista: por ter caído a um poço, Palmira de Jesus Oliveira (72 anos, Porto da Laje); por sobre ele ter desabado uma barreira, o servente David José da Canha (29 anos, Paredes de Coura) que trabalhava na Amadora; por ter caído de um muro, Maria de Freitas Bastos (21 anos, Pinheiro da Bemposta) que se casara havia poucos meses; e por ter caído ao Guadiana, Celestino Francisco (73 anos, Roncão, para os lados de Mértola).

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o ministro do Interior; prof. Paulo Cunha e contra-almirante José Filipe Castela. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o ministro do Exército; o presidente e o secretário do Instituto de Alta Cultura; o director da Arma de Artilharia; eng.º D. Francisco de Melo e Castro e tenente Carlos Emídio Navarro. ✱ Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros. ✱ Um autocarro da Carris atropelou mortalmente José Andrade, de 40 anos (Rua do Vale de Santo António, 253). ✱ Morreu electrocutado na cidade da Beira o mecanico electricista António Rosário Cristino Ubach (46 anos, natural de Gouveia, empregado na firma Sinja). ✱ Num acidente de viação, ocorrido em Sobradelo (Oliveira de Azemeis) morreu Mário da Silva Oliveira, viuvo, de 35 anos, residente em Santo António. ✱ Tropeçou numa pedra, caiu e morreu, Mário Augusto (Pedome, Valpaços), de 56 anos, negociante de batata. Era pai de sete filhos.

Visitou Oeiras o subsecretário das Obras Públicas

O sr. eng.º Saraiva e Sousa acompanhado do eng.º sr. Fernando Pessoa, seu secretário, e dos engs. Sá e Melo Celestino da Costa e Vasco Martins, respectivamente, director-geral dos Serviços de Urbanização, engenheiro fiscal do plano da Costa do Sol e técnico da Repartição de Casas Económicas da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, visitou hoje o concelho de Oeiras, onde foi recebido, nos limites do concelho, pelo presidente do Município, sr. Alvaro Roquete, e vários técnicos dos serviços camarários.

Durante a visita, o subsecretário das Obras Publicas ocupou-se principalmente de problemas gerais da urbanização do concelho e, ainda, de outros trabalhos relacionados com a arborização da zona regional de Algés; apreciou, também, a localização e o estudo da construção de bairros económicos em Oeiras e Paço de Arcos e, por ultimo visitou algumas obras municipais em curso, designadamente as da estrada Caxias-Paço de Arcos e as obras relativas ao novo mercado de Santo Amaro de Oeiras.

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
NO TERRAÇO DAS ESTRELAS
O CASTIÇO
"BALLET RELICARIO"
Amanhã: «matinée» com todas as atracções. Chá completo 25$00
(Maiores de 17 anos)

Principiaram hoje na Faculdade de Braga os Colóquios de Estudos Filosóficos

BRAGA, 7 — (Pelo telefone) — Sob a presidência do reitor da Universidade do Porto, sr. prof. dr. Amandio Tavares, e com a assistência de representantes de todas as Universidades portuguesas e das espanholas de Madrid, Valência, Salamanca e Compostela, além de numerosos intelectuais, iniciaram-se hoje, na Faculdade Pontifícia de Filosofia, nesta cidade, os trabalhos do I Colóquio de Estudos Filosóficos, promovido pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, com a colaboração daquela Faculdade e sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura.

A sessão inaugural foi dedicada ao estudo da obra de Pedro da Fonseca, e nela apresentaram comunicações os srs. professores rev. dr. Cassiano Abranches, da Faculdade de Filosofia de Braga, sobre «Pedro da Fonseca e a sua obra metafísica»; dr. Vitorino de Sousa Alves, sobre «Espaço e tempo em Pedro da Fonseca»; dr. Lucio Craveiro da Silva, sobre «Confronto com uma posição extra-escolástica — princípios metafísicos de Francisco Sanches»; e dr. Julio Fragata, sobre «Metafísica tomista e metafísica husserliana». Antes dos trabalhos do Colóquio, o prof. dr. Amandio Tavares proferiu o discurso inaugural.

A primeira jornada do Colóquio prosseguirá esta noite com uma sessão comemorativa do 25.º aniversário do Instituto de Filosofia Beato Miguel de Carvalho, actualmente Faculdade Pontifícia de Filosofia.

As sessões de amanhã e segunda-feira realizar-se-ão na Universidade do Porto.

Hoje, é esperado nesta cidade o prof. dr. Miguel Cruz Hernandez, da Universidade de Salamanca; e amanhã, os professores drs. Carlos Paris Amador, da Universidade de Compostela; e Adolfo Muñoz Alonso, das Universidades de Madrid e Valência e presidente do Instituto Superior de Altos Estudos Europeus, de Bolzano.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

PROCESSOS POR BURLA — A Polícia Judiciária (7.ª secção) está a investigar um caso de numerosas burlas praticadas por diversos indivíduos, pelo método do anel achado.

O sistema já é antigo, mas os burlões, quando as suas vítimas não se lhes apresentavam com dinheiro, para satisfazer a compra da jóia falsa, tratavam logo de um acordo, por troca de outros valores que no momento posuissem. As pessoas lesadas são já em grande numero, pelo que se devem dirigir àquela corporação quantos tenham caído no logro, a fim de apresentar as suas queixas.

ESTABELECIMENTO ASSALTADO — Os gatunos partiram, esta madrugada o vidro da montra do estabelecimento de fazendas da Rua Elias Garcia, 221, na Amadora, em frente do parque, pertencente ao sr. Adriano Ferreira Marques, e roubaram vários artigos que se encontravam expostos na referida montra. Foi apresentada queixa na Polícia Judiciária.

EM 3 LINHAS

Foi nomeado presidente da Camara Municipal de Santa Marta de Penaguião o sr. José Aureliano Gomes Taveira, professor do ensino primário.

///

As batatas estão a vender-se em Sernancelhe, a 17$00, a arroba, o que ali se considera bom preço.

///

Vão ser construídos um cais para passageiros e o respectivo abrigo, do lado direito da linha do Tua, para o novo apeadeiro que servirá a freguesia de Vinhas.

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16. Largo do Carmo

O EIXO PARIS-BONN

(Continuação da página anterior)

combate ao nazismo. Derrotada nos campos de batalha por um inimigo que a ocupou demoradamente, figurou entre os vencedores. Diminuida pelas vicissitudes do conflito, em território e prestígio, continuou a figurar entre as grandes potências que decidem da sorte do Mundo.

Dos escombros da derrota emergiu uma figura, desconhecida do grande público, para interpretar essa transfiguração. Como Pétain, de Gaulle representou um princípio e ergueu um estandarte. O primeiro simbolizou, com o passado, a conformação dos Franceses que se resignaram e submeteram. O segundo encarnou, com a sua fé, o futuro e o que ele prometia. O discurso histórico de 18 de Junho foi um toque de clarim contra o derrotismo que degrada e corrompe a alma das nações. Os seus diálogos dramáticos com os chefes aliados, que tinham a força e ignoravam a França, constituem uma página de história que atesta como a independência nacional e o orgulho patriótico operam milagres nas horas de provação.

De Gaulle subiu ao Poder pela segunda vez para resgatar a sua pátria das derrotas militares e dos desaires diplomáticos semeados na estrada que percorreu em seguida á libertação. Dien Bien Phu e o Suez avultam nela como marcos dolorosos. O General falou aos seus compatriotas da «grandeza francesa» e de novo apontou a rota do futuro com as suas esperanças, convidando-os a esquecer os atalhos do passado com as suas desilusões. No nosso tempo, a grandeza tem exigências e implica responsabilidades que podem levar aos holocaustos sem remédio.

Para a renovar fez tentativas que o êxito não coroou. Encontrou-se, há dias, nos arredores de Paris com o chanceler Adenauer, artífice infatigável do ressurgimento do seu país. O par França-Alemanha, de que falou Romains e de que Brinon foi o agente activo, tem um nome que aparece com frequência no noticiário corrente. E' o eixo Paris-Bonn, cuja designação evoca a época em que a Itália ocupou o lugar que os acontecimentos confiam agora á França. Que acção vai ele exercer e que papel se propõe desempenhar nos próximos acontecimentos, dos quais depende a sorte da Europa? O seu aparecimento é uma desconcertante surpresa para os que viam na Alemanha o inimigo hereditário de um vizinho que receava as suas depredações cíclicas. A sua missão constitui, por enquanto, uma incógnita que só o tempo esclarecerá.

VIDA ARTÍSTICA

Novos corpos gerentes da S. N. B. A.

A assembleia geral ordinária da Sociedade Nacional de Belas-Artes elegeu os seus novos corpos gerentes para o biénio de 1959/60. Para a presidência da assembleia geral e do conselho fiscal foram eleitos, respectivamente, o prof. Abílio Meireles e o escultor Raul Xavier; e a direcção ficou constituída como segue: prof. Armando de Lucena, arq.º Inácio Peres Fernandes, dr. Jaime Murteira, arq.º Frederico George, prof. Machado da Luz, arq.º Francisco Conceição Silva, Silva Lino, dr. José Julio Andrade dos Santos, Reinaldo Silva e Luís Dourdil.

Um novo cabo submarino

ao serviço das comunicações aéreas

A Imprensa mundial referiu-se com destaque, nos ultimos dias, a acidentes verificados com cabos submarinos que ligam a Europa ao continente norte-americano, levantando-se em torno do caso sérios problemas internacionais. A possível interferência de navios de pesca soviéticos no corte do cabo sub-Atlantico constituiu o aspecto mais delicado do incidente, que não foi ainda cabalmente esclarecido.

Entretanto, a Organização Internacional de Aviação Civil anuncia que um novo cabo submarino vai ser lançado entre a Terra Nova e a Escócia, com passagem pela Gronelandia e pela Islandia, com o objectivo de apoiar especialmente as comunicações aéreas sobre o Atlantico Norte. Sabe-se que o sistema de comunicações radiofónicas nessa área não tem funcionado satisfatòriamente, devido ás perturbações nos circuitos de alta frequência motivadas pelas auroras boreais das regiões subárcticas. Em certos períodos verificam-se fases de completo «black-out» radiofónico que obrigam a paralisar a navegação aérea naquela área, com sérios prejuizos para o transporte de passageiros e mercadorias.

O projecto em que a I. C. A. O. está interessada implica o lançamento de um cabo submarino de Corner Brook (Terra Nova) até Frederiksdal (Gronelandia), seguindo para Vestmannaeyjar (Islandia) e daí até Gairloch (Escócia). A ligação directa do cabo aos grandes areoportos das duas margens do Atlantico tornará possível a manutenção de um sistema de comunicações permanentes para orientação do tráfego aéreo transatlantico, sem as dificuldades e perturbações que afectam a comunicação radiofónica e funcionando como um telefone sempre disponivel entre os dois continentes. O cabo deve ficar instalado o mais tardar, até 1962, mas espera-se que possa funcionar ainda em 1961.

A exploração da nova linha de comunicações telefónicas será garantida em condições de rentabilidade objectivamente estudadas pelos técnicos. As secções entre a Terra Nova e a Islandia serão pagas, até metade do seu custo, pelo Canadá no prazo de 20 anos, calculando-se que o rendimento anual do serviço nessa linha telefónica será superior a 500 mil dólares por ano.

A secção entre a Islandia e a Escócia será paga, também em metade do seu custo, pela Inglaterra, computando-se em 272 mil dólares por ano o rendimento da sua exploração. O restante dos encargos da instalação será pago por 14 países cujas linhas aéreas têm interesse no funcionamento do sistema; mas supõe-se que a utilização do cabo submarino para outros fins, alheios velmente esses encargos, facilitará aviação civil, reduzirá considerado a amortização do empreendimento no interesse geral.

Este projecto é eloquente testemunho da cooperação internacional no domínio das comunicações aéreas e dos importantes serviços da Organização Internacional de Aviação Civil no desenvolvimento das relações entre a Europa e a América.

Tempora's na América

DETROIT, 7.—Duas grandes tempestades cobriram de neve, durante a noite, os Estados do Midwest e flagelaram a costa Sul do Atlantico, com forte ventania e chuva torrencial.

Em consequência do mau tempo, 20 pessoas perderam a vida—10 em Iowa, três em Wisconsin e sete em Indiana.—(Reuter).

Foi hoje celebrado

um novo contrato colectivo para a indústria gráfica

No gabinete do ministro das Corporações, realizou-se esta manhã a cerimónia de assinatura do novo contrato colectivo de trabalho para a industria gráfica, celebrado entre o Grémio Nacional dos Industriais Gráficos e a Federação Nacional dos Sindicatos de Tipógrafos, Litógrafos e Oficios Correlativos. Além dos membros das direcções dos dois organismos, assistiram ao acto os dirigentes dos Sindicatos Nacionais dos Tipógrafos, Litógrafos e Oficios Correlativos de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Aveiro, o assistente dos serviços de Acção Social, etc.

Discursaram, por parte do Grémio, os srs. Armando Figueiredo, presidente da direcção, que, entre outras coisas, afirmou: «Não se pretendem situações de favor, mas justiça, apenas justiça para os industriais e para os seus assalariados», e pediu a publicação urgente do regulamento da profissão; e eng. Fernando Lourenço Pereira, presidente do conselho geral, que agradeceu a celebração do contrato colectivo de trabalho e enalteceu as suas benéficas consequências. Falou, também, pela referida Federação, o seu secretário, sr. Luís Maria da Costa, que declarou: «Não há duvida que alguns milhares de trabalhadores irão ser beneficiados com esta revisão, especialmente o Norte do País, onde se irão verificar aumentos de 20 escudos diários e noutros locais da província, onde se pagava ainda pelo contrato de 1945», elogiando a acção do presidente, sr. Tomás de Aquino, cujo abandono lamentou e formulando votos para que possam ser brevemente renovados os contratos que faltam: Litografia e Imprensa Diária, também muito desactualizados.

Por ultimo, discursou o ministro, para manifestar o seu agrado pelo novo acordo, que vai melhorar a situação de alguns milhares de trabalhadores e homenageou os dirigentes do Grémio e dos Sindicatos, terminando por dizer: «Vê-se assim como é proveitoso fomentar uma vida intensa dentro dos organismos corporativos, através do reconhecimento das atribuições que lhes pertencem, sem embargo, claro está, de se impedir que eles exorbitem do seu campo de acção».

SEMINÁRIOS

sobre programação matemática

O Centro de Estudos de Estatística Económica, mantido pelo Instituto de Alta Cultura e subsidiado pelas fundações Rockefeller e Calouste Gulbenkian, vai promover, nos meses de Abril, Maio e Dezembro, com o apoio financeiro da Fundação Gulbenkian, seminários sobre programação matemática.

De 6 a 28 de Abril, haverá um curso preparatório, dirigido pelo sr. dr. Bento Murteira; em Maio, o sr. Ed. Malinvaud, do Centro de Estudos dos Programas Económicos, de Paris, proferirá diversas lições sobre teoria e prática elementar dos programas lineares; e em Dezembro, o sr. G. T. Guilbaud dará lições de teoria matemática dos programas.

As inscrições de técnicos interessados, gratuitas, são aceites na sede do Centro, Avenida Infante Santo, lote 3, 1.º, C, Lisboa, até ao dia 21 deste mês.

O comandante-geral da P. S. P. cumprimenta o novo chefe do Estado-Maior daquela corporação

Tomou hoje posse

o chefe do Estado-Maior da P. S. P.

No gabinete do comandante-geral da Polícia de Segurança Publica, efectuou-se hoje a cerimónia da posse do chefe do Estado-Maior da corporação, sr. capitão Jesofeth Monteiro de Figueiredo, que vai preencher, pela primeira vez, aquele lugar recentemente criado. Ao acto, que foi muito concorrido, assistiram, entre outros oficiais da corporação, o 1.º e o 2.º comandante da P. S. P. de Lisboa, respectivamente, srs. tenente-coronel Edmundo Cunha e major Luís Canelas, e o antigo comandante, sr. coronel Carlos Maria do Carmo.

Depois de lido o auto de posse, e do sr. capitão Jesofeth Figueiredo ter prestado o compromisso de honra, o comandante geral da P. S. P., sr. coronel Fernando Magalhães Matos e Oliveira, pronunciou um discurso em que disse que o facto de ter aguardado, no Ministério do Interior, cerca de quinze dias, antes de ter tomado posse, lhe dera oportunidade de proceder a um rápido estudo sobre a organização daquela corporação, chegando á conclusão de que era indispensável dotá-la de novos meios de acção, embora possuisse alguns serviços a cuja eficiência prestou justiça.

Felizmente — acrescentou — que o sr. ministro do Interior se apercebeu deste estado de coisas e teve já o cuidado de remediar, em parte, tais inconvenientes, promovendo alteração á lei, no sentido de o adjunto ser um oficial do Estado-Maior.

Terminou fazendo o elogio do empossado. O sr. captão Jesofeth Monteiro de Figueiredo, depois de agradecer os elogios que lhe foram feitos e a presença das pessoas que tinham ido assistir á posse, declarou que não tinha programa a apresentar, porque não era comandante, pois a sua missão era colaborar, fazer estudos, elaborar planos e apresentá-los ao comando e, depois de aprovados, fazê-los executar. Terminou por declarar que as portas do seu gabinete estavam sempre abertas para todos os oficiais da corporação.

No final, foi muito cumprimentado e abraçado.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA

dos Empregados de Escritório

Como no ano anterior, a direcção da Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos, cujo terceiro aniversário passou no dia 1 do corrente, manda rezar, na Igreja dos Mártires, no próximo dia 10, pelas 12 e 30, uma missa de sufrágio por todos os falecidos beneficiários daquela instituição e das que lhe antecederam — Caixa de Previdência dos Empregados dos Organismos Económicos, Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e Caixa de Previdência do Clero Português, cumprindo deste modo um preceito estabelecido no regulamento da ultima das mencionadas instituições.

Assistem os beneficiários e famílias.

feiras da EUROPA

PRIMAVERA DE 1959

BRUXELAS · LEIPZIG · NUREMBERG · COLONIA · OFFENBACH · FRANCFORT · HANNOVER

VISITE AS FEIRAS DA EUROPA UTILIZANDO AS LINHAS DA

SABENA LINHAS AEREAS BELGAS

CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS

NEO-PENITROL

Uma nova fórmula potenciada

ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

SALDOS E RETALHOS

Tecidos para estofos e decorações

Liquidação, a preços excepcionais, de:

MARQUISETTES E ETAMINES * TAPEÇARIAS * REPS * CRETONES * VELUDOS * CARPETES * ALCATIFAS * ETC.

Chamamos a especial atenção para Estofadores e Decoradores

ARMAZENS OLAIO

Rua da Atalaia, 38 – LISBOA

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

AMANHÃ
ESP.ª À TARDE ÀS 16 HORAS

A NOVA REVISTA DO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
ADULTOS — M/17 ANOS
É UM ÊXITO MEMORÁVEL DE
SALVADOR
E DE TODA A SUA ALEGRE COMPANHIA
Às 20.30 e 22.45

SEMPRE ENCHENTES E NOVOS EXITOS DE GRANDE SENSAÇÃO

AURELIA RIOS
EM BAILADOS DE ESTILO CLÁSSICO
MARGARITA RUIZ
EM MARAVILHOSAS CANÇÕES
PAQUITA FORTES
EM ADMIRÁVEIS BAILADOS
TRIO MADRID
EM VIBRANTES DANÇAS E CANÇÕES TÍPICAS
No Salão Típico: CEIAS—FADOS—GUITARRADAS
com «MANOLILO DE BERBES» em
NOTÁVEIS CANTARES FLAMENCOS

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)
NA PRÓXIMA SEMANA:
8 ESTREIAS QUE VÃO DAR ALTO BRADO

LES VILLALTA
NO SEU TRIUNFAL REPORTÓRIO
LILLONGO
ESBELTA VEDETA FRÍVOLA
O FAMOSO CANTOR
PIPPO LIVOLSI
E O SEU
BALLET ARCOBALENO
NUM CONJUNTO FASCINANTE
e, ainda, todo o elenco de ouro do «RITZ» com
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

VIELA
com
CELESTE RODRIGUES
FADOS E CANÇÕES
R. TAIPAS
(Maiores 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 - Tel. P B X 29807

SÃO JORGE

tem a honra de tornar públicos alguns títulos dos filmes que fazem parte da sua sensacional programação para o ano corrente

Os Vikings
KIRK DOUGLAS, TONY CURTIS, ERNEST BORGNINE, JANET LEIGH

O VENTO NÃO SABE LER
(The Wind Cannot Read)
DIRK BOGARDE, YOKO TANI

O TROCA-TINTAS
(The Horse's Mouth)
«SIR» ALEC GUINESS

OS TUBARÕES DO PACÍFICO
(Run Silent, Run Deep)
CLARK GABLE, BURT LANCASTER

OS 39 DEGRAUS
(The Thirty Nine Steps)
KENNETH MORE, TAINA ELG

SÓ FICOU A SAUDADE
(Kings Go Forth)
FRANK SINATRA, TONY CURTIS, NATALIE WOOD

O HOMEM DO OESTE
(Man of the West)
GARY COOPER

O DILÚVIO DO MEDO
(Floods of Fear)
HOWARD KEEL, ANNE HEYWOOD

QUERO VIVER!
(I Want to Live!)
SUSAN HAYWARD

A MULHER E O FANTOCHE
(La Femme et le Pantin)
BRIGITTE BARDOT, ANTÓNIO VILAR

E DENTRO DE BREVES DIAS

OS NÚS E OS MORTOS
(The Naked and the Dead)
Uma obra fundamental do moderno cinema americano
ALDO RAY, CLIFF ROBERTSON, RAYMOND MASSEY, LILI ST. CYR, BARBARA NICHOLS

FONTORIA
O DANCING DOS ÊXITOS
Rua da Alegria — Telefone 35431
Adultos, maiores de 17 anos
APRESENTA HOJE A ESTREIA DE ALTA CATEGORIA
Trio Rosas de España
COM SUAS ESTONTEANTES FORMOSURAS
NOTÁVEL ÊXITO DA ESTRELA DE BAILE
ROSITA DEL VALLE
A grande atracção
EMILIO Y SUS MORENAS
e a super-vedeta
LINDA del VALLE
UM CARTAZ CHEIO DE ACONTECIMENTOS INTERNACIONAIS

TRINDADE HOJE às 21,45 UMA GRANDE CRIAÇÃO DE EUNICE MUÑOZ
Os pássaros de asas cortadas
AMANHÃ, «MATINÉE» AS 16,30 HORAS (M/ 17 ANOS)

Opera no Coliseu
ASSASSÍNIO NA CATEDRAL
Primeira audição popular

A FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO, avisa os seus beneficiários, C. A. T., C. R. P. e Sindicatos que efectuaram por escrito ou telefónicamente, a marcação de bilhetes para este espectáculo a preços especiais — Geral simples, 5$00; e Geral reservada, 10$00 — que procedam ao seu levantamento, impreterivelmente até ás 15 horas do próximo dia 9.

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
4.º MÊS
TODAS AS NOITES, AS 21 e 45 (12 ANOS)
UM ÊXITO APOTEÓTICO
O PROCESSO DE JESUS
AOS SÁBADOS, ÀS 16 HORAS, TARDES POPULARES
A PREÇOS REDUZIDOS

LUSO
R. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
Maiores 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam Aurora Sobral — Baptista Martins — Maria Vicente — Manuel Hilário — Isaura A. de Carvalho e o «ás» do f. António dos Santos. Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami
Amanhã — Grandiosa «Matinée»

Leiam o «SEMPRE FIXE»

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Depois de amanhã, o Teatro Experimental do Porto representa, no Teatro Avenida, de Coimbra, a peça «Requiem», primeiro dos espectáculos promovidos pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra.

— A companhia de revistas do Teatro ABC só em princípios de Abril, se estreará no Porto, com a revista «Vinho novo».

— Se a actual companhia do Teatro Monumental se deslocar ao Porto, para representar as peças «Gigi» e «Eles, elas e... os meninos», é provável que a protagonista da primeira destas peças, tenha nova intérprete.

— O cómico Almeidinha, da companhia luso-brasileira, que está a actuar no Porto, vai amanhã, participar no programa do «Comboio-Foguete» que se realiza no Coliseu daquela cidade.

— O pintor e cenógrafo Manuel Lima, está já a trabalhar nos figu-

(Continua na 11.ª página)

Restaurante
ALVALADE
SERVIÇO DE RESTAURANTE REMODELADO
Chás dançantes ás Quintas, Sábados e Domingos
Aberto até ás 3.30
(Adultos M. 17 anos)
Telef. 779151

Vá ao teatro, ver os êxitos do momento!

AVENIDA

HOJE AS 21.45 HORAS
P. MAIORES DE 12 ANOS
A Companhia do Teatro de Sempre apresenta a comédia
DE HENRIQUE SANTOS

UM MARIDO EM RODAGEM

com Samwel Dinis — Carmen Dolores — Rogério Paulo—Madalena Sotto — Adelina Campos — Fernanda Alves — Constança Navarro—Carmen de Almeida e Armando Caldas

Rogério Paulo

DOMINGO — ÀS 16 HORAS — ESPECTÁCULOS À TARDE!

VARIEDADES

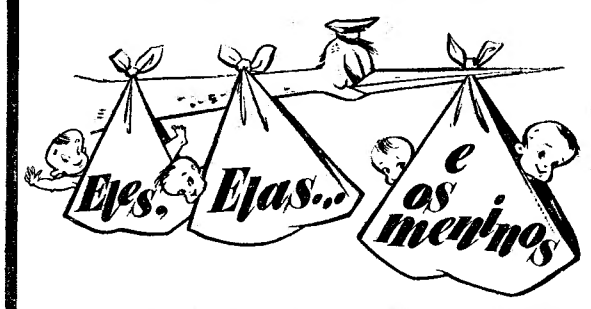
HOJE AS 21.45 HORAS
P. AD M/17 ANOS
SÓ ATÉ DOMINGO

LAURA ALVES
NA SUA MAIOR CRIAÇÃO EM
«A RAINHA DO FERRO-VELHO»
com
ASSIS PACHECO, Maria Helena, Artur Semedo, Alberto Ribeira, Joaquim Miranda, Tomás de Macedo e Maria Luizete

MONUMENTAL

T. 55133

ESP. VASCO MORGADO, LDA.
HOJE ás 21.45 h.
(P/ ADULTOS M/ 17 ANOS)
O ÊXITO DE GARGALHADAS
A COMÉDIA DE ANDRÉ ROUSSIN



com IRENE ● BENAMOR ● PAULA ● SANTANA
DULCE ● MACIEIRA

HOJE e AMANHÃ, ás 18.30 H.

3.º BALCÃO FRENTE, 5$00
2.º BALCÃO a 10$00 — PLATEIA a 15$00

RESTAURANTE REGIONAL

Vila Franca de Xira
Rua Serpa Pinto, 92
AOS DOMINGOS
Açorda de sável — Dobrada á regional — Cabrito á Ribatejo — Bifes á regional

ABC

EMP. TEATRAL ABC LDA.—T. 366745
PARA MAIORES DE 17 ANOS
4.º MÊS

HOJE
E TODAS AS NOITES ás 20.30 e 22.45
AOS DOMINGOS ESPECTACULO A'S 16 HORAS

JOSÉ MIGUEL apresenta: **O GRANDE CARTAZ DA GARGALHADA**

VINHO NOVO

UM ELENCO POPULAR ✱ A unica sala do Parque Mayer com aquecimento

IMPÉRIO

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 1959 ÀS 18,30 HORAS
Festa Artística de
DOMINGOS MARQUES

COM A COLABORAÇÃO GENTIL DOS DISTINTOS ARTISTAS
(Por ordem alfabética)
Aida Baptista, Anita Guerreiro, António Alvarinho, Artur Ribeiro, Bibi Ferreira, Carlos Coelho, Carlos Ramos, Conde Aguilar, Deolinda Rodrigues, Elvira Velez, Guilherme Kjölner, Helena Tavares, Herminia Silva, Humberto Madeira, João Aleixo, José Viana, Ivone e Clara, Laura Alves, Leónia Mendes, Loris Velli, Luís Horta, Luís Piçarra, Madalena Iglésias, Manuel Fernandes, Manuel Lereno, Maria Amélia Canossa, Maria de Fátima Bravo, Mimi Gaspar, Maria José Valério, Moniz Trindade, Raul Solnado, Rui de Mascarenhas, Simone de Oliveira, Teresa Gomes, Trio Odemira e Tristão da Silva
COLABORAÇÃO ESPECIAL DOS LOCUTORES
Artur Agostinho e Leite Pereira
Orquestra sob a direcção do maestro *Carlos Dias*
Acompanhamentos á guitarra e á viola por *Jorge Fontes, José M. Nóbrega, Vitor Ramos, Alfredo Mendes, Carlos Gonçalves e Joaquim do Vale*
(M/ 12 ANOS)

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, ÀS 15.30, TODOS OS PALHAÇOS DO COLISEU EM FRENTE DAS VACAS BRAVAS

num espectáculo empolgante, novo e imprevisto que vai ser a alegria da petizada, com um cavaleiro, bandarilheiros, forcados, saltadores, acrobatas e equilibristas no arame

Luciano e os seus musicos faz-tudos

num extraordinário concerto de fazer rir o mais sisudo, não é uma Charlotada, mas um espectáculo novo
Bilhetes á venda nos Restauradores, 7, com preços desde 7$50

Maiores de 6 anos

N-I-N-A

«BOITE DE NUIT» (Adultos, m. 17 anos)

Apresenta um êxito

BALLET HUNGARIA

Um SHOW sensacional com as suas esculturais bailarinas

SENHORA

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel! —
UMA PEGA 6$50 no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

Casapoga

O MAIS SELECTO PONTO DE REUNIÃO
SÁBADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas com todo o elenco de atracções
TELEF. 23584
Empresa **MANUEL ZEFERINO**
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

HOJE: ESTREIA DA ATRACÇÃO
MARIO DE LA VEGA y su «BALLET» ESPAÑOL
EM PLENO GRANDIOSO ÊXITO:
O ESCULTURAL «BALLET» ALECOS ALVAREZ
A famosa vedeta **ESPERANZA ROY** em admiráveis bailados
Musica constante por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) Em Metrocolor
Uma história de amor de apaixonante interesse
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paul Newman** e **Burl Ives**
Rigoroso exclusivo de temporada

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
do filme português colorido em Scope
A COSTUREIRINHA DA SÉ
com **Maria de Fátima Bravo, Lina Vaz** e **Jacinto Ramos**
(Maiores de 12 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
4.ª SEMANA
O filme de **Clouzot** de que todos falam!
AS DIABÓLICAS
com **Simone Signoret — Paul Maurisse** e **Vera Clouzot**

ODEON — Telefone 26283
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma deliciosa comédia, com **Giovanna Ralli** e **António Cifariello**
PECADO DE CASTIDADE
Uma história inédita no Cinema...

CINEMA IDEAL
Às 21 (M/12 anos)
Cinemascope
OKLAHOMA
Falsa justiça

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
POR AMOR DUMA RAINHA
Os tios da província

L I 2 — TEL. 48560
21 h. (M/17 anos)
Cinemascope
IRMÃO CONTRA IRMÃO
O ANJO DE SUSANA

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
do romance de Dostoiewsky
O JOGADOR
com **Gérard Philipe** e **Liselotte Pulver**
Amanhã ás 11 h., ses. clás. «**O quinteto era de cordas**» — (M/12 anos).

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Grandioso êxito!
Uma das maiores audácias na arte do «suspense» em Cinemascope com **Al Hedison** e **Patrícia Owens**
A MOSCA
Porque não é condenada uma mulher que assassina o marido a pedido dele?
(Adultos — Maiores 17 anos)

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um filme ardente baseado na célebre peça de **Tenessee Williams**
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paulo Newman** e **Burl Ives**
Rigoroso exclusivo da temporada

CAPITÓLIO — TEL. 27493
A's 21 (M/17 anos)
GANGSTERS EM PARIS
com Jean Gabin
Technicolor
LOUCURA EM VENEZA
com Katherine Hepburn

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope Techn.
A ÁRVORE DA VIDA
c/ Montgomery Clift

ROYAL — TEL. 45047
Às 21 (M/12 anos)
COW-BOY
com Glenn Ford
O MORDOMO DA ILHA DESERTA

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
ESCRITO PELO DESTINO
com Georg Nader

IMPÉRIO — Tel. 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r). e 21.30 (M/17 anos)
TYRONE POWER
Marlène Dietrich
Charles Laughton
no filme de maior «suspense» dos ultimos 20 anos
TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
de **Billy Wilder**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Toda a furia sangrenta dos dias tenebrosos da revolução francesa!
DIRK BOGARDE, DOROTHY TUTIN e CECIL PARKER em
À SOMBRA DA GUILHOTINA

ROMA — Telef. 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O drama de uma rapariga que arriscou a vida por amor
O MEU MAIOR PECADO
Cinemascope
com **Rock Hudson** e **Dorothy Malone**

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Cinemascope
O mais estrondoso e triunfante êxito da comédia musical
G I G I
com **Leslie Caron, Maurice Chevalier** e **Louis Jourdan**
Rigoroso exclusivo de época

AVIS — Tel. 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma opereta encantadora que faz reviver a romantica e alegre VIENA das valsas
O ARQUIDUQUE E A COSTUREIRA
em Agfacolor
com **Sonia Ziemann** e **Rudolf Prack**

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O jogo Barreirense-F. C. Porto

é o mais importante da jornada

mas nos restantes o interesse também prevalece

O campeonato está próximo do fim, mas as posições dos clubes, nada menos que sete, continuam á espera de um esclarecimento definitivo. Dois lutam, digamos, pela posse do 1.º lugar — Benfica e F. C. Porto — e cinco procuram fugir dos quatro ultimos postos — Caldas, Torriense, Académica, Sp. Covilhã e Barreirense.

Na jornada de amanhã, talvez haja novidades. O F. C. Porto figura como visitante e das cinco equipas em dificuldade, quatro jogam no seu ambiente, factor precioso nesta arrancada decisiva.

O calendário agrupa os seguintes encontros:

Barreirense-F. C. Porto
Benfica-Lusitano
Belenenses-V. Setubal
Sp. Covilhã-Sporting
Académica-C. U. F.
Caldas-V. Guimarães
Sp. Braga-Torriense

Um deslize do F. C. Porto deixará o Benfica em óptima situação, enquanto na «zona perigosa» as vitórias dos visitados só servirão para reforçar a inquietação geral, visto que manter-se-á a aproximação que tem caracterizado a acção de cada um dos protagonistas. Se os Nortenhos vencerem, é caso para dizer-se que a jornada será de autêntico «suspense» o que só representa um benefício para o torneio, aliado ao contentamento das tesourarias dos clubes...

* * *

O «fantasma» do Benfica tem, na realidade, um jogo dificilimo no Barreiro devido ao desejo da equipa local em coleccionar dois pontos o que a verificar-se deixará o Barreirense mais aliviado. Mas se acontecer o contrário, aliás o F. C. Porto reune todas as possibilidades, então a situação da turma de Faia agravar-se-á. Infere-se, portanto, que o embate proporcionará um somatório de emoções e um despique acentuadamente rijo e entusiástico. A força realizadora dos «portistas» é uma garantia mas a voluntariedade dos Barreirenses também deve ser considerada. Talvez um empate deixe uns e outros insatisfeitos, mas quem vencer terá que suar muito, salvo se uma inspiração luminosa banir todos os obstáculos iniciais.

O Benfica recebe o Lusitano. Apesar de se contar com uma porfiada defesa dos Eborenses é natural que os «encarnados», disso avisados, não se entreguem a devaneios e procurem a baliza com a decisão que convém. A previsão da vitória dos visitados entra no domínio da lógica.

No Restelo trava-se o jogo tranquilo. Qualquer das equipas não tem problemas especiais a resolver, mas ao Belenenses interessará o triunfo, enquanto não for decidido o protesto pelo conselho jurisdicional da F. P. F.

O jogo pode fornecer um despique interessante, com realce para a valorização técnica. A reabilitação dos «azuis» afigura-se um facto positivo.

Nos restantes encontros, verifica-se que a pior missão cabe ao Torriense, embora não se esqueçam as proezas do Restelo e do Barreiro. Todavia, as possibilidades são reduzidas. Já o mesmo não parece suceder no que se relaciona com as tarefas do Caldas e Académica, francamente favoritos. Os Covilhanenses terão um adversário mais categorizado, a despeito de forma incerta. Na verdade, o Sporting, apesar de todas as contingências, reune condições para transtornar os planos dos serranos.

Equipas prováveis

BARREIRENSE—Bráulio; Faneca e «Lança»; Abrantes, Pinto e Arturo; Oñoro, Correia, José Augusto, «Faia» e Godoy.

F. C. PORTO—Acursio; Virgilio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

Arbitro: Joaquim Campos (Lisboa).

BENFICA—Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; «Chino» ou Palmeiro, Coluna, Águas, Salvador ou Mendes e Cavém.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; «Fialho», Vicente, Caraça, Flora e José Pedro.

Arbitro: António Baptista (Setubal).

BELENENSES—José Pereira; Pires e Paz; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Abdul, Mendes, «Matateu» e «Iauca».

VITÓRIA F. C.—Libanio; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio, Miguel, Mendonça, Fernandes e Virgílio.

Arbitro: José Alexandre (Setubal).

SPORTING DA COVILHÃ—Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cabrita e Lourenço; Gabriel, Suarez, Caldas, Coreles ou Martinho e Óscar Silva.

SPORTING—Sá; Hilário e Morato; Mendes, Galaz e Julius; Hugo, Caraballo ou Travaços, Pompeu, Diego e Morais.

Arbitro: João Pinto Ferreira (Porto).

ACADÉMICA — Cristóvão; Araujo e Bento; Wilson, Marta e Torres; Chipenda, Humberto, Rocha, André e Samuel.

G. D. DA C. U. F.—José Maria; Durand e Vale; Oliveira, Palma e Carlos Alberto; Rodrigues, Orlando, Bispo, Arsénio e Uria.

Arbitro: dr. Décio de Freitas (Lisboa).

CALDAS S. C.—Vítor; Anacleto e Rogério; António Pedro, Saraiva e Orlando; Garnacho, Romeu, «Janita», Mateus e Lenine.

VITÓRIA S. C.—Sebastião; Daniel e Abel; Virgilio, Silveira e Barros; Bártolo, Ernesto, Edmur, Carlos Alberto e «Rola».

Arbitro: Rogério Melo Paiva (Lisboa).

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Carlos, «Ferreirinha», Teixeira, Mendonça e José Maria Matos.

TORRIENSE—Montero; Manuel Carlos e António Costa; Margaça, Forneri e José da Costa; Narciso, Saldanha, Mário, Azevedo e Bezerra.

Arbitro: Caetano José Nogueira (Porto).

O 17.º ANIVERSÁRIO

de «Os Fixes da Barroca»

«Os fixes da Barroca» vão festejar o 17.º aniversário da sua fundação, amanhã, ás 11 e 30, com uma sessão solene em que estarão presentes 70 crianças pobres que aquela colectividade vestiu e ás quais será também oferecida uma abundante refeição.

Seguir-se-á um almoço de confraternização.

A secção de beneficência de «Os Fixes da Barroca», teve a amabilidade de nos enviar 50 escudos para os nossos pobres, que agradecemos.

VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

o engenheiro Abreu Valente

venceu a prova de velocidade em estrada

A X Volta a Portugal, em automóvel, organização do Clube 100 á Hora, prosseguiu ontem com o maior interesse.

Em Vila do Conde, realizou-se a segunda prova complementar, a mais espectacular, pois disputou-se na pista internacional daquela laboriosa vila.

Foi um circuito de velocidade, cuja ausência os homens do volante tanto se lamentam, em que o publico seguiu emocionado cada percurso, constituido por 10 voltas, que perfaziam trinta quilómetros.

O eng.º Abreu Valente, triunfador da ultima competição, e que em Caldas da Rainha, na prova de perícia, se limitara ao décimo lugar, posição não irremediável, mas que não deixou de suscitar admiração, até porque o excelente desportista nos habituou a magnificos momentos, alcançou óptimo êxito no circuito de velocidade, pois não só triunfou na sua série, como também fez a melhor média absoluta da jornada, batendo, em igualdade de possibilidades técnicas, o campeão nacional de 1957.

Vila do Conde-Portalegre

Partiram de Vila do Conde apenas 35 concorrentes, por desistência de Manuel Palma, Manuel Nunes dos Santos, Jorge Moura Pinheiro, Nuno Xara Brasil, Fernando Basilio dos Santos e Mário Gonzaga Ribeiro, homens habituados a lutar até ao corte da meta decisiva, mas que, por força das circunstancias, desta feita não foram além do primeiro terço da prova.

650 quilómetros percorreram os voltistas até Portalegre, através de Lixa, Vila Real, Chaves, Bragança, Ponte do Sabor, Torre de Moncorvo, Celorico da Beira e Catraia de Pulga, onde foi efectuada a terceira prova complementar — critério de regularidade — num percurso de 33 quilómetros, dividido em quatro troços.

A partida de Portalegre fez-se apenas com 29 concorrentes, pois desistiram mais os seis seguintes: João Vaz Guedes, Marinho de Lemos, Fernando Sapage, Carlos de Andrade, Amadeu Santos Silva e Manuel Antunes Guimarães.

Na prova complementar efectuada na capital do Alto-Alentejo, os dez melhores foram: 1.º, eng.º Abreu Valente, 8,56 pontos; 2.º, Horácio Macedo, 9,26; 3.º, José Valentim, 10,29; 4.º, José Bernardino Lampreia, 9,46; 5.º, José Paula Nogueira, 10,14; 6.º, Manuel Bacelar e dr. Manuel de Castro, 10,29; 8.º, Carlos Faustino, 10,30; 9.º, Alfredo Cesar Torres, 10,35; 10.º, Manuel Mocelek, 10,38.

Portalegre-Vila Real de Santo António-Sintra-Estoril

De Portalegre a caravana seguiu até Vila Real de Santo António, aonde o primeiro concorrente cortou a meta ás 12 e 30. Nesta localidade, houve o quilómetro de arranque, na estrada da Mata, junto ao farol.

Depois, por Faro, Torrão, Alverca, Bucelas e Ericeira, os automobilistas devem chegar a Sintra cerca das 22 horas, para ás 23 horas, disputarem a Rampa da Pena, em velocidade pura. Finalmente, Pé da Serra, Cascais e Estoril, onde ás zero horas se realizam as sétima e oitava provas complementares — de maneabilidade e travagem.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

FUTEBOL — *Poule final do campeonato da ala de Lisboa* — Escola Académica, no Estádio Nacional, ás 10 horas. *Taça Delegação* — Liceu Francês-E. Afonso Domingues, no Estádio Nacional, ás 9,45 h.

HANDEBOL DE SETE — Escola Veiga Beirão-Escola António Arroio, em «vanguardistas A»; e Escola da Paiã-Liceu Gil Vicente B e Escola António Arroio-Escola Ferreira Borges, em «vanguardistas B», ás 9,30 e 10,15 horas, no Liceu Gil Vicente; Escola Ferreira Borges-Escola Fonseca Benevides e Escola Francisco Arruda-Pupilos do Exército, em «vanguardistas A», ás 10 horas, no Estádio Nacional.

VOLEIBOL — Pupilos do Exército-Liceu Gil Vicente e Escola Machado de Castro-Escola Veiga Beirão, em «infantes», e Pupilos do Exército-Escola Machado de Castro, em «vanguardistas A», no ginásio da E. Nuno Gonçalves, a partir das 9,30 h.

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão — Zona Sul-A — Atlético-L. Ginásio, na Tapadinha, ás 9 h.; Boa Hora-Carnide, na Boa Hora, ás 9 h.; Ateneu-Santa Catarina, em Santo Antão, ás 9 h.; Maria Pia-Algés, em S. Gens, ás 9 h.; Arroios-Sacavenense, em Sacavém; Lisgás-Seixal, nos Barbadinhos — ambos ás 11 h.; C. I. F.-Rio Seco, nas Telheiras, ás 9 h.; Oriental-Queluz, em Xabregas, ás 11 h.; C. Quebradense-Campolide, na Cruz Quebrada, ás 9 h.; Pedrouços-Moscavide, em Pedrouços, ás 9 h.

Campeonato de infantis da A. B. L. (jogos em atraso) — Sporting A.-Cruz-quebradense, no Passadiço, ás 10 e 11 horas; Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 10 e 11; e Tapacos-Casa Pia, em juniores, nos Barbadinhos, ás 11 h.

Jogos da 11.ª jornada — SERIE B — Sporting B-Lisboa Ginásio, no Passadiço; Pedrouços-Paço de Arcos, em Pedrouços, ás 10 e 11, e Liberdade-Algés A, no Liberdade, em juniores, ás 10. SERIE C—Carnide-Atlético, em Carnide, ás 10 e 11; Queluz-Campolide (juniores) e Queluz-Sporting B (infantis), em Queluz, ás 10 e 11; Alvalade-Ateneu (infantis), no Campo Grande, ás 11; e Moscavide-Nacional (juniores), em Moscavide, ás 10 horas.

CICLISMO

Campeonatos Regionais do Sul— A prova de «independentes» tem a sua 1.ª jornada, com uma corrida de 150 quilómetros. A partida está marcada para as 7 horas, no topo norte do Campo Grande e a chegada prevista para as 11 e 30, na Avenida Rio de Janeiro.

Os «iniciados», têm a 2.ª prova, na distancia de 100 quilómetros, partindo do topo norte do Campo Grande, ás 7,15 h. e estando a chegada prevista para as 10 h., na Avenida Rio de Janeiro.

CORTA-MATO

Nos terrenos do Jamor — mais concretamente no percurso que será estabelecido para o «Cross das Nações» — disputa-se, ás 11 horas, o campeonato nacional de corta-mato, para seniores, na distancia de 14 quilómetros.

DESPORTO CORPORATIVO

A F. N. A. T. faz prosseguir duas das competições que tem presentemente em curso.

Basquetebol — Campeonato da 1.ª Divisão (14.ª jornada): S. P. Seguros-S. C. Guérin, Comp. Carris-Robialac e F. C. Regina-B. Espírito Santo — todos no Campo do Porto de Lisboa, respectivamente, ás 9, 10 e 11 horas.

Futebol — Campeonato da 1.ª Divisão (15.ª jornada) — S. C. Cervejas-Comp. Telefones e Comp. Carris-Refinaria do Ultramar, em Belém, ás 9 e 11 horas; F. C. Regina-Of. S. José, na Picheleira (Telefones), ás 11 h.

Camp. da 2.ª Divisão (jogo atrasado da série C) — Companhia Carris-F. Chocolates Regina, na Picheleira (Telefones), ás 9 horas.

GOLFE

Campeonatos Internacionais de Portugal — Finais das provas masculina e feminina, entre os vencedores das meias-finais, disputadas hoje, á tarde. Os encontros realizam-se no Campo do Estoril, ás 9,50 e 14,20 h. (femininos) e 10 e 14,30 (masculinos).

HANDEBOL

Campeonato da Divisão de Honra (Jogo repetido) — Benfica-Sporting, em 1.º, no Campo Grande, ás 10,15 h. — *Desempate da 2.ª categoria* — Benfica-Belenenses, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 14 h.

Campeonato de Juniores (9.ª jornada) — Cova da Piedade-Belenenses, na Cova da Piedade; Benfica-Almada, no Campo Grande — ambos ás 9 h.

HOQUEI EM CAMPO

Torneio do C. F. Benfica—1.ª jornada—Benfica-Hóquei e Belenenses-Atlético, no campo «Francisco Lázaro», em horas, por designar.

LUTA GRECO-ROMANA

Campeonato de iniciados (2.ª jornada) — Na Sala «Luís Monteiro», no Ginásio Clube Português, ás 16 horas.

RAGUEBI

Campeonato Nacional da Divisão de Honra — 5.ª jornada: Benfica-Sporting, no Campo Grande, ás 11 h.; Belenenses-Internacional, nas Telheiras, ás 10 e 30 h. *Campeonato da 1.ª Divisão* — Arroios-Académica, no Estádio Universitário, ás 15 h.

Taça «Francisco Silva» — Agronomia-C. I. F. e Direito-C. D. U. L., no Estádio Universitário, ás 9 e 30 e 11 h.; Benfica-Belenenses, no C. Grande, ás 9 e 30 horas.

TÉNIS DE MESA

Camponato de Lisboa, de infantis — Série A — Benfica B-Mirantense, Benfica A-Sporting A e Estoril-Ateneu. *Série B* — Arroios A-Belenenses, Benfica C-Mirantense A e Académico-C. Católico, nas mesas dos clubes indicados em 2.º lugar—todos ás 10 h.

TIRO A CHUMBO

O Clube Português de Tiro a Chumbo faz disputar uma prova de prancha (dois tiros) a 30 pratos e uma prova de pombos, a cinco pombos — ambas no Stand do Lumiar, a partir das 14 horas.

PROVAS DE GOLFE

Brilhante actuação dos portugueses na 3.ª jornada dos «Internacionais de Portugal»

Os campeonatos Internacionais de Portugal, já a caminho da fase final das duas provas (masculina e feminina) em que foram desdobrados, tiveram hoje a sua 3.ª jornada, destinada aos «quartos de final» (de manhã) e meias finais (a decorrer á hora a que fechamos esta notícia).

Feitas já as primeiras selecções de valores, os despiques apresentaram-se repletos de interesse... não fossem as previsões ser desmentidas, como, de facto, vieram a ser, com a eliminação de dois favoritos — Easby, o detentor do titulo, e Pearman.

Os resultados que se apuraram foram os seguintes:

Manuel Brito e Cunha v. Easby, no 19.º buraco; Nuno Alberto Brito e Cunha v. Pearman, por 3/2; Sousa e Melo v. Cowper, por 5/4; R. Wall v. C. Vilhena, por 2/1.

Vera Nobre da Costa v. E. Weir, por 4/3; Yvette Marx-Nielsen v. Barbara Knott, por 3/2; Barbara Brito e Cunha v. Joan Cowper, por 5/4; Shirley Powell v. Janet Clond, por 6/5.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

DESPORTOS

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Com três jogos em Lisboa principia amanhã o 19.º campeonato

O 19.º Campeonato Nacional de Juniores, nos moldes adoptados nas duas ultimas épocas — os que parecem agradar mais aos clubes — principia amanhã, possivelmente com 15 encontros, embora estivessem inicialmente previstos 16. E' o caso de se apresentar muito complicado o problema da indicação do 2.º classificado da A. F. Coimbra, que ontem, á noite ainda não estava designado.

Pelo certame dos jovens reina o maior interesse e expectativa. Quase cinquenta por cento das equipas concorrentes entraram a substituir outras que não lograram qualificar-se para este campeonato, ao mesmo tempo que algumas das que transitaram do torneio anterior podem ter sofrido alterações sensiveis na sua constituição.

Por isso os vaticinios estão, por ora, proibidos.

Apenas o valor do futebol das várias Associações representadas na prova pode fornecer algumas indicações.

*

Em relação ao campeonato de 1958, verifica-se que repetem a presença os seguintes clubes: Sporting de Braga, Vila Real, Desportivo de Bragança, Leixões, F. C. do Porto, Boavista, Tirsense, Académica de Coimbra, Caldas S. C. e Nazarenos, na Zona Norte; «Leões» de Santarém, Sporting da Covilhã, Belenenses, Benfica, Sporting, S. L. Olivais, Montijo, C. U. F. do Barreiro, Despertar de Beja, e Olhanense, na Zona Sul.

Perderam o lugar na prova: G. Desp. Francisco da Holanda, Salgueiros, Spt. de Espinho; Sanjoanense e Viseu e Benfica, na Zona Norte; Riachense, Estrela de Portalegre, Atlético, Vitória de Setubal, Lusitano de Evora e Esperança de Lagos, na Zona Sul.

Preenchem as vagas: o Vitória de Guimarães, o Atlético de Gervide, o Desportivo de Agueda, o Beira-Mar e o Académico de Viseu, na Zona Norte; o Tramagal, o Portalegrense, o Oriental, o Seixal, o Juventude de Evora e o Farense, na Zona Sul.

Este confronto está prejudicado pela falta de indicação do 2.º classificado da A. F. Coimbra, que em 1958 foi a Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

*

A jornada de abertura da prova inclui os seguintes encontros, na Zona Norte:

F. C. Porto-S. C. Vila Real
Spt. Braga-Desp. Bragança
R. Desp. Agueda-F. C. Tirsense
Leixões-Vit. Guimarães
Beira Mar-Académico de Viseu
A. Gervide-Boavista
G. D. «Os Nazarenos»-Caldas S. C.

Na Zona Sul, teremos:

Spt. Covilhã-Tramagal
Portalegrense-Os «Leões»
Sporting-Seixal
Belenenses-C. U. F.
Oriental-Benfica
Montijo-S. L. Olivais
Farense-Olhanense
Juventude-Despertar.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 e 30 h., com excepção do encontro Portalegrense-«Leões», que é ás 15 horas. Relativamente a este jogo verifica-se que houve troca de campos.

PROVAS DA A. F. L.

Os 28 jogos de amanhã

A actividade dos filiados da A. F. L. continua amanhã com 28 desafios repartidos por quatro competições. Eis como se apresenta o programa:

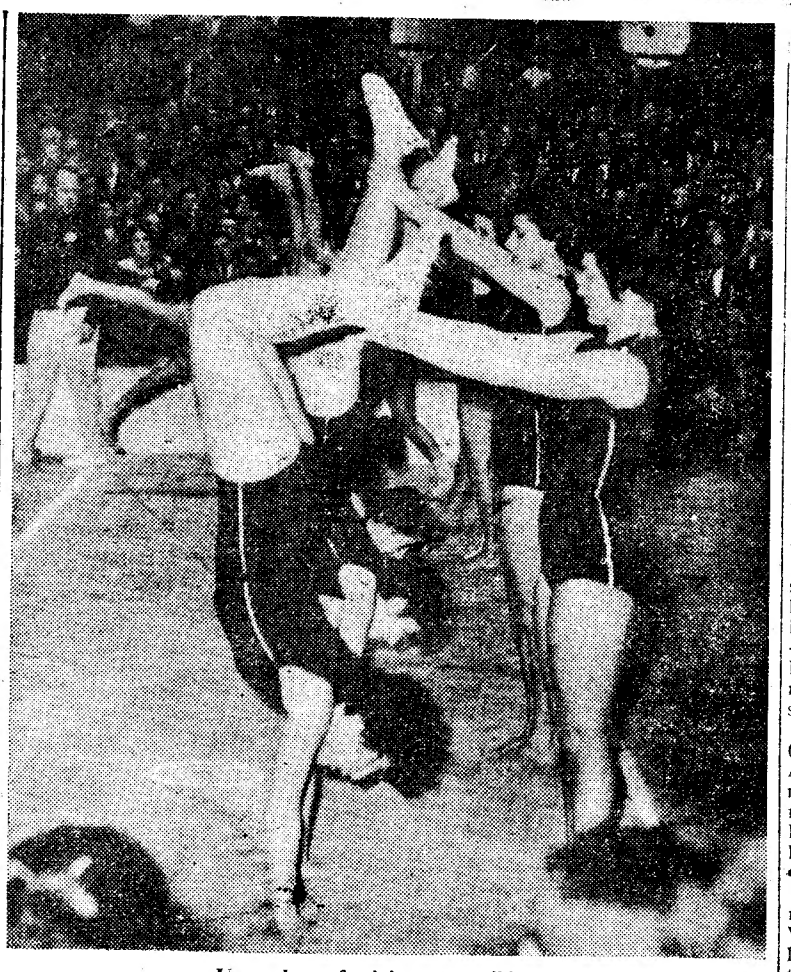
Camp. distrital da 2.ª Divisão — Castelo-Odivelas, no campo «Pina Manique» (treinos); Palmense-Amoreiras, no campo «José Ramos»; U. Povoense-Santa Iria, na Póvoa; Charneca-Amadora, no campo do Chão do Loureiro; Ericeirense-Fanhões, no campo «Henrique Tomaz Frade» — os quatro primeiros ás 15 h. e o ultimo ás 15.30 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série B — Camarate-Bucelenses, no campo da Quinta dos Barros; Castanheira-Vialonga, no campo de S. João; Caneças-P. de Loures, no campo da Lapa; Povoense A. C.-P. de Frielas, no campo da Lapa; Povoense A. C.-P. de Frielas, no campo da Amoiteira; Malveira-Loures, no campo das Seixas; Tojal-Zambujalense, no campo da Meia Laranja — todos ás 15.30 h., excepto o de Caneças, que é ás 14 h. e o da Malveira, que é ás 16 h.

Camp. distrital de juniores da 2.ª Divisão — Série A — Vitória-Operário, na Pichelcira; Algés-Santa Catarina, em Algés — ambos ás 10.30 h.; Linda-a-Velha-Mirantense, no Estádio Nacional (treinos), ás 11.15 h. **Série B** — Amoreiras-Fut. Benfica, no campo «José Ramos», ás 9.30 h.; Rio de Janeiro-Casa Pia, no campo «Pina Manique»; Amadora-Queluz, na Amadora; Sporting-Sintrense, no Estádio Alvalade (treinos) — os três ás 10.30 h. **Série C** — Sacavenense-Oriental, ás 9 h.; Alverca-Vilafranquense, ás 10.30 h.

O desafio Camarate-Desp. Olivais não se efectua por falta de comparência do C. D. Olivais.

Prova distrital de principiantes — Série A — Oriental-Atlético, A, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 9 h.; Belenenses-Torriense, no Estádio do Restelo (treinos), ás 10 h.; Casa Pia-Sporting, no Estádio «Pina Manique», ás 11 h.; Palmense-Amadora, no campo «José Ramos», ás 11.15 h. **Série B** — S. L. Olivais-Alhandra, no campo «Alvaro Gaspar»; Benfica-U. Povoense na Póvoa (por troca); Vialonga-Vilafranquense, em Vialonga — todos ás 10.30 h.; Atlético B-Sacavenense, na Tapadinha, ás 11 h.



Uma classe feminina em exibição

O sarau do Ginásio C. P.

Trabalhando para o futuro...

Mais uma vez, se confirma que o publico elegeu os festivais de ginástica entre os seus espectáculos favoritos, mesmo não dispondo de facilidades para a prática dos exercícios físicos. Cerca de 3.500 pessoas encheram o Coliseu, mantendo-se até ao final do ultimo numero, até ao derradeiro salto sobre mesa alemã da equipa preparada por Mário Begonha, que empolgou a assistência com as suas séries de «duplos mortais».

Com pouco tempo para preparar o seu sarau, o Ginásio Clube Português conseguiu, porém, realizar uma manifestação de esmerado nível espectacular e de muito aceitável índice técnico. Na ordenação dos numeros esteve um pouco desequilibrado, superiorizando-se a segunda parte, iniciada com a apresentação do grupo de voadores constituído por João Paz (monitor), Jorge Aragão, Afonso Gaspena, Nelson Trindade e Jaime Morais, que, após nove anos de interregno, reataram uma antiga tradição, valorosamente. Todas as classes demonstraram criteriosa preparação e a excelência dos métodos dos seus professores.

Na ginástica educativa, actuaram as turmas de meninas, dos 8 aos 11 anos, sob a direcção do prof. Reis Pinto, cujo ritmo de trabalho e disciplina conquistaram desde logo a admiração e os aplausos do publico; de rapazes, dos 7 aos 9, do prof. Santos Vieira, que aprumada e impetuosamente deslumbrou pelos seus exercícios próprios de ginastas de grande experiência, especialmente nos arrojados e decididos saltos sobre o plinto e o tapete, por vezes excessivamente arrojados, por efeito do entusiasmo da assistência que contagiou os pequenos atletas; de senhoras, do prof. Reis Pinto, cuja imaginação parece inesgotável, e que produziu trabalho equilibrado, harmonioso, moderno, não obstante algumas ligeiras falhas nos «dois-a-dois»; e de homens, dirigida pelo mesmo professor, que realizou uma das suas melhores exibições, com relevo para os exercícios a duo e os saltos finais. As meninas do «ballet», da prof.ª Georgina Vilas-Boas, encantaram pela graciosidade.

Finalmente, um breve comentário sobre a parte desportiva, isto é, a ginástica aplicada, aquela que, de um modo geral, mais nos interessa sob o ponto de vista espectacular, por se tratar da verdadeira modalidade de competição e, também, porque, exceptuando aquelas de preparação especial, as turmas de ginástica educativa não podem estar sujeitas a rigores críticos, dada a sua índole essencialmente formativa.

E' desolador verificar a acentuação da crise no sector feminino, a ponto de se não apresentar um unico numero desta especialidade de competição. Algumas das melhores ginastas do clube, «internacionais», integraram-se na classe de educativa, e de entre elas justo é destacar Helena Costa, cujo nível técnico sobressaiu, reaparição que saudamos efusivamente. Também a equipa masculina não denunciou os progressos que esperávamos. Lamentámos a falta de Hermenegildo Candeias e a ausência de Carlos Abreu nos movimentos livres, em que é um dos melhores portugueses. No entanto, Armando Barrento esteve muito feliz no cavalo com arções, cujo numero de grande categoria internacional foi o de mais elevado coeficiente técnico de todo o sarau; e em argolas, embora menos seguro que habitualmente Carlos Abreu desenvolveu excelente exercício na barra-fixa, absolutamente dominado, e também esteve bem nas paralelas. Luís Queirós, talvez o mais progressivo do trio, surpreendeu pelo seu exercício em cavalo com arções, de nível invulgar para o nosso meio. As classes de preparação especial do prof. Angelo Carmo, bem, aliás como foi o numero de jovens que, integrados nas equipas desportivas, encantaram pelo apuro a que chegaram e, mais do que isso, pelas notáveis possibilidades que exibiram, garantindo um futuro mais risonho para a ginástica nacional.

CESAR FAUSTINO

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Prossegue o «Nacional» da 1.ª Divisão com os jogos Benfica - Montijo e Sporting - Nacional, no Pavilhão dos Desportos, a partir das 21.30 horas; Barreirense-Belenenses, no Barreiro, ás 21 horas; Boavista-Galitos e F. C. Porto-Académica, na Constituição, a partir das 21.30 horas e Sangalhos-Vasco da Gama, em Sangalhos, ás 22 horas.

LUTA — Começo do Campeonato Nacional de luta greco-romana, no Ginásio Clube Português, ás 21 horas.

O «Nacional» da 3.ª Divisão

A 8.ª jornada engloba 31 desafios

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão prossegue amanhã com os encontros da 8.ª jornada, que marca o começo da 2.ª volta da fase inicial. O programa apresenta-se assim constituído:

ZONA A — 1.ª Série — Limianos-S. C. Régua, S. C. Mirandela-Paredes, G. D. Bragança-Desp. de Monção e Murça S. C.-A. Desp. Fafe. **2.ª Série** — R. Desp. de Agueda-S. C. Beira-Mar, Académico (do Porto) — Leça F. C., F. C. Penafiel-A. Desp. Ovarense e F. C. Avintes-C. Desp. Feirense.

ZONA B — 3.ª Série — I. F. C. Cebolais-A. C. D. da Guarda, G. D. Mangualde-Académico (de Viseu); Lusitano (de Vildemoinhos)-Mortágua e G. D. V. Sernache-Benfica e Castelo Branco. **4.ª Série A** — F. C. Marrazes-A. Naval 1.º de Maio, G. D. B. I. Recreio-União Mirense, C. F. «Os Marialvas»-G. de Alcobaça e C. D. Lousanense-U. de Coimbra.

ZONA C — 5.ª Série — Os Leões (de Santarém)-C. D. Torres Novas, Alhandra S. C. Tramagal S. U., Vitória C. L.-União Vilafranquense e Ferroviários-U. Operária. **6.ª Série** — C. D. Cova da Piedade-Amora F. C., C. F. Benfica-Luso F. C., G. D. Sesimbra-S. L. Olivais e Seixal-Casa Pia A. C.

ZONA D — 7.ª Série — Campomaiorense-S. C. Estrela, Estrela F. C. (de V. Novas)-União de Montemor e «O Elvas»-S. L. Evora. **8.ª Série** — Desportar-Louletano, Lusitano (de V. R. S. António)-Silves F. C., U. Sambrasense-Aljustrelense e Moura A. C.-S. Domingos F. C.

Todos estes desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar á excepção do Mirandela-Paredes, que é em Macedo de Cavaleiros, com início ás 15 h., excepto o de Leiria, que é ás 11 h. e o do campo «Francisco Lázaro», que é ás 15.30 h.

O trânsito para o Estádio da Luz

Prevendo-se grande afluência de transito ao Estádio da Luz, por ocasião do encontro Benfica-Lusitano, a P. S. P. aconselha os automobilistas a seguir pelos seguintes itinerários: 1.º — Estrada da Luz, Largo da Luz, Estrada do Paço do Lumiar, Rua do Lumiar e Alameda das Linhas de Torres; 2.º — Estrada da Luz, Travessa da Luz, Rua do Seminário, Estrada de Telheiras e Campo Grande; 3.º — Estrada da Luz, Estrada das Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, Rua da Beneficência, Bairro Santos e Avenida 28 de Maio; 4.º — Estrada da Luz, Estrada das Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, Rua da Beneficência e Largo do Rego; 5.º — Estrada da Luz, Estrada das Laranjeiras, Travessa das Laranjeiras e Estrada de Benfica.

A fim de facilitar a circulação do transito na Estrada de Benfica, importante artéria de acesso á cidade de Lisboa, devem os motoristas preferir os itinerários acima indicados, tanto na ida como no regresso do desafio, o que, embora com aumento da quilometragem para alguns dos itinerários referidos, resultará em benefício de tempo para todos que os utilizarem.

ATLETICO
EM LEIRIA
DIA 8 DE MARÇO — 50$00
PARTIDA E REGRESSO:
LARGO DE ALCANTARA
VISITANDO: CALDAS, S. MARTINHO DO PORTO, NAZARÉ, S. PEDRO DE MUEL, ETC.
*
Informações e inscrições na
RODARTE
R. da Palma, 159-A — Tel. 861214

AMANHÃ, EM LEIRIA

Atlético e Leixões na final do «Nacional» da 2.ª Divisão

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, após 26 jornadas de muito interesse, tem amanhã, o seu epilogo, no tocante á atribuição do titulo. Que no que respeita á promoção á 1.ª Divisão, ainda o despique não começou pois é necessário aguardar o termo do torneio maior.

O certo é que no Estádio Municipal de Leiria, os vencedores dos torneios das Zonas Sul e Norte — respectivamente Atlético e Leixões — disputam a final, num jogo que muito naturalmente é aguardado com a maior curiosidade e expectativa, dado que não existem pontos de referência para fundamentar um vaticinio. Nenhum confronto houve, ainda, que permita dizer que o Atlético vale mais do que o Leixões ou que os Matosinhenses são superiores aos Alcantarenses.

Sabe-se, sim, que vão estar frente a frente as melhores equipas de cada uma das zonas, com valia para fornecer uma exibição de bom nível. Mas, também, se sabe que a responsabilidade do encontro e a ansia de conquistar o titulo, pode sobrepor-se ao desejo de fazer exibição. Neste caso, o desafio valerá pelo apêgo dos dois grupos, á luta, porquanto o titulo é honraria que todos ambicionam e que mais valorizaria a já assegurada passagem dos dois clubes á 1.ª Divisão.

Leiria prepara-se, pois, para receber com galhardia o Atlético e o Leixões — dois grupos de boa capacidade e animo forte para a luta. Pensa-se que o despique se travará entre o sector atacante dos Lisboetas e o compartimento defensivo dos Matosinhenses. Mas... daí a saber-se qual levará a melhor?! Forçosamenet há que aguardar o desfecho do encontro.

TAUROMAQUIA

Mendes é pai

Francisco Mendes é pai desde ontem ao meio-dia, hora a que em Madrid nasceu um robusto garoto que encheu de alegria os pais e os avós, e os amigos e admiradores do nosso matador de touros.

No Campo Pequeno

No Campo Pequeno efectua-se amanhã, ás 15 e 30, um espectáculo tauromáquico, com cavaleiro, bandarilheiros e forcados, e seguido de exibição de artistas de circo e palhaços do Coliseu.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

O maioral da Golegã
continua bloqueado
pelas águas do Tejo

GOLEGÃ, 7. *(Pelo telefone).* — Os campos da Golegã estão quase completamente submersos pelas águas da cheia que, a partir do princípio da noite de ontem e pela terceira vez neste Inverno, galgaram o dique dos Vinte. Os prejuízos na lavoura são avultadíssimos. Dezenas de hectares de recentes sementeiras de trigo, concluídas também pela terceira vez, estão na iminência de se perderem totalmente. Os favais, que já apresentavam bonita coloração, podem considerar-se perdidos e as vinhas também sofreram pesados danos.

Na opinião de muitos lavradores desta região, as inundações não são apenas provocadas pela subida do nível do Tejo, devido ás chuvas, mas, e talvez predominantemente, por efeito das águas impulsionadas pelas descargas da barragem do Castelo do Bode, cujos descarregadores se têm mantido abertos nestes dias.

Na realidade, não se calculava que a actual cheia atingisse tamanhas proporções. Tanto assim, que uma manada de quarenta toiros da ganadaria do sr. marquês de Rio Maior, que se encontrava na Vinha Grande, ponto relativamente alto, não retirou para outro local. Ao anoitecer, porém, o maioral, sr. Joaquim Mota, ao aperceber-se da grandeza da inundação, pretendeu retirar o gado para a charneca, mas sairam baldados os seus esforços porque todo o terreno á sua volta se encontrava submerso e a água elevava-se nalguns sítios a vários metros. Teve, pois, de regressar com os toiros, a nado, á mesma pastagem, e aí aguardar a descida da cheia, o que se prevê para o fim da tarde, pois esta manhã em Vila Velha de Rodão o nível do Tejo cessou de subir. A situação daquele maioral, que é casado e tem dois filhos, não é, portanto, desesperada.

Durante o dia de hoje não tem chovido nesta região e o tempo mostra-se com tendência para melhorar. Assim, é provável que as comunicações rodoviárias interrompidas pelas cheias sejam amanhã totalmente restabelecidas. Entretanto, encontram-se cortadas as ligações de Pombalinho a Vale de Figueira, de Golegã a Chamusca e de Golegã a Azinhaga.

O nível do Tejo
continua estacionário
em Santarém

SANTARÉM, 7 *(Pelo telefone).* — Embora em todo o seu curso, desde as Portas do Ródão até á Barquinha, o Tejo diminui de volume, em Santarém, a escala hidrométrica de Santa Iria, acusa, ainda, sensível subida, que se manterá durante o dia e a noite.

Além das estradas, Alcanhões, Vale de Figueira e Azinhais, a que o «Diário de Lisboa» já se referiu, também os diques dos Vinte e da Omnias, foram ultrapassados pela corrente impetuosa do Tejo, inundando agora a vasta campina de Valada.

O aspecto da cheia é impressionante, causando graves prejuízos á lavoura, principalmente á viticultura, pois as vinhas estão agora em plena rebentação.

Nas Portas do Ródão, ás 9 horas, o nível do rio atingia 10 metros; ás 12, 9,5 metros; na Barquinha, ás 3 horas, 7,14 metros; ás 6, 7,18 metros; ás 9, estacionava na mesma altura; e ás 12 h. baixou, para 7,12 metros.

Em Santarém, ás 3 horas, 6,55 metros; ás 6, 6,66 metros; ás 9, 6,77 metros; e ás 12 h., 6,80 metros.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Oeste, caíam aguaceiros nalgumas regiões e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar marítimo pré-frontal transportado na circulação de uma depressão centrada a Norte dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 6°; Coimbra, 8°; Porto, 9°; Lisboa, 10°; Faro, 12° e Funchal, 14°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, tornando-se encoberto, para o fim da tarde e diminuindo de nebulosidade durante o dia de amanhã. Vento Sudoeste moderado, tornando-se forte do Sul para a noite, e rondando para Noroeste durante a manhã. Chuva a partir do fim da tarde, passando a tempo de aguaceiros, com pequena melhoria de tempo durante o dia de amanhã.

O comandante do «Dakota»
que aterrou em Beyrouth
depois de considerado perdido
não esclarece a sua viagem-mistério

Não estão ainda suficientemente esclarecidas as circunstancias em que decorreu a viagem do «Dakota» N-41014, que se considerou perdido quando voava de Santa Maria para Lisboa. Sabe-se agora, que o referido avião, adquirido nos Estados Unidos por uma empresa comercial da Tailandia, aterrou em Beyrouth, depois de escalar um aeroporto do Norte de Africa, cujo nome se desconhece. Esta indicação foi fornecida ao Centro de Contrôle Regional do Continente por intermédio dos serviços de aeronáutica civil de Madrid.

Não se compreende bem por que razão o comandante do «Dakota», logo que conseguiu aterrar, não avisou o aeroporto de Lisboa, com quem estivera em contacto até ao momento em que, segundo se supõe também, a rádio de bordo ficou avariada. Este facto originou desnecessárias buscas por parte das aviações militares espanholas, inglesas, norte-americanas e portuguesas, que mobilizaram várias unidades para procurar um avião que, apesar de, em determinado momento, se considerar em situação perigosa, conseguiu resolver os seus problemas de navegação e aterrar em condições normais.

E' justo perguntar, até que ponto serão indemnizadas as referidas aviações militares, que suportaram encargos desnecessários. A aviação portuguesa, por exemplo, manteve no ar, durante um total de 32 horas, 6 aviões PV2. Só em combustível, gastou-se, nestas buscas, cerca de 50 contos. Assinale-se ainda, que estiveram prontos a largar para o mar alguns navios da nossa Marinha de Guerra, o que só não se verificou por não haver indicação segura da zona onde, possivelmente, teria caído o avião. Estes navios, todavia, prepararam-se para qualquer eventualidade, pelo que foram obrigados a acender as caldeiras e a reunir as guarnições.

Esta manhã mesmo, o Centro de Contrôle Regional do Continente enviou um rádio para Beyrouth, dirigido ao comandante do «Dakota», no qual se protestava formalmente contra a sua atitude e se lhe pedia para a esclarecer. Minutos depois, o referido centro obteve uma resposta:

— *Enviarei, mais tarde, pelo correio, as indicações que me pedem.*

A Tailandia é membro da I. C. A. O. e, por conseguinte, o caso poderá ser esclarecido através daquele organismo internacional, que igualmente poderá chamar o comandante do «Dakota» á responsabilidade.

Vai ser aberto o cofre
do casal de Macau
alugado num Banco da capital

Vai ter o seu epílogo em Portugal o caso do enigmático casal Kwong, natural de Macau, cuja passagem pela Europa e pelas Américas mereceu as atenções especiais pela Interpol. Na verdade, todas as polícias mundiais componentes daquele organismo internacional, receberam um aviso para seguir com discrição todos os passos do casal, a fim de averiguarem os motivos da sua inesperada saída de Hong-Kong com a verba de um milhão de dólares, equivalente a trinta mil contos.

Continuando a procurar obter dados sobre a vida do enigmático casal, soubemos agora que de Hong-Kong voou para Roma e dali para Zurich donde veio para Lisboa no passado dia 20. A Polícia Judiciária seguiu-o logo, por intermédio da sua secção Central, em diligências conduzidas superiormente pelo sub-inspector Pereira da Graça, auxiliado por elevado numero de agentes, sempre em acção discreta e eficiente, de modo que, hora e meia depois do casal abandonar o aeroporto de Sacavém, era com grande surpresa sua detido no aerodromo de Barajas, Madrid, notícia divulgada a todo o Mundo pelas autoridades espanholas que consideram os detidos como contrabandistas. Como tal foram julgados e o Kwong foi condenado, ao passo que a sua companheira foi absolvida.

Entretanto, como o «Diário de Lisboa» largamente tem informado, os valores apreendidos ao casal em Madrid não constituem a totalidade do que tinham em seu poder quando estiveram em Lisboa. Sabe-se que andaram pela cidade, visitando os principais pontos turísticos, revelando a cada momento a sua desconfiança, ao ponto de não quererem que o primeiro motorista que aqui lhes fez serviços os conduzisse a Madrid, no dia 21, num automóvel, contratado para o efeito. O carro chegou a estar no Estoril á hora combinada, com toda a documentação indispensável, mas o Kwong, com o nervosismo que já revelara noutras ocasiões, anulou os seus projectos iniciais e decidiu utilizar o avião da T. A. P.

Já conseguimos averiguar que foi, realmente, num estabelecimento bancário de Lisboa que o Kwong alugou um cofre para depositar os valores que trazia consigo. O cofre vai ser aberto, dentro de dias, para a possível apreensão do seu conteudo.

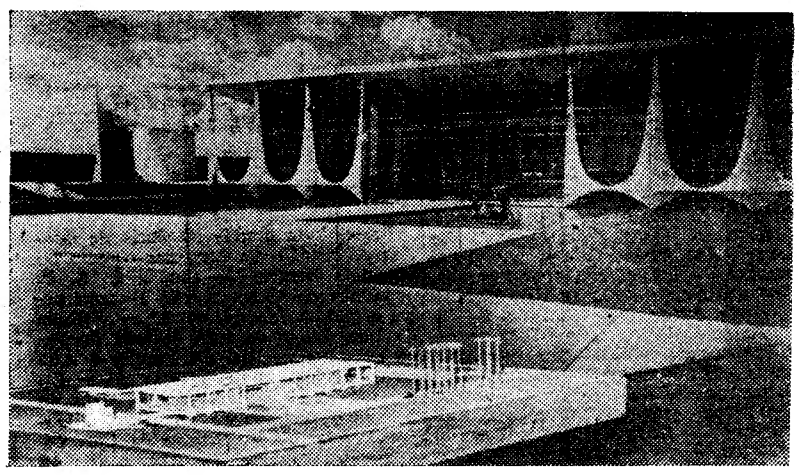
Segundo já aqui dissemos levanta-se a hipótese de que em Lisboa tenham ficado depositados valores de cerca de 15.000.000$00. E, na realidade, tal deve verificar-se, se o casal, nas suas passagens pela Itália e pela Suíça, não efectuou qualquer transacção de contrabando, pois em Lisboa não é natural que tal tenha sucedido, apesar de num dos dias, ter, inesperadamente, mudado de hotel.

Há, pois, que aguardar o desfecho de tão sensacional caso, sobre o qual as autoridades aduaneiras terão de se pronunciar, se, efectivamente, se verificar a existência de valores passados aos direitos.

Rede de espionagem
descoberta na Bélgica

BRUXELAS, 7 — A Polícia de Segurança desmascarou uma rede de espionagem que actuava na Bélgica, sob a direcção de funcionários da Embaixada da Polónia em Bruxelas.

O Ministério da Justiça parece estar já de posse das provas fundamentais — microfilmes, notas de banco, códigos secretos e maçanetas ocas. As autoridades procuram descobrir o paradeiro de uma espia de olhos escuros, que desapareceu misteriosamente. — (A. N. I.).



Maqueta e fotografia de um dos projectos expostos que revela o estilo de modernidade com que se erguerá Brasília

Exposição sobre Brasília

Com a presença do embaixador do do Brasil, dr. Alvaro Lins, e do prof. Armando de Lucena, presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes a Imprensa visita esta tarde no salão de exposições deste organismo, um certame com reproduções e maquetas do que será a futura capital do país irmão Brasília. A exposição revela, de uma forma eloquente, a espantosa realização urbanística, arquitectónica e mesmo social que será Brasília.

Família sufocada
pelo fumo de um incêndio

FLINT (Michigan), 7.—Uma família inteira, pai, mãe e quatro filhos, foi encontrada morta nas suas camas, quando os bombeiros chegaram, esta manhã, para extinguir um pequeno incêndio que fora denunciado pela intensa fumarada que saía pelas frinchas das janelas e sufocou os moradores da casa.— (A. N. I.).

Electrificação rural

Vão ser gastos mais 4.493 contos na electrificação rural de cinco freguesias da ilha da Madeira.

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade!
Rua da Prata, 257

BARRETE VERDE
BENAVENTE — Tel. 74 — O mais luxuoso e típico restaurante do Ribatejo
Ranchos Folclóricos — Fandango — Acordeons — etc.
Ementa de Domingo: Entre outros predominam os seguintes pratos: Ensopado de enguias, caldeirada á Rio Sorraia, açorda de sável, Cabrito assado á Barrete Verde, Dobrada á Ribatejo, Lombo de porco á Lezíria, Febras, etc.
O MAIS ALEGRE DIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO — (6 anos)

DENTES COMO ESTES SÓ COM
PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

É UM VINHO João CAMILLO
CASA FUNDADA
RUA FERNÃO LOPES, 9 • LIS

O subsecretário do Exército na parada do quartel

Serão restauradas no Ultramar diversas unidades que é necessário desactivar na Metrópole

— afirmou o subsecretário do Exército em Metralhadoras 1

No quartel do Batalhão de Metralhadoras 1, na Calçada da Ajuda, houve hoje várias cerimónias de despedida da força expedicionária ao Estado da India.

Ás 11 horas, chegou ali o tenente-coronel Costa Gomes, subsecretário de Estado do Exército, que passou revista á guarda de honra, postada no exterior do aquartelamento, constituída por uma companhia com fanfarra e guião, acompanhado pelo comandante do batalhão, tenente-coronel Santos Gomes, dando, em seguida entrada na parada, onde formavam, em frente dum altar armado numa tribuna, as auto-metralhadoras blindadas das baterias «Cuamato» e «Naulila».

Era ali aguardado pelos generais: Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa — que estava acompanhado do 2.º comandante e do chefe do Estado-Maior do G. M. L., tenentes-coronéis Barbieri Cardoso e Daciano de Barros — Luís da Camara Pina, director do Instituto de Altos Estudos Militares, e Faro Viana; pelo segundo-comandante do batalhão, major Eugénio Borges; e pelos antigos comandantes, oficiais e sargentos daquela unidade.

Homenagem a um heroi

No gabinete do comandante, efectuou-se, depois do desfile da guarda de honra, uma pequena sessão, durante a qual o tenente-coronel Santos Gomes agradeceu a primeira visita daquele membro do Governo á sua unidade, que julga que será a ultima, pois ela vai ser desactivada, o que, praticamente, corresponderá á sua extinção. Acentuou que, naquela pequena sala, além dos retratos dos antigos comandantes, havia uma bandeira com as mais altas condecorações que uma unidade pode conquistar em Portugal, ganhas, sucessivamente, nos combates do Sul de Angola, do Cuamato e de La Lys. Disse que era com profundo sentimento que ele e todos os oficiais, sargentos e praças de antes e de agora, assistiam ao desaparecimento do batalhão, pela sua integração no Regimento de Infantaria 1; e, depois de apontar os troféus conquistados em competições militares desportivas, salientou que aquela cerimónia tinha como objectivo descerrar o retrato do coronel José Mendes dos Reis, comandante da 2.ª bataria expedicionária a Angola, na guerra de 1914-18, a qual, no combate de Naulila, conquistou para o batalhão a Cruz de Guerra de 1.ª classe, com palma de ouro:

—Temos a felicidade de ver aqui presente o comandante da 1.ª companhia expedicionária, de Metralhadoras 1, no momento em que vai sair a ultima força expedicionária do batalhão. Da sua acção, em Naulila, como capitão — que, a certa altura, teve de comandar, não só a sua bateria, mas todo o destacamento — nada tenho a dizer, senão repetir as palavras do relatório de Alves Roçadas, entregue ao Ministério do Exército.

E leu essas palavras, referentes áqueles oficiais que, pela sua acção, mereciam «uma particular consideração dos poderes publicos», o primeiro dos quais era o capitão Mendes dos Reis:

—Por isso, o nosso batalhão foi condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª classe, com palma de ouro.

A pedido do comandante da unidade, o subsecretário de Estado do Exército, descerrou o retrato do heróico militar, acto que foi acompanhado com palmas.

Muito comovido, o homenageado agradeceu a presença daquele membro do Governo e das outras entidades:

—Estou enormemente sensibilizado e emocionado ao agradecer a iniciativa desta homenagem. Considerava-me já suficientemente recompensado com os louvores e as condecorações que, nesses tempos

(Continua na 14.ª página)

Vamos beber água do Tejo e vai ser desferrizada a água do Carregado

motivo de reclamação dos Lisboetas

A Companhia das Aguas de Lisboa convocou a assembleia geral dos accionistas para o próximo dia 14, a fim de apresentar o relatório da direcção, referente ao exercício do ano findo. Segundo esse relatório, as despesas de administração tiveram um acréscimo, sobre as verificadas no ano anterior, de 1.554.843$42. Por outro lado, as receitas a fazer face aos encargos aumentaram de 1.867.709$16, pelo que o saldo subiu para 312.863$74.

No ano findo, os particulares consumiram 32.433.633,9 metros cubicos; a Camara Municipal, 12.865.901 e o Estado 7.837.571, tudo no total de 53.137.105,9, ou seja, mais 2.173.821,5, em relação ao consumo do ano findo.

Em referência a canalizações mestras, concluiu-se o assentamento da conduta mestra do Terreiro do Paço-Cais do Sodré, com 80 centimetros de diametro e que constituiu um notável beneficio para o abastecimento da área ocidental da zona baixa da cidade. Também com grande beneficio para a rede da zona alta e antecipada por uma imperiosa deslocação imposta pelas obras do Metropolitano, assentou-se uma tubagem de 80 centimetros de diametro, na Avenida João Crisóstomo. Outra deslocação de menor monta, obrigada também pelas obras do Metropolitano, foi a da canalização de 1 metro de diametro na Avenida Fontes Pereira de Melo e ainda outra de igual diametro, que estabelece a ligação entre a Azinhaga de Telheiras e o reservatório do mesmo nome, ali em construção.

O reservatório de Telheiras, principiado em Abril do ano findo, deve estar concluido em fins deste ano por terem surgido dificuldades com as fundações, provenientes da natureza do terreno. A este se acrescenta a construção do reservatório do Restelo, cuja empreitada foi adjudicada no fim do ano.

No que respeita a captação de água, problema fundamental para o abastecimento da cidade, o relatório lembra que as da Lezíria Grande, junto de Vila Franca, já estão concluidas, embora em período de ensaio. Mas, mesmo assim, em regime de ensaio, contribuiram para o abastecimento da cidade com cerca de 3.340.000 metros cubicos de água.

Procura-se agora averiguar, através dos resultados de exploração,

(Continua na 11.ª página)

Continua detida a mãe da criança abandonada numa escada

Continua detida, nos calabouços da sede da Polícia Judiciária, aguardando a instrução do respectivo processo, Maria Vitória Patrício Glória, que abandonou uma filhinha de dias na escada do prédio n.º 66 da Rua das Amoreiras.

As diligências, sob a orientação do inspector dr. Ricardo da Velha, prosseguem no sentido de se localizar o paradeiro do indivíduo que viveu amancebado com a Maria Vitória, cerca de cinco meses, ao mesmo tempo que procura esclarecer outros factos ligados ao seu crime. Esta, no entanto, nos interrogatórios a que foi submetida, declarou que, ao abandonar a criancinha, teve o objectivo de o fazer em sítio em que pudesse fácilmente ser vista e que o seu choro fosse ouvido para imediatamente ser recolhida e tratada.

O trabalho da Polícia Judiciária, através de todos os componentes da sua 4.ª secção, merece ser salientado. Foi um trabalho metódico de investigação policial, desenvolvido dia-a-dia, hora-a-hora, com os interrogatórios de centenas de mulheres e várias consultas e pesquisas dos ficheiros das Maternidades de Lisboa, que levou á descoberta da criminosa.

Passou por Lisboa a actriz cinematográfica Debby Reynolds

Esta manhã, passou por Lisboa a conhecida actriz cinematográfica Debby Reynolds, de quem o cantor Eddie Fischer vai divorciar-se, para casar com Elizabeth Taylor.

A gentil «vedeta» dirigia-se a Madrid, onde vai contracenar com Gleen Ford, num novo filme que será rodado naquela cidade. O avião em que Debby Reynolds viajava demorou-se cerca de uma hora no aeroporto da Portela de Sacavem, mas a «estrela» não se dignou abandoná-lo, nem falou aos jornalistas, nem concedeu autográfos...

Também, nem sequer tínhamos o tradicional Sol de Portugal a recebê-la.

Rosa dos Ventos

A viuva de Goering (65 anos) reclamou da justiça alemã a restituição de todos os bens que pertenceram a seu marido, avaliados em cerca de 15.000 contos e que foram confiscados pelos aliados a seguir á guerra. Alega que o marido, demitido por Hitler pouco antes da rendição da Alemanha, deve considerar-se «vítima do nazismo».

*

Á semelhança de Jean Gabin, Eddie Constantine comprou uma quinta, a 60 quilómetros de Paris, onde se dedica á criação de galinhas, porcos, coelhos, vacas leiteiras, cavalos de corrida, rosás e espinafres. Era extremamente pobre. Hoje é imensamente rico. A casa de habitação está mobilada com gosto e conforto. Tem um teatro dentro da quinta e vive feliz com a mulher e duas filhinhas encantadoras.

*

Segundo anuncia a agência oficial de notícias da Alemanha de Leste, vão ser enviadas 25.000 raparigas alemãs, em grupos sucessivos, para as regiões que se estendem entre o Kazakhshan e a Ásia Central, a fim de distrair e revigorar as dezenas de milhares de jovens russos que estão a trabalhar na valorização agrícola dessas terras selvagens, segundo o novo plano septanal.

*

Foi a rainha Frederica da Grécia que contribuiu, por detrás da cortina, para a solução do problema de Chipre, exercendo a sua influência junto do arcebispo Makarios para que aceitasse o acordo de Genebra, contra o qual o artifice da independência se manifestou hostil até ao ultimo momento. Parece que é difícil resistir á inteligência e á persuasão da soberana, quer se trate de política, de negócios, de literatura ou de questões sociais.

*

Ana Povlova morreu de desastre aos 42 anos, idade em que pensava retirar-se de cena. Galina Ulanova (50 anos), que tencionava pôr um ponto final na sua carreira, continuará a dançar, a pedido das autoridades soviéticas, que não querem privar o seu país da glória que lhe advém da famosa bailarina.

*

Está cientificamente provado que, se uma mulher grávida fumar durante o período da gestação, a criança terá um peso abaixo do normal cerca de 225 gramas. Em 5 maternidades da Universidade de Birmingham, fizeram-se experiências em 2.000 mulheres e chegou-se á conclusão de que o uso do cigarro perturba a alimentação do nasciturno a ponto de lhe diminuir o peso.

*

Recepção elegante em casa de gente bem. Os convidados conversam, enquanto uma menina ataca furiosamente no piano uma área de «jazz». Depois outra e outra. O concerto ameaça não acabar. Um senhor de idade olha com inquietação para a pianista e murmura ao ouvido do vizinho:

— Espero que não irá continuar.

— Porquê? É sua filha?

— Não. O piano é que é meu.

RONDA DA HISTÓRIA
LER NO NÚMERO DE MARÇO OS ASSUNTOS MAIS EMPOLGANTES — 48 PAGS. — 5 ESC.

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,
comércio ou habitação; vestíbulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.º central, etc.
R. António Maria Cardoso, 15

O PORTO pelo telefone

Feira popular

PORTO, 7—No Governo Civil desta cidade efectuou-se, esta manhã, sob a presidência do dr. Elísio Pimenta, chefe do distrito, uma reunião com os membros que constituem a comissão executiva da Feira Popular, para a qual foram estabelecidos os planos para que o certame atinja maior brilho.

Uma furgoneta caiu numa ribanceira

Esta madrugada, próximo dos Carvalhos, uma furgoneta conduzida pelo empregado comercial Amilcar Dias de Carvalho, de 23 anos, solteiro, residente na Rua Mestre de Avis, 53, 1.º, na Guarda, despistou-se e caiu por uma ribanceira. Do desastre resultou ficar ferido o condutor que recolheu ao Hospital da Misericórdia.

Pesca do bacalhau

Rumo á Terra Nova e Gronelandia, com escala por Lisboa, largaram hoje do Douro os lugres «Avis» e «Condestável» que vão fazer a campanha bacalhoeira.

Falecimento

Na sua residência, Rua do Sol, 55, 2.º, faleceu o sr. António Narciso da Silva, de 87 anos, casado, antigo industrial de barbearia nesta cidade. O funeral efectua-se amanhã, pelas 11 horas, no Prado do Repouso.

Vida musical

Palestra sobre musica no I. N. E. F.

No anfiteatro do Instituto Nacional de Educação Física prosseguiu hoje o ciclo de palestras subordinado ao tema «A arte e a juventude», organizado para valorização dos futuros diplomados em Educação Física.

A palestra de hoje foi dedicada á musica e proferida pelo crítico sr. dr. João de Freitas Branco, presidente da Juventude Musical Portuguesa, cujo valioso trabalho foi bastante apreciado pela assistência, constituida pelos director e subdirector do I. N. E. F., respectivamente, srs. dr. Andresen Leitão e prof. José de Sousa Esteves, professores, diplomados e alunos.

No final da palestra, estabeleceu-se animado diálogo entre os espectadores e o dr. João de Freitas Branco

Adormeceu ao volante

e atropelou dois peões um dos quais morreu

COIMBRA, 7 *(Pelo telefone)*.— Entre Carqueja e Mealhada, uma camioneta conduzida por Adelino Martins Simões, residente em Anadia, saiu do leito da estrada e atingiu Manuel Marques e Natália Feliciano Pizarro, que se encontravam na berma. O primeiro teve morte imediata e a segunda encontra-se em estado grave. O desastre verificou-se por o motorista ter adormecido ao volante do veículo. A P. V. T. tomou conta da ocorrência e prendeu Adelino Martins Simões.

O «Sempre Fixe» é vendido em AGUADA DE CIMA pelo sr Darlindo S. Figueiredo.

Cartaz do Porto

para amanhã

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45 — A revista «Com jeito, vai!».
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO — Ás 21 e 45 — A peça «Linda Inês».
COLISEU — Ás 21 e 30 — «A Pousada da Sexta Felicidade».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A mulher que viveu duas vezes».
BATALHA — Ás 15 e 30 e 21 e 30— «A costureirinha da Sé».
TRINDADE—Ás 15 e 30 e 21 e 30— «Viva o palhaço».
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «Raparigas de uniforme».
ÁGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Abbott e Costello e a mumia».
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Férias em Paris» e Yvon Curie.
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Tempestade em Berlim».
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «Raparigas de azul».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «A águia fugitiva».

Proprietários processados

por não passarem recibos de rendas pagas

Foram instruídos recentemente processos a alguns proprietários, por não passarem recibos de rendas pagas, atitude que, em regra, conduz a aumentos ilegítimos de renda. Entre os processados figuram um proprietário da Rua da Sota, em Coimbra; um de Aguas Santas (Maia); um do lugar de Areeiro (S. João de Ver); um de Darque (Viana do Castelo); um proprietário de Valongo dos Azeites (S. João da Pesqueira); e um agricultor da Quinta dos Mouzinhos, a Chelas, todos por se recusarem a passar recibos; e, ainda, um proprietário da Rua António Patrício, em Lisboa, o qual é arguido de se aproveitar do analfabetismo da sua inquilina, que pagava de renda 130$00, para lhe passar recibos de 730$00.

Preços exagerados

Verificando-se, em alguns mercados, em Lisboa e arredores, Coimbra e outras localidades, preços injustificados da hortaliça, foram dadas instruções para se impedirem tais abusos, incluindo a venda de molhos com quantidades reduzidas. Em Coimbra, numerosas vendedeiras foram intimadas a baixar os preços que praticavam.

Foram, também, processados dois restaurantes de Cascais: um, por fornecer vinho de consumo engarrafado com lucros que atingiam 160 %; e outro por ter excedido o lucro fixado (100 %) num fornecimento de vinho de marca. Um restaurante de Algés foi igualmente processado por cobrar, em vinho de marca, além do lucro autorizado, quantia que ia até 6$00 por garrafa. Em Guimarães, foi processado um retalhista de vinhos, por ter vendido aguardente de bagaço á razão de 24$00 o litro, a qual era adquirida a 14$00.

CONFERÊNCIAS

Na Sociedade Operária de Instrução e Recreio

Depois de amanhã, ás 21 horas, na Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar, em Évora, a sr.ª D. Beatriz Serpa Branco proferirá uma conferência subordinada ao tema «Conhece-te a ti mesmo».

VIDA RELIGIOSA

Comunhões pascais das unidades militares de Lisboa

Organizadas pelos Serviços Religiosos do Governo Militar, principiaram as comunhões pascais dos oficiais, sargentos e praças das unidades militares de Lisboa, na igreja de Campolide, para o R. A. L. 1 e B. C. 5. O programa prosseguirá no dia 11, na igreja de Fátima, para os elementos do Quartel-General e G. C. T. A.; dia 12, na igreja do Campo Grande, para o R. E. 1 e E. P. A. M.; dia 14, na igreja da Graça para o B. T., C. Adidos e 1.º G. C. S.; dia 15, na capela da Casa de Reclusão da Trafaria, para os reclusos; dia 18, na capela do Palácio de Queluz, para o R. A. A. 1; dia 20, na igreja da Amadora, para o R. I. 1; dia 22, na igreja da Memória, para o R. C. 7, R. L. 2 e B. M. 1;

Estes actos religiosos, anunciados préviamente nas unidades pelo major-capelão do G. M. L., são depois preparados com a necessária pregação doutrinária, feita nos referidos templos pelo mesmo capelão.

Dia de S. Tomás de Aquino

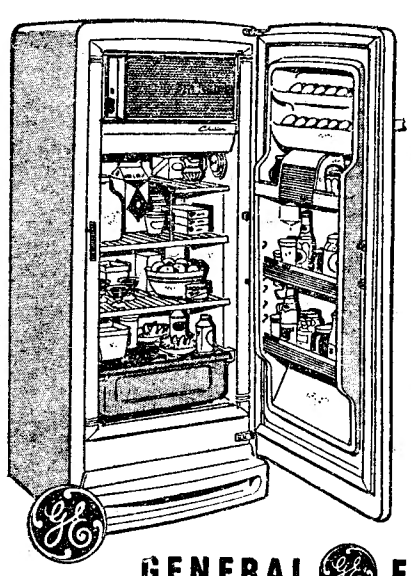
Sob a presidência do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, o sr. prof. Ribeiro Soares proferiu esta tarde, no Seminário dos Olivais, uma conferência comemorativa do dia de S. Tomás de Aquino, subordinada ao título «S. Tomás e a política».

Jantar de homenagem

ao dr. José Pinto de Aguiar

Hoje, ás 20 horas, na Pastelaria Marques, realiza-se o jantar de homenagem, que um grupo de amigos promoveu em honra do sr. dr. José Pinto de Aguiar, pela forma como tem dirigido algumas casas de assistência.

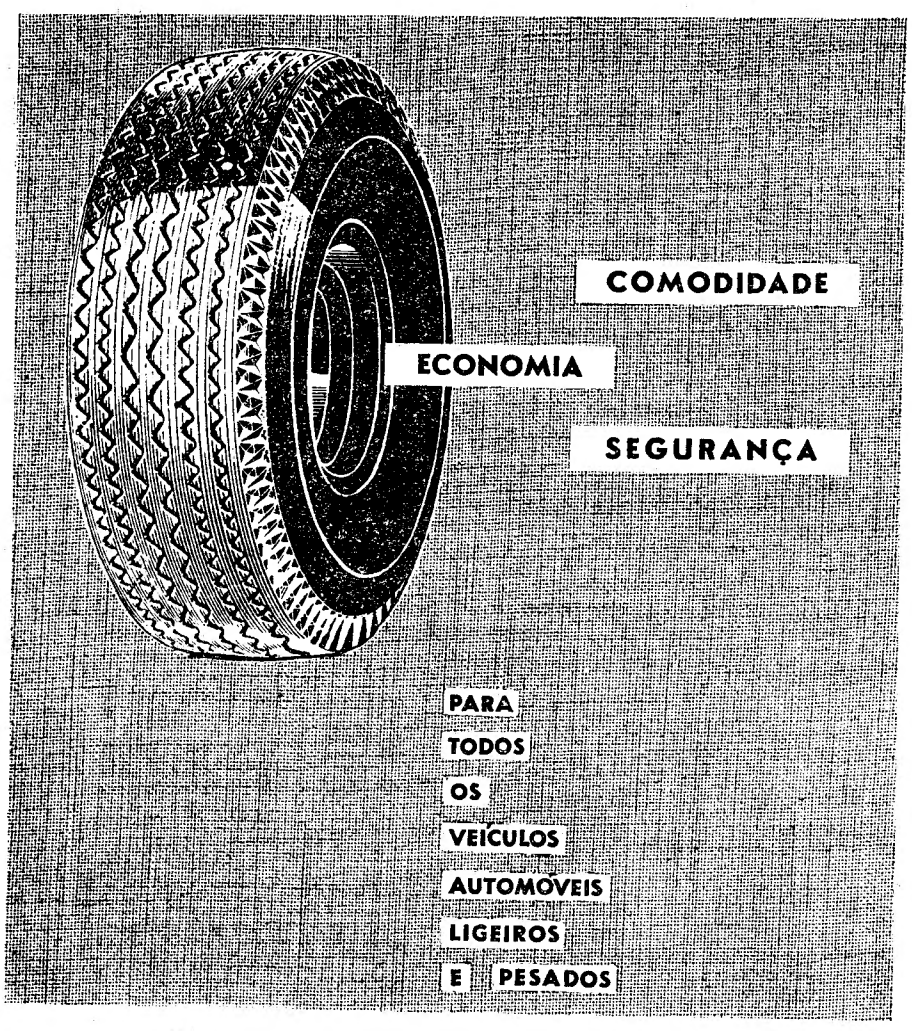
NÃO ESPERE PELO VERÃO!
veja a nova linha de 1959



PORTA MAGNÉTICA
GRANDE CAPACIDADE
PERFEITO AUTOMATISMO

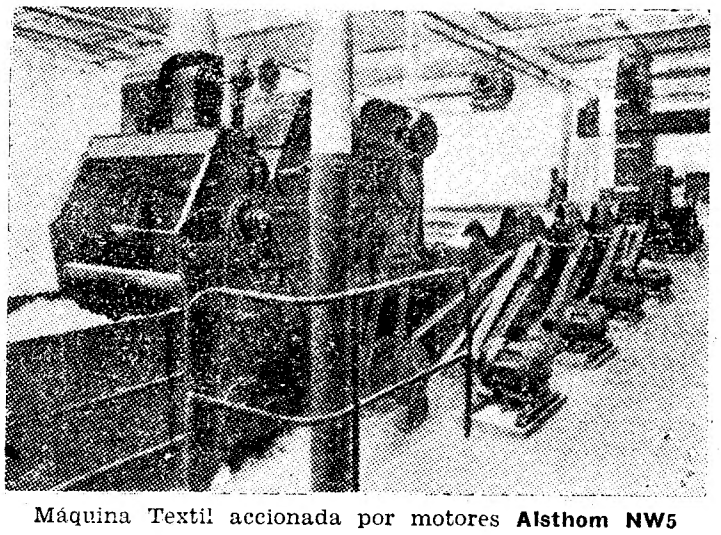
GENERAL ELECTRIC
O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

em exposição na
IMAL
IMPORTADORA MONUMENTAL DE ACESSÓRIOS, Lda.



MABOR
1-59

SOCIETÉ ALSTHOM—PARIS
EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS
para todas as Indústrias



Máquina Textil accionada por motores Alsthom NW5
DELEGADOS
Agência Geral de Material Eléctrico, Lda.
Rua dos Industriais, 4, 1.º às Cortes — Lisboa
Telefones 660692-666082-660604

TEATROS E CINEMAS

«Assassínio na catedral», em S. Carlos

Há quem tenha reparado na descontinuidade dos espectáculos da actual temporada de ópera. Estes espaços, na verdade largos, entre uma e outra montagem, foram plenamente justificados — dadas as condições de existência da musica e dos executantes em Portugal — pela preparação da dificílima partitura de «Wozzeck»; e, a duas semanas de intervalo, era a vez da montagem de outra primeira audição, não muito difícil para a orquestra, mas de grandes exigências no palco. Fizemos todo o possível para nos libertarmos de uma instintiva preocupação de comparar com o «Wozzeck» a recente e muito falada obra cénica de Pizzetti, o «Assassínio na Catedral», que iamos agora ouvir; e quase o conseguimos, (quase...) valendo a pena contudo reparar que se o «Wozzeck» deu á Orquestra Sinfónica Nacional o ensejo de mostrar a sua categoria, «Assassínio na catedral» deu ao corpo coral do Teatro de S. Carlos uma oportunidade que não deixava de ser rica em escolhos e a que soube fazer frente.

Ninguém pode duvidar de que «Assassínio na catedral» é uma obra apresentada com nítidas intenções de doutrina. A nota do programa (de João de Freitas Branco, que também nos fornece, com clareza, os necessários dados históricos), basta para elucidar o leitor acerca das referidas intenções doutrinárias: «*A esperança de T. S. Eliot*, (autor da peça de que Pizzetti extraiu o seu libreto) *na salvação da cultura ocidental está num novo e unificado humanismo cristão*». Claro, não é razão para não acreditar na isenção de Pizzetti como de T. S. Eliot, distinguido com o *Prémio Nobel* em 1948.

Independentemente da doutrina — mas não dos sentimentos que ela exprime e das situações em que se manifesta—esta obra cénica-musical é uma bela partitura? Talvez... Não em absoluto, com certeza, mas sim como veemência dramática e como perícia de escrita coral, e ainda como nível de estilo. E' muito louvável o seu timbre de austeridade, manifestado pela ausência de episódios amorosos ou picarescos; o espírito católico-apostólico-romano e a velha veia religiosa inglesa unem-se aqui para informar uma sequência de cenas que têm a largueza e a densidade dos quadros bíblicos; e, ao mesmo tempo, o apregoado cristianismo é falseado por uma caracterização muito exterior, muito tributária do sentido decorativo. Como arquitectura geral, o ponto central da representação é ocupado pelo curto sermão de Natal, emudecendo e escurecendo a cena enquanto o «Intermezzo» se desenrola na orquestra, um tanto frouxo para o papel que desempenha.

A obra não é longa, mas isto não é um defeito. Gravita em torno da imponente e para nós atraente figura de Thomas Becket, arcebispo de Canterbury, que parece ter sido idealizado na criação de Pizzetti para exaltação da arte vocal e histriónica de Nicola Rossi-Lemeni. Uma benfazeja segurança de afinação, uma desportiva constancia de robustez, se juntaram hoje ao seu formoso timbre de baixo-cantante. E Nicola Rossi-Lemeni representa, como o quer a rubrica, sem possibilidades de sobriedade nem cristã nem pagã, mas salvaguardado pela sua figura altamente imponente.

Como tencionamos voltar a «Assassínio na catedral», no Coliseu, guardamos para então mais esbocos de pormenorização da obra e dos cantores. Mas queremos desde já homenagear Mário Pellegrini, pela denodada responsabilidade nos ensaios do corpo coral, assistido por Carlo Pasquali, e as figuras solistas de Giuseppina Asare, Corinna Vozza, Mario Ortica, Alessandra Maddalena, Lino Puglisi, Rinaldo Pelizzoni, Silvie Maionica, Nicola Tagger, Enzo Viare; e não esperaremos para destacar Alvaro Malta elemento português, que confirma uma verdadeira vocação. Em vez de um trabalho firme de equipa portuguesa, vai acontecer que os nossos bons cantores vão ser assimilados em companhias estrangeiras, — o que é muito desejável para eles, mas nulo para o desenvolvimento da arte operática portuguesa.

A montagem cénica em S. Carlos foi de verdadeira beleza visual, repartidos os méritos por Riccardo Moresco, regista que pôde bem desta vez mostrar a sua garra; por Furiga, que utilizou as luzes com crescente eficácia, e aprontou cenários e apetrechos em que os pormenores irritantes são cada vez em menor numero: e a Casa de Arte G. Fiore, de Milão, para um primoroso guarda-roupa, que não destoou da magnificência de Nicola Rossi-Lemeni.

Resta a direcção global do nosso bem conhecido Antonino Votto, muito á-vontade, parecendo fazerem uma só peça, ele e a batuta. Mas Deus (o bom Deus de toda a gente, pios e impios) nos perdoe— não nos pareceu muito convencido do conteudo da orquestra... Ou achou que a garantia do espectáculo o obrigava a guardar todos os seus cuidados para a complicada junção com o palco, o que, de facto, conseguiu magistralmente.

FRANCINE BENOIT

(Continuação da 4.ª página)

rinos do guarda-roupa da nova revista, que brevemente entra em ensaios no Teatro ABC.

— Isabel de Castro vai substituir a sua colega Ligia Teles, no desempenho da peça em cena no Teatro da Trindade, por esta ir fazer parte da companhia de revistas do Teatro Variedades.

— O actor Assis Pacheco não pode aceitar o convite que lhe foi feito para interpretar a principal figura, de uma peça que vai entrar em ensaios num teatro de declamação, por estar ligado á companhia Laura Alves.

— No Teatro Ginástico do Rio de Janeiro vai ser estreada a peça de Arthur Miller «Panorama visto da ponte», na tradução de Raimundo de Magalhães Junior.

— No paquete «Andes», segue para o Brasil o sr. António Russo, português, há mais de vinte anos residente no Rio de Janeiro onde está ligado a vários negócios teatrais, e é sócio benemérito do Retiro dos Artistas, de Jacarépagua.

— Não se confirma a vinda de elementos artisticos italianos, para a companhia de revistas do Teatro ABC.

No D. Maria II

continua «O processo de Jesus»

Diego Fabbri, ao desenvolver o tema de «O processo de Jesus», não se limitou a construir um debate frio e académico, como a ideia parece sugerir, mas dirigiu-se especialmente ao coração, á sensibilidade do espectador e, transmitindo uma mensagem de fraternidade humana, mantém, ao mesmo tempo, uma atitude de exemplar independência. Daí, um dos principais motivos do interesse excepcional desta sua peça, que continua em pleno êxito no D. Maria II, no quarto mês de representações.

Vem a Lisboa

a «Comedie Française»

No próximo mês de Abril, virá a Portugal, para se apresentar no cinema Tivoli, a famosa companhia da «Comédie Française». Antecedendo a chegada daquele agrupamento teatral, o sr. Marcel Karsenty, oficialmente encarregado de preparar a «tournée» que a «Comédie Française» realizará por toda a Europa, dará, na próxima quarta-feira, ás 11 horas, na sede da administração do Tivoli, uma conferência de Imprensa, á qual assistirão o adido de informação e o adido cultural da Embaixada da França.

Primeiras exibições

«Gata em telhado de zinco quente», no São Luís e Alvalade

A dramaturgia americana atingiu o tom da tragédia grega. Tenessee Williams criou um universo próprio, que necessàriamente retrata uma outra América interior e escondida, muito menos triunfante que supomos. Um universo tenso, sustentado até a um fim explosivo, todo ele inutilmente recalcado, em que o erotismo e a frustração são elementos centrais.

«Gata em telhado de zinco quente» é das mais notáveis peças de Tenessee Williams e teve em Richard Brooks, o «honesto Brooks» de «Blackboard jungle» e «Irmãos Karamazov», um adaptador e realizador consciente. E' claro que, no sentido de rasgar as limitações de uma acção montada para palco, Brooks agita as personagens sublinhando a espectacularidade do diálogo. Têm o maior interesse a sequência do diálogo á chuva e a da cave das *velharias* europeias, esta uma espécie de descida ao subconsciente. Brooks soube encontrar uma linguagem cinematográfica perfeitamente coincidente com a de Tenessee Williams. As figuras são traçadas vigorosamente e estalam de humanidade por todos os poros, menos essa Elizabeth Taylor, que nos parece deslocada e frouxa. Mas já Burl Ives, num «big father» portentoso, truculento e em ruina física, e Paul Newman num filho alcoólico e finalmente salvo, são actores excepcionais. Também a mãe, o segundo filho e sua mulher, são personagens muito bem definidas e resolvidas.

O drama de uma poderosa familia do Sul, que Faulkner carregaria de inquietações metafisicas é posto e violentamente solucionado. A falsidade e a busca dolorosa da verdade são elementos centrais da obra. O homem destroi-se totalmente e, achada a verdade, é possivel a reconstrução. Obra afinal optimista, com laivos de sátira social mas muito para lá disso, «Gata em telhado de zinco quente», foi cinematizada com seriedade e constitui um filme apaixonante e intenso.

De sublinhar a fotografia a cores.

Entre os documentários um «cartoon» da série «Terry and Tom». — *Visor 100.*

No Tivoli

«O quinteto era do cordas» na sessão clássica

Amanhã, ás 11 horas, integrado nas sessões clássicas de domingo, realizadas no Tivoli, exibir-se-á o filme «O quinteto era de cordas», de A. Mackendrick, interpretado por Alec Guiness e Herbert Lom.

«Music-hall»

Lisboa pode orgulhar-se de possuir uma «boite» que capricha em apresentar «shows» de verdadeira categoria internacional. Com efeito, a Tágide, graças aos bons esforços de Campos Ferreira, a quem são devidas as justas homenagens, reuniu um conjunto de atracções de excelente categoria que confere ao programa todos os motivos de agrado.

Laura Benelli, uma beleza italiana, interpretou uma série de cançonetas de feição popular e que andam a correr «as sete partidas do Mundo». «Io», «Piove» e «Una marcia in fa» (esta do Festival de San Remo) foram os numeros mais aplaudidos. Laura Benelli cativou o publico não só pela sua sedutora presença como ainda pela alegria que imprime á sua actuação. Uma excelente artista.

«The modern Jazz Dancers», autêntica rajada de modernidade, arrebatou o publico, açambarcou os aplausos mais espontaneos e prolongados; Helena Tavares, elegante e bonita é uma fadista que convence; Maria Candal, olhos gaiatos numa graciosa figurinha, cantou composições portuguesas, o que é para salientar; e Ivone e Clara bailaram com excelente ritmo.

O «show» tem ainda a valorizá-lo o conjunto «Tágide» que reune algumas estrelas de musica ligeira com Fernando Albuquerque, Alex Williams, Tobias Valido, Laura Villa, João Rodrigues e Mamede. O programa apresenta-se também no Palm Beach. — S.

Cineclubismo

Retrospectiva do cinema mudo português

Depois de amanhã, ás 18 e 30, no salão de cinema do S. N. I., realiza-se mais uma sessão do ciclo «Retrospectiva do cinema mudo português», organizada pelo Cine-Clube Universitário de Lisboa, em colaboração com a Cinemateca Nacional. Serão exibidos os filmes «Maria do Mar», de Leitão de Barros; e «Douro, Faina Fluvial», de Manuel de Oliveira.

Jangadas salva-vidas de tipo pneumático experimentadas em Alcântara

Três fases da experiência com a nova jangada

Em Outubro do ano findo, foi experimentada, perante as autoridades portuguesas, que imediatamente lhe concederam o certificado, uma jangada salva-vidas alemã, de tipo pneumático, para 6 pessoas, das que substituirão, gradualmente, em todos os navios, as actuais baleeiras.

Hoje, na Doca de Alcantara, fizeram-se, com idêntico objectivo, experiências com três dessas jangadas, de insuflação automática, de 8, 10 e 20 lugares.

Por parte do Ministério da Marinha, estiveram ali os srs. inspector engenheiro Esteves Cardoso e agente técnico Joaquim Trindade, da Direcção-Geral da Marinha Mercante, encontrando-se também presentes os comandantes Boaventura Gonçalves e Américo dos Santos e o engenheiro Artur Lobo, da Sociedade Geral de Transportes, Industria e Comércio, e o engenheiro Neto Valente, da firma Harker & Sumner, bem como os dirigentes da Nacional Rádio, Ld.ª, representante das fábricas das jangadas.

De bordo do vapor «António Macário», foram estas lançadas sucessivamente; e, logo que o embrulho cilíndrico que cada uma constituia tocava na água, ligada á amurada por uma fita, puxando por esta de bordo, via-se surgir, enchendo-se automàticamente, uma excelente e confortável jangada de borracha, circular, com duas ordens de pneus — para a hipótese de algum deles se furar— um toldo e duas aberturas.

Cada jangada leva água e víveres correspondentes ao numero de ocupantes.

O abastecimento de água à cidade de Lisboa

(Continuação da página central)

da possibilidade da efectivação da 2.ª fase da referida captação.

Em relação á captação de Alenquer, já está adquirido o equipamento para os poços e adjudicada a construção do edificio para a central, arranjo do recinto e casetas das bombas. As obras ainda não puderam ser iniciadas por dificuldades de explorações, em especial as que surgiram com a Camara Municipal de Alenquer. Prevê-se, entretanto, que possam ser resolvidas no decorrer deste ano.

Para a captação da Ota, também já está adquirido o equipamento, e iniciou-se a construção do edificio para a central e a de mais um poço, que deverão ficar concluidos no decorrer deste ano. Com o conjunto de três poços, prevê-se que esta captação possa fornecer o caudal de estiagem de 30.000 metros cubicos diários.

Vai ser captada água do Tejo

Quanto ao período experimental da estação-piloto de Valada, terminou em Novembro, tal como estava previsto, tendo os resultados obtidos confirmado a possibilidade de utilização de água do Tejo para abastecimento de Lisboa. Com base nos elementos colhidos, já está a elaborar-se o projecto das futuras estações de captação e tratamento, que deverá ficar concluido ainda este mês. O «Diário de Lisboa» referira-se, há anos, desenvolvidamente, ao plano deste aproveitamento que vem ajudar a solucionar definitivamente, o problema de abastecimento de água á capital.

Por outro lado vão também começar os ensaios de desferrização da água dos poços do Carregado, problema que está em estudo, há alguns anos. O assunto tem sido motivo de muitas reclamações do publico e da Imprensa.

Mais contadores

E' curioso, ainda, registar que, no ano findo, foram colocados 16.869 contadores, dos quais 16.852 de pressão e, apenas, 17 de ar livre.

NECROLOGIA

Damascena de Jesus Joffre

Com 89 anos, faleceu, no Hospital de Santa Marta, a sr.ª D. Damascena de Jesus Joffre, mãe do sr. Horácio Joffre, impressor tipográfico. O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da casa mortuária daquele hospital para o cemitério do Lumiar.

A COMISSÃO NACIONAL

de coordenação e Planificação das Pescas

Uma portaria do Ministério da Marinha dá aprovação ás bases de uma moção aprovada no V Congresso Nacional de Pesca, que recentemente se efectuou em Angola, em que se propunha a nomeação de uma Comissão Nacional de Coordenação e Planificação das Pescas. Para presidente desta comissão foi nomeado o capitão-de-mar-e-guerra sr. Henrique Tenreiro, como delegado do Governo junto dos organismos corporativos da pesca.

Recintos de diversões

O activo empresário António de Araujo, sócio-gerente do «Ritz Clube», partiu para Gibraltar, Marrocos e Espanha, onde vai contratar novas atracções para aquele «dancing». Na sua passagem por Madrid, encetará negociações com um dos mais categorizados agentes do pais vizinho, no sentido de assegurar a actuação dos maiores êxitos do «music-hall» moderno.

— O programa de variedades do «dancing» Fontória é hoje enriquecido com a estreia do êxito internacional «Trio Rosas de Espanha».

Ourivesaria Algés
Av. Combatentes, 13-A
Telef. 012523 — ALGÉS
SORTIDO DE JOIAS EM 2.ª MÃO
ALGUMAS EM PLATINA E BRILHANTES GRANDES

A DESCOBERTA DA SUA BELEZA...

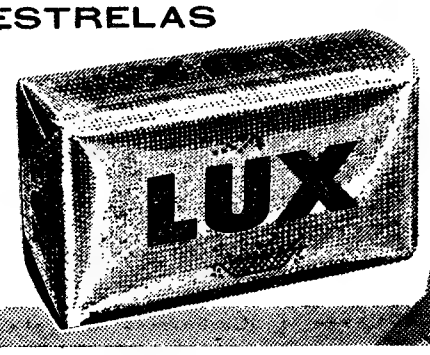
...depende muito do sabonete a que confia o tratamento da sua pele. Deve saber que o tratamento e frescura da sua pele só podem ser confiados ao sabonete Lux. Siga o conselho das estrelas de cinema cuja preocupação é serem cada dia mais belas... escolha Lux.

Mitzi Gaynor

cuja beleza provoca a admiração de todo o mundo, diz: *"Há muito que uso Lux"*. Lux é um verdadeiro tratamento de beleza.

Lux é absolutamente puro e a embalagem ouro de Lux preserva todo o seu perfume, toda a sua pureza. A branca e suave espuma de Lux torna a sua pele macia, fresca, encantadora.

9 DE CADA 10 ESTRELAS DE CINEMA USAM **LUX**



59-LT-29

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

ENGENHEIROS QUÍMICOS

Precisa-se, para direcção de fábrica de vidros e seu laboratório, fora de Lisboa.

Carta com idade, curso, experiência anterior e de mais referências e condições a êste jornal ao n.º 938.

AUTOMÓVEL ROUBADO

«Aronde» ultimo modelo I F 25-86, forrado a plástico branco, carrosseria preta, tejadilho creme. Agradece-se qualquer informação. Telf. 765409.

MENINA

Maria do Carmo Salvação de Oliveira e Silva

FALECEU

Seus Pais, Avós, Tios e mais Familia participam o falecimento da sua querida filha, neta e sobrinha, e que o funeral se realiza amanhã, ás 9,30, da igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério de Mafra.

Brindes da Páscoa

Jóias, pratas, ouro e relógios, só na **Ourivesaria Pinheiro**
Praça Duque Saldanha, 24
Tel. 58005
Preços sempre mais baratos

✝

Ardrardrio Tomás

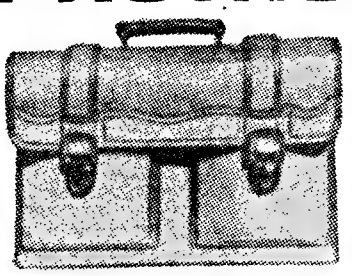
Agradecimento e Missa do 30.º dia

Sua família vem por este meio agradecer, por desconhecimento de moradas, a todos aqueles que se incorporaram no funeral ou de qualquer forma testemunharam o seu pesar, e participam que amanhã domingo, 8, ás 10,30 horas, será celebrada missa por sua alma, na Igreja de Arroios.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

PIANOS

CASA
GOUVEIA MACHADO
Rua S. José, 152—Telef. 25517

EIS A REGISTADORA QUE LHE CONVÉM...

O FAMOSO MODELO 968

RIV POPULAR *porque*

Não é uma máquina-novidade visto existirem milhares a funcionar em Portugal a inteiro contento dos seus donos. É uma caixa registadora robusta, completa, eficiente e... bonita! É a máquina digna do seu estabelecimento, que fará aumentar os seus lucros melhorando o seu contrôle.

REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, • TELEF. 59181 • LISBOA

A-D-U-L-T-O-S

EXAMES 3.º E 4.º CLASSES
rápidos com todas as garantias
L. Chão Lourciro, 1-2.º, Tel. 862244

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize a...
TABELA DE CÁLCULO
DE CAMPOS BEIRÃO
NAS LIVRARIAS E NO DISTRIBUIDOR, Ag. Tip. Castelo, Lda.
R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA - Esc. 40.00

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

que os de Hipócrates de Cós, no «Livro da Asma» («Sefer Ha-Kaseret») trata da asma de origem sensibilizante (Willis e von Helmont), da higiene geral, da dietética, e da psicoterapia, responsabilizando, além das substancias inalantes, os alimentos.

Maimonides conhecia as obras de Hipócrates, de Galeno, a medicina árabe e judaica («This combination of Jew and Arab in Semitic culture was important in medicine») e, sobretudo, o Talmud da Babilónia que, em mais de um dos capítulos, se refere á selecção de alimentos e ao tratamento da alergia, provocada pelos ovos. Muitas são as contribuições do Talmud á medicina («The Talmudic practices, to discover what was .kosher» and «terephah», which required post-mortem examination of slaughterd animals, had provided knowledge of the characteristics of organic disease»), e a da alergia aos alimentos conta-se entre as mais importantes.

Seria longo enumerar, ainda que de passagem, os principais capítulos da história da doença alérgica, referir nomes, factos e datas mais importantes, mergulhar na Grécia e surgir, acompanhado de Urbach e Gottlieb, na Universidade de Pensilvania, não esquecendo as contribuições de todos os outros países, entre eles a Inglaterra, Alemanha e Áustria.

No capítulo especial que hoje recordamos, convém acentuar que todos os alimentos podem deflagrar crises alérgicas, desordens e doenças gastrintestinais e múltiplas afecções do sistema nervoso, da pele, dos rins, dos pulmões e dos brônquios.

Nem sempre frutas e vegetais são responsáveis de alterações da sensibilidade, modos de reagir diferentes ou ausência de reacções do próprio organismo.

Todos os alimentos têm sido incriminados: a carne de porco, os mariscos, carnes e gorduras, leite e produtos leiteiros, conservas, cereais, pão, ovos, lentilhas (Urbach, 1936), tomate (Cook, 1929), aipo (Vaughan, 1934), o mel silvestre (Sticker's, 1937), frutas cozidas e em compotas (Rowe, 1937), bivalves (Urbach e col., 1944), etc., etc.

Não é justo, portanto, responsabilizar um único grupo de alimentos, ainda que cada um de nós, na fogueira consumidora da clínica, tenha arquivado um ou mais casos.

Quais as principais manifestações gastrintestinais? Condenso e resumo, para ser breve: aftas, indigestões várias, azias, flutulências, dores epigástricas, náuseas e vómitos, dores dos intestinos e do abdómen, diarreia ou constipação (prisão-de-ventre), cólites espásticas e mucosas, melena e prurido anal.

A ingestão de alimentos pode, em determinadas circunstâncias, provocar acessos de asma brônquica, dermatites (ezcemas), neurodermites, urticárias, edema angioneurótico, eritema pigmentado, prurido intenso e púrpura, eritema multiforme e até crises de acné vulgar «Prieto, «Dermatología». Madrid, 1948).

Têm sido igualmente descritas (referência especial ao sistema nervoso): cefaleias, enxaquecas, ataques epilépticos, síndromes de Ménière, vertigens, afasia e hemiplegia, insónia, acentuada depressão mental, profundas e contundentes alterações da personalidade (Iracy Doyle, «Medicina Psicológica», Rio de Janeiro, 1950).

Se, excluindo documentação pormenorizada, referirmos os casos de alergia por ingestão, teremos de apontar, relendo histórias clínicas, ataques de angor, espasmos das coronárias, espectaculares crises de extra-sístoles, taquicardia, hipertensão e hipotensão (dramática queda de pressão após ingestão de uma sopa de mariscos, queda de pressão seguida de uma daninha crise de urticária) e, ainda, hemorragias nasal e rectal.

Tudo é possível (e tem sido descrito) no capítulo da alergia.

Determinados autores (H. C. Jackson, E. P Joslin, G. H. Klinck, J. L. Kohn, R. V. Lee, A. N. Lemoine, S. S. Lichtman, McAlister, W. A. Mowry, C. E. Prokesch Y. Sato, F. Schaaf, Vickers e Vidal, etc.) citam e referem ainda fadiga, irritabilidade, toxemias alérgicas, febre e febrículas (sem razão aparente), cólicas renais, hematúrias, cistites (tomate, aspirina e derivados).

A confusão aumenta quando, ouvido Kitamura, se pode concluir (a prova é difícil de se obter) que não são os alimentos em si que desencadeiam crises alérgicas, em toda a gama de manifestações. São os detritos provenientes das transformações metabólicas, sofridas no grande laboratório do organismo humano, que devem ser tornados responsáveis pelo aparecimento de alergenos secundários. Seriam estes, á face do código da saúde, os que deveriam ser apontados e condenados.

São de Lucrécio estas palavras, renovadas e actualizadas, pelo rodar dos tempos: «One man's meat is another man's poison».

Fechner relata casos devidos á combinação peixe-codeína, peixe-hipnóticos, carne-aspirina, e ainda outros, não referindo os provenientes do encontro de dois alimentos.

Relendo a literatura médica, consagrada ao problema, verifica-se e nota-se que tais encontros se podem multiplicar, quer se trate de alimentos simples, quer preparados.

Depois da ingestão de chocolate, as cefaleias podem ser tardias e permanecerem durante semanas após o esvaziamento do intestino, desaparecendo assim a causa. O próprio odor da massa (em algumas fábricas americanas somam-se os casos, obrigando os médicos a propor ás respectivas gerências a transferência de pessoal) pode ser nocivo. Não há regras, e não se conseguem delimitar fronteiras Cada indivíduo é portador da sua própria condição alérgica. O terreno conta e a trama de que cada um é tecido (P. Delore), pesa mais do que muitos práticos imaginam. Quando as paixões da alma estão serenadas e deixam os nervos tranquilos, até o queijo da serra e o vinho do Porto não bolem com a vesícula. Esta simples constatação está ao alcance de todas as bocas.

Raramente se ajustam os casos. Daí a dificuldade do diagnóstico e também a da interpretação dos dados clínicos. (Dr. W. C. Alvarez, «Nervous Indigestion», New York, 1958).

Para complicar o panorama, deve acrescentar-se que muitas das alergias nutritivas são devidas á influência da fauna intestinal sobre as proteínas alimentares.

Qualquer alimento pode adquirir propriedades alérgicas quando em contacto com um processo de gastrite ou de colite. Muitas histórias clínicas apontam alergias em indivíduos ulcerosos, indivíduos estes que, meses antes da enfermidade, podiam comer a cito tudo quanto lhes apetecia. A alergia psíquica, tão discutida pelos investigadores (Baruk), tem decisiva influência sobre a digestão dos alimentos e, registe-se o facto, sobre a alergia alimentar.

Insistindo sobre as lesões gastrintestinais, convém acentuar que se devem ainda destacar as entero-infecções próprìamente ditas das enterotoxico-infecções. Nestas últimas, ao contrário, nem sempre se verifica multiplicação de germes no organismo, sendo as perturbações observadas resultado da acção das toxinas de origem microbiana ingeridas com os alimentos.

A alergia seria, então, causada por aquelas toxinas e não, como se tem afirmado, pelos alimentos em si.

Não são frequentes as lesões apontadas. Todas elas têm sido descritas e, apesar disso, um caso ou meia dúzia, não pesa no juízo final.

Nunca pensei em deixar de comer morangos, apesar de os da primeira apanha, todos os anos, me causarem horríveis crises de urticária, daquela de andar a roçar-me, sem receio de ser ridículo, pelas ombreiras das portas. Propositadamente deixei de lado os muitos casos de intoxicação que todos os dias se verificam entre nós e no estrangeiro. São coisas separadas, apesar de tais alimentos ocasionarem, além da intoxicação, casos de urticária, estes de etiologia diferente.

A escolha dos alimentos é, como se verifica, muito importante. Maimonides, «el Aristóteles español, como también podríamos llamarle, padre espiritual de Alberto el Magno y Santo Tomás de Aquino», tinha razão. A saúde do homem depende do estado do corpo e da alma, do que ingere e respira.

Recordemos, ao finalizar, um dos seus mais conhecidos aforismos («Kisuré Galenus ou Mishné Galenus»): O principal objecto de toda a Medicina não é só curar enfermidades, é sobretudo preveni-las.

A. d'E.

Mocidade Portuguesa

Amanhã, ás 9 horas, no Centro de Férias do Forte de Catalarete, em Oeiras, realiza-se uma reunião de dirigentes da Mocidade Portuguesa, designadamente subdelegados regionais e directores de centros, para estudo do desenvolvimento de algumas das principais actividades em curso. Os trabalhos serão orientados pelo delegado distrital, sr. cap. Carlos Mota de Oliveira.

Centro de Profilaxia

Termina amanhã a I Semana Luso-Brasileira no Centro de Profilaxia, com uma palestra do nosso colaborador dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que descreverá as suas impressões do Rio de Janeiro, de há 40 anos, e dos chefes que ali teve, os embaixadores dr. Bernardino Machado e Duarte Leite (1913-15).

A conferência efectua-se ás 17 horas e a entrada é livre.

Fixe este anúncio

Os modernos e cómodos TÁXIS NETA, únicos no país equipados com RADIOTELEFONE, são os que melhor e rápidamente o podem servir onde quer que se encontre. Basta telefonar para o 833338.

Restaurante Cortador

OH! LACERDA

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada à Portuguesa
Terça-feira — Cozido à Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão à moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57

CAMISAS

POR MODELO OU POR MEDIDA

TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição

Consertos e transformações por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1. — Telef. 862402

Envio á cobrança pelo correio

BATAS HOSPITALARES — PIJAMAS E CUECAS

As obras em curso no campo de batalha de Aljubarrota

Sr. director do «Diário de Lisboa»: O «Diário de Notícias» desta manhã, em correspondência de Porto de Mós, diz-nos que brigadas de operários e camionetas de carga estão em activos trabalhos de valorização da capela de S. Jorge. Ora, como director que fui das escavações de carácter histórico que a Comissão de História Militar promoveu no local, sob o patrocínio do Ministério do Exército, sou de parecer — no que poderei estar em erro — que as obras em curso diminuem consideravelmente o valor do documento histórico, unico no Mundo, que as mesmas escavações revelaram. Cortam mesmo a visão táctica do campo de batalha.

A capela de S. Jorge está ali porque vencemos a batalha, e esta venceu-se principalmente pelas fortificações do terreno agora encontradas.

Este documento fundamental trouxe-nos ideias mais seguras sobre o local do combate.

Sem a vitória de 14 de Agosto de 1385, não seriamos hoje nação independente, não teriamos iniciado o ciclo maravilhoso dos Descobrimentos e conquistas, não teriamos descoberto o Brasil e o caminho para a India.

Atendendo á grandiosidade de tal documento para a nossa História, permito-me sugerir que todo se suspenda em S. Jorge, até que os ministérios interessados no problema ali em curso—Obras Publicas, Exército e Educação Nacional — se pronunciem sobre o assunto. De v., etc.

Afonso do Paço.

Objectos de ouro roubados a bordo foram apreendidos pela Polícia Marítima

No paquete «Quanza», que hoje chegou ao Tejo, vieram e foram entregues á Polícia Marítima vários objectos de ouro, avaliados em dezenas de contos, que seguiam em malas de correio no navio português «Ambriotte», as quais foram violadas pelo tripulante Joaquim dos Santos Cunha, que, no interrogatório a que procedeu o agente Marques, daquela corporação, declarou que os artigos roubados haviam sido comprados em Luanda, pelo comerciante Artur Lopes Sequeira. Este, ouvido pelas autoridades de Luanda, negou, acrescentando que os referidos objectos haviam sido comprados por um vendedor de galinhas, residente no mato e conhecido por Joaquim Sargata, o qual, porém, afirmou que tais declarações eram destituidas de fundamento. Em novas diligências a que procedeu a Polícia Judiciária de Luanda, apurou-se que foi efectivamente o Lopes Sequeira quem comprou os objectos roubados.

A MEMÓRIA de Gago Coutinho homenageada em Guimarães

GUIMARÃES, 7 — (Pelo telefone) — Os pilotos do Aero Clube da Costa Verde, Espinho, vieram, esta tarde, em romagem até junto do original monumento que, em 1927, foi esculpido num dos mais altos penedos da montanha da Penha, para perpetuar o glorioso feito de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral, na primeira travessia aérea do Atlantico. Ali prestaram singela e significativa homenagem ao insigne sábio Gago Coutinho, colocando um ramo de flores junto do monumento que é encimado por uma grande águia. Foram proferidas breves palavras para evocar a figura do eminente português.

Casa do Algarve

Comemorando mais um aniversário da sua existência, a Casa do Algarve promove, no próximo domingo, ás 13 horas, um almoço de confraternização algarvia para o qual será convidado de honra o sr. dr. Jaime Lopes Dias.

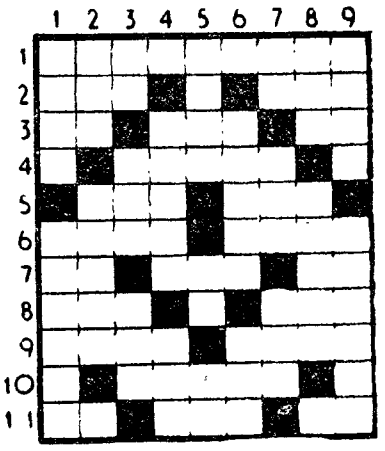
As inscrições para o referido almoço podem fazer-se na secretaria daquela colectividade ou pelo telefone 23210.

Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1527



HORIZONTAIS: 1 — Caixas das bussolas. 2 — Data. Escudeiro. 3 — Símbolo químico do bário. Estimo. Nota musical. 4 — Exército. 5 — Preposição. Frequentavam. 6 — Ingere alimentos. Cidade da Hungria. 7 — Artigo definido (ant.). Grande quantidade. Em o. 8 — Esteiro. Segui. 9 — Preposição. Paraíso. 10 — Nome da urze. 11 — Batráquio. Tempo do verbo ser. Pronome reflexo.

VERTICAIS: 1 — Liba. Assediar. 2 — Raiva. Assento real. 3 —Alto aí! Contém. Estime. 4 — Equipem. Apelido dum filósofo, literato e crítico espanhol. 5 — Preposição. Artigo definido. Dirigia-se. 6 — Encher de ópio. Reflexão de som. 7 — Nota de musica. Rio da Suíça. Passada. 8 — Lamentos. Ordene. 9 — Estais. Egro.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1526

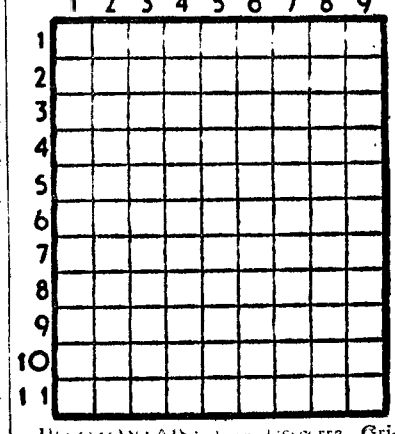
HORIZONTAIS: 1 — Saca. Igor. 2 — Ecos. Rira. 3 — Ana. Agá. 4 — Ath. Ara. 5 — Reencanar. 6 — Cê. Pt. 7 — Ver. Ien. 8 — Ai. Voe. Ac. 9 — PELO. DEDO. 10 — Alas. Alar. 11 — Raro. Mera.

VERTICAIS: 1 — SE. Aru. Apar. 2 — Acate. Viola. 3 — CONHECE. Lar. 4 — Asa. Nervoso. 5 — AC. O. 6 — Ira. Apicdam. 7 — GIGANTE. Ele. 8 — Orara. Nadar. 9 — Rã. Aro. Cora.

(Provérbio: PELO DEDO SE CONHECE O GIGANTE).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3599



HORIZONTAIS: 1 — Descerra. Grito lamentoso do cão. 2 — Nome de mulher. 3 — Jerusalem. Cria. 4 — Preposição e artigo. Naquele lugar. Céu. 5 — Balela. 6 — Aversão. Equipa. 7 — Título dos bispos maronitas. Voz de gato. 8 — Beberia. 9 — De duque. 10 — Destro. Querida. 11 — Tornaram loiro.

VERTICAIS: 1 — Tiram. Três letras iguais que frequentemente se encontram na Bíblia com o significado de Ah! 2 — Pundonor. Rio do distrito de Goa. Símbolo químico do gadolínio. 3 — Esteiro Referente ao gafanhoto. 4 — Soara Mexi. 5 — Nota musical. Primeira parte do apelido do chefe do Governo inglês. 6 — *Não permitira delongas Casta.* 7 — Segui. Formado de círculos representativos da esfera celeste. 8 — Traspassa. Dá mios. Batráquio. 9 — Grande Areal. Compareciam.

Solução do problema n.º 3598

HORIZONTAIS: 1 — Velasquez. 2 — As Aruns. 3 — São. 4 — Cão. Sr. 5 — Aos. Errou. 6 — Miosteoma. 7 — Anuia Dos. 8 — Rã. Tás. 9 — Ata. 10 — Arras. Pé. 11 — Acuaramos.

VERTICAIS: 1 — Vaz. Amaro. 2 — E's Cóina. A. C. 3 — Casou. Aru. 4 — Aa. Sintra. 5 — Srs. Eta. Aar. 6 — Quadre. Sá. 7 — Uno. Rodar. 8 — E's. Somos. Pó. 9 — Graus. Mês.

Gente pobre

da v.ª de Almada foi bafejada

pela «sorte grande»

ALMADA, 7. — Soube-se hoje, com regozijo geral, que a «sorte grande» bafejou a gente pobre desta terra. O numero 63866 veio para esta vila e foi vendido em décimos e fracções, o que deu a possibilidade de serem muitos a receber os mil e duzentos contos.

Assim, entre os que foram contemplados, está Olivia Pereira, viuva, que vive na companhia de uma filha tão pobre como ela e é a encarregada da limpeza da Pastelaria Dragão Vermelho. A mulher do empregado de balcão da mesma pasteria viu-a na rua e ofereceu-lhe a «sorte grande»:

— Fique com um quarto do décimo. São 2$90, que custa isso?

A Olivia aceitou a oferta que lhe deu 30 mil escudos, salvadores da sua triste situação. E o mesmo, claro, recebeu a esposa do empregado do «Dragão Vermelho», sr. Fernando Nunes.

No Monte da caparica, foi contemplado com 180 contos o sr. Silva, proprietário de um modesto aviário, homem muito estimado que ultimamente tem sido perseguido por multiplos desgostos e pesados reveses da fortuna. Com o enfermeiro sr. Pinto, morador na Avenida D. Nuno Alvares Pereira, deu-se o caso curioso de este ter entrado num lugar de frutas, onde o tentaram a ficar com a quarta parte de um décimo do bilhete. Mas, fugindo á tentação, negou-se a comprá-lo. Foi a esposa que, pouco depois entrando no mesmo lugar, comprou o jogo, por insistência das amigas:

— Ande lá, o seu marido não quis, faça-lhe esta pirraça!

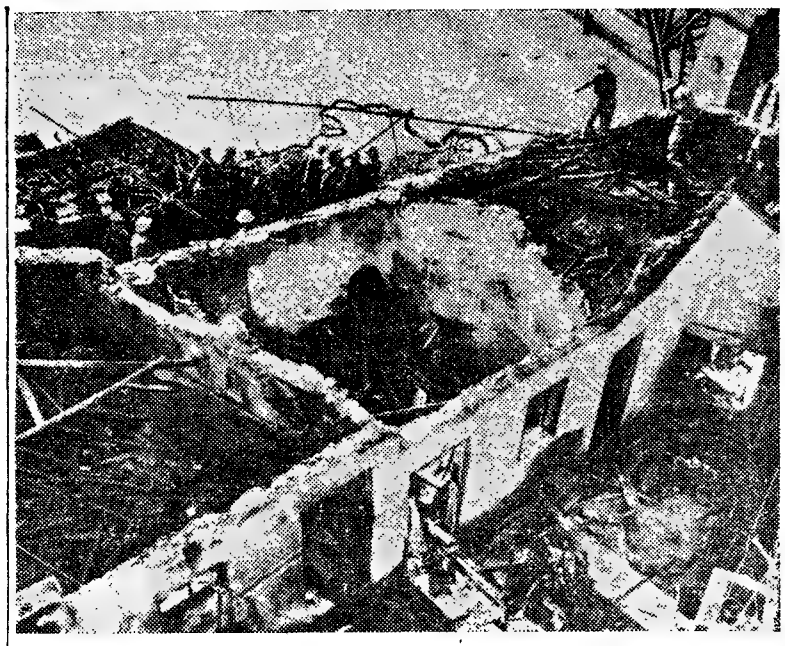
Finalmente, mais dois dos contemplados foram dois modestos pedreiros, cada um dos quais recebeu 120 contos. Trabalham por conta do empreiteiro, sr. Armando Guerreiro e não se lhes sabe o nome, pois não são aqui residentes.

Eleições municipais

em França

PARIS, 7. — A campanha para as eleições municipais de amanhã entrou hoje na sua ultima fase, sem que se tivessem registado até agora quaisquer incidentes dignos de nota.

Ao contrário do que sucede com as eleições parlamentares, os oradores dos comícios publicos não se têm preocupado com a guerra da Argélia ou a crise de Berlim. Nos cadernos eleitorais estão inscritos 26.652.000 munícipes. Em Paris e em 12 outras grandes cidades haverá apenas um escrutinio, amanhã. Em todas as outras assembleias eleitorais, o escrutinio poderá ser repetido no domingo seguinte, se qualquer candidato não conseguir mais de 50 por cento do total dos votos. — (A. N. I.).



Alguns dos casebres destruidos pela derrocada da muralha fernandina, durante os trabalhos de remoção dos escombros

A tragédia no Porto

(Continuação da 1.ª página)

isto é, á parte poente, voltada para a Avenida Saraiva de Carvalho, pois, verificou-se ter a mesma um desvio de vinte e cinco centímetros, o que põe em risco a vida de quem se encontre no local.

Já ontem, á tarde, os Monumentos Nacionais haviam montado um grande andaime, a fim de se proceder áquela demolição. Assim, evitar-se-á uma tragédia maior, muito embora a sobrevivência da muralha fique sèriamente comprometida, pois parece averiguado que, uma vez demolida uma parte desta, dificilmente a outra poderá manter-se.

Mas, será, de facto, assim? Não haverá técnica nem ciência que valha á muralha fernandina, monumento nacional, orgulho do Porto e um dos seus motivos históricos mais gratos, pelo que empresta de belo e singular á silhueta da velha cidade?

A fim de presidir aos trabalhos iniciados ontem pelos Monumentos Nacionais, veio expressamente ao Porto o sr. eng.º Gomes da Silva, director-geral daqueles serviços, que esta manhã conferenciou com o eng.º Arsénio da Fonseca. E' intenção e gosto de todos actuar no melhor espírito de colaboração, com o fim de salvaguardar as vidas e haveres dos moradores da área sinistrada, sem deixar de poupar, quanto possível, a vetusta muralha fernandina, património histórico e artístico nacional dos mais respeitáveis.

Em face da orientação dada aos trabalhos, já hoje receberam ordem para abandonar as suas casas mais três famílias, cujos haveres foram retirados. De tarde, começou a demolição dos velhos casebres que estão na mesma linha dos que foram esmagados pelas pedras da muralha. Essa gente, recolheu ao Bairro de Sobreiras. Quanto aos habitantes das restantes casas sinistradas, pernoitaram no edifício das prisões preventivas da P. S. P. recolhendo a Marília, que foi quem mais duramente sofreu as consequências da tragédia, ao Patronato da Sé.

Saímos do local do desastre, no momento em que o corpo do Augusto era levado, em maca dos Sapadores Bombeiros, para as Escadas dos Guindais, onde familiares e vizinhos do infeliz sapateiro, em gritos e lamentos, davam expansão á sua dor.

Morreram dez pessoas

envenenadas por álcool metílico

que foi roubado e pode causar

grande número de vítimas

CIDADE DO MÉXICO, 7 — Morreram 10 pessoas e 13 estão em estado grave, na região de Monterrey, por terem ingerido fortes quantidades de álcool metílico, roubado de um camião-cisterna. Este detivera-se anteontem próximo de Monterrey, entre um campo militar e um outro onde viviam vários «braceros» — nome dado aos operários rurais que vão com contrato trabalhar nos Estados Unidos. Soldados e operários deram-se logo conta de que havia uma «fuga» no camião e trataram de encher ràpidamente todos os recipientes disponíveis. Na noite de anteontem para ontem entregaram-se todos a beber o mais que podiam mas logo de manhã um dos homens morreu, ocorrendo outras mortes durante o dia. Receia-se que seja 23 o numero de vítimas.

O caso poderá tomar o aspecto de uma verdadeira catástrofe, pois desapareceram 5.000 litros de álcool, uma grande parte do qual vendido aos aldeões dos arredores pelos militares e trabalhadores agrícolas — F. P.).

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

A questão de Chipre

(Continuação da 1.ª página)

na aliança atlantica e nas posições desta no Mediterraneo Oriental. Colocado perante o dilema de acautelar os interesses nacionais e de se mostrar fiel á aliança atlantica, o Governo grego optou pelo segundo caminho. Este preocupava-se há tempo apenas em restabelecer a harmonia no seio da N. A. T. O., liquidando, de qualquer forma, o contencioso de Chipre.

Há algum tempo que as intenções reais do Governo grego eram denunciadas pelos seus mais representativos elementos. Nos discursos da Coroa e nas mensagens de Ano Novo, o rei Paulo nunca se esquecia de insistir na necessidade de restabelecer relações normais com a Turquia e fazia votos pelo regresso á amizade greco-turca.

Um principio atlantico

De aí resultava que a questão de Chipre só podia ser resolvida por um acordo entre a Grécia e a Turquia, como aquele que foi negociado em Zurique, para o qual decididamente contribuiu o secretário geral da N. A. T. O., sr. Spaak. Este em Atenas insistiu sempre na relevancia da fidelidade áquele organismo, defendendo a tese de que os interesses nacionais dos seus membros devem subordinar-se ao da aliança.

Depois disso e desde que o princípio fosse aplicado á questão de Chipre — de maneira curiosa, uma vez que apenas á Grécia se pedia para sacrificar na hora da aliança os interesses nacionais—não havia duvidas sobre o seu desfecho. Se este demorou algum tempo foi isso apenas devido ao facto de o Governo Karamanlis não estar em condições de descobrir as suas baterias o que fez quando os dirigentes americanos o convidaram a isso.

A atitude do arcebispo Makarios

Trata-se agora de saber se, num assunto de tal magnitude — de que depende a sorte do povo cipriota ao qual foi reconhecido pelas Nações Unidas o direito de decidir dele, havendo nesse sentido uma resolução da sua assembleia geral—, o Governo grego podia assumir a responsabilidade de lhe impor uma solução sem previamente o consultar. Não basta para o isentar de responsabilidade a bênção do arcebispo Makarios, o campeão da Enosis que, depois de lutar corajosamente para limitar os efeitos das manobras do Governo grego, se associou finalmente a elas, sendo certo que o acordo de Zurique sacrificou as aspirações nacionais desse povo sem lhe dar a garantia de que, no futuro, não será submetido a novas crises.

Um futuro sombrio

O acordo de Zurique prepara ao povo cipriota um futuro sombrio. Embora na aparência vise evitar a partilha da ilha e a sua divisão entre as comunidades grega e turca, o que constituia a primeira exigência do Governo turco e aos olhos do Governo grego constituia o mais grave risco, quando se tratar da sua aplicação ver-se-á que ás vantagens inscritas no papel nada de concreto corresponde.

Segundo o acordo de Zurique será criada uma assembleia na qual as comunidades grega e turca estarão representadas proporcionalmente á sua importancia. Essa assembleia deve funcionar como parlamento da minuscula republica cipriota. Mas, ao mesmo tempo, haverá também duas assembleias, uma de Gregos, outra de Turcos, as quais constituirão, de facto, os verdadeiros parlamentos da ilha. Embora, em princípio, essas assembleias devam ocupar-se dos assuntos que dizem respeito ás respectivas comunidades, com o tempo tornar-se-ão os organismos predominantes na vida politica de Chipre. Assim, em vez de se evitar a separação, esta será consagrada pelo acordo de Zuirque.

Esta perspectiva é perfeitamente lógica. A primeira assembleia em que figurarão Gregos e Turcos será ingovernável, pois os representantes da minoria turca dispõem do direito de veto sobre as decisões tomadas, o qu e torna impossível a formação da maioria. Assim são as outras duas assembleias que assumirão a responsabilidade dessas decisões e cuja importancia em pouco tempo se imporá.

Além desse, há outro ponto fundamental que faz supor que o futuro não será tranquilo em Chipre. Se, como tudo dá a entender, os soldados gregos e turcos, que constituirão o exército de Chipre, se encontrarem nas bases inglesas que ali continuarão a funcionar, é natural que se repitam os incidentes que entre Gregos e Turcos se multiplicaram durante a fase mais aguda das relações entre os dois países. A amizade entre os povos não se decreta e o fosso aberto entre a Grécia e a Turquia é suficientemente largo para ser preenchido por meras manifestações protocolares, sem conteudo concreto.

ATTICUS

A cerimónia de hoje

em Metralhadoras 1

(Continuação da página central)

longínquos, recebi; mas que, 45 anos depois, eu ouvisse rememorar factos tão remotos, comove-me e desvanece-me. Há, porém, que dividir as palavras pronunciadas em duas partes: uma, mínima, a que a mim se refere; a outra, a quase totalidade, com toda a justiça, á 2.ª bateria. Na minha carreira militar, tive ocasião de comandar centenas, até milhares de homens; mas, de todos os comandos, aquele de que conservo as mais duradouras, gratas e comovidas recordações, foi o da 2.ª bateria, de que restam apenas 50 homens.

Recordou que o seu batalhão foi a primeira unidade que em Portugal fez exercícios de fogos reais de metralhadoras contra alvos simulados e que efectuou as necessárias experiências para a elaboração do respectivo regulamento, além de ter executado missões especiais de grande importancia:

—Mas, em Africa, a nossa bateria logo se impôs, pelo seu porte, pela sua disciplina, pela sua apresentação, pelo seu heroismo; e, no combate de Naulila, pela sua acção combativa, pelo seu valor, pelo seu espírito de sacrifício, conquistou a admiração de todas as outras unidades portuguesas e até dos Alemães contra os quais combateu, como tive ocasião de verificar mais tarde, em conversas com oficiais que tomaram parte na luta.

Evocou os seus oficiais, sargentos e praças, que todos formaram «um todo unido», ao qual cabe toda a glória de se haver conquistado para o batalhão a mais valiosa Cruz de Guerra.

Palavras do subsecretário de Estado do Exército

O tenente-coronel Costa Gomes agradeceu o convite, dizendo ter sempre muito prazer em partilhar em homenagens a oficiais que se distinguiram e aos novos oficiais que vão partir e certamente continuar a brilhante tradição dos seus antecessores.

Esclareceu que desactivar uma unidade não quer dizer, necessariamente, fazê-la desaparecer:

—Isso pode ser, para ela, uma ressurreição. Todos sabemos que todas as unidades têm de acompanhar a técnica e a táctica e que a organização actual na Metrópole não corresponde ás nossas necessidades.

Acentuou que a nossa organização no Ultramar está a passar por uma grande evolução que hoje, mais do que nunca, temos de apressar:

—Como temos de constituir novas unidades no Ultramar é possivel que algumas da Metrópole ali ressurjam. Não posso garantir que isso aconteça com esta; mas assim sucederá com muitas.

Afirmou que o esforço que temos de fazer no Ultramar nos obriga a desactivar algumas unidades metropolitanas, pois hoje há necessidade de possuir ali quadros como os da Metrópole:

—O desactivar dalgumas unidades tem por fim — concluiu — tem apenas por fim melhorar a eficiência das forças armadas, em especial do Exército; e, no Ultramar, temos necessidade de unidades operacionais — não pode haver lá outras — que certamente continuarão as brilhantes tradições herdadas das do Continente.

A missa campal e a entrega do guião

Dali todos se dirigiram á tribuna armada na parada, em frente da qual formava a força expedicionária á Índia.

Celebrou missa o major Arnaldo Duarte, capelão do Governo Militar de Lisboa, que na hora própria, pronunciou uma alocução.

Lembrou que, antigamente era em Belém que se diziam as missas em acção de graças pelas tropas que iam para as conquistas e para defender as nossas terras e marcar a presença de Portugal Eterno — quer dizer defender a Pátria e a propriedade da família:

— Hoje, voltamos, com missão idêntica. Quando o Mouro perguntou ao infante: «Porque não entregas Ceuta que eu te libertarei?», ele respondeu: «Não entrego Ceuta, porque é de Deus». Como os de outrora os soldados que vão partir defenderão a Pátria, nessa terra da India, que é de Deus.

Abençoou depois o guião, que foi entregue ao comandante da força expedicionária.

Terminada a missa, todo o batalhão desfilou ante a tribuna, após o que houve almoços de confraternização nas salas dos oficiais e dos sergentos e rancho melhorado no refeitório das praças.

Puente Arez — Funtela

Claudio Bargiela Dominguez
FALECEU

José Bargiela Dominguez, Ramiro Bargiela Dominguez e mais família participam a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu chorado irmão e parente e que o funeral se realiza amanhã, domingo, ás 11 e 30, da casa mortuária do Hospital de Santa Marta, para o cemitério do Luniar.

AGENCIA SILVA — Telef. 21287

BOLETIM DO DIA

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças; 18 e 30, Rádio Rural; 18 e 45, cançonetas portuguesas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, conjuntos vocais; 21 e 45, serão para trabalhadores. No intervalo «Vozes do Mundo»; 23 e 30, danças; 23 e 45, junção.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna, por José Carlos Picoto; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara, em que colaboram a cantora Catarina Orvalho e a pianista Helena Coelho. No intervalo, uma palestra, por Maria de Carvalho; 20 e 49, «Dois fragmentos», do bailado «O Lago dos Cisnes», de Tschaikowsky, pela Orquestra Hallé, dirigida por Barbirolli; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 1.º acto da ópera «Sonambula», de Bellini, cantada por Lina Fagliughi, Tagliavini, coro Cetra e a Orquestra Sinfónica da Rádio Italiana de Turim, sob a direcção do maestro Franco; 22 e 35, «Preludio e fuga, em sol maior, op. 87, n.º 1», de Shostakovitch, em piano, por Emile Guillels; 22 e 45, Que quer ouvir? «Serenata em sol maior, op. 525», de Mozart, pela Orquestra Sinfónica Columbia, dirigida por Bruno Walter; «Se vuol Ballaro», ária das «Bodas de Figaro», de Mozart, pelo baixo Corena e a Orquestra da Suiça Francesa, sob a direcção de Peter Maag; «Concerto n.º 1» de Chopin, para piano e orquestra, por Horszowski e a Orq. Filarmónica Municipal de Viena, sob a direcção de Swarowsky; 23 e 15, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30, variedades; 18, teatro a brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, ritmos de baile; 19, diálogo do Olavo, 19 e 15, Jimmy Durante; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, orquestra de Mantovani; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, baile.

Estação de Miramar — A's 18, paisagem infantil; 18 e 30, orquestras e canções; 19, palestra de língua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, Thom Kelling; 21 e 45, uma orquestra e uma voz; 22, Brasil; 22 e 30, intermédio musical; 23, concerto; 23 e 30, variedades; 0, baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30, trecho e benção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Shegundo Galarza; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, cançonetas europeias; 21 e 50, melodias; 22, no reino das musas; 22 e 20, zarzuela; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; das 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; das 22 á 1, Rádio Graça; da 1 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 h, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, canções por Rui de Mascarenhas com a colaboração da orquestra de Edison Marinho e do baterista Jadir Teixeira; 21 e 45, Juventude no Mundo (serviço internacional de actualidades para crianças); 22, Nós, as mulheres; 22 e 25, Tele-Desporto; 22 e 50, Na rua e na estrada; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes nas seguintes agremiações: Associação «Luís Braille», Lisboa Clube Rio de Janeiro, Academia 1.º de Setembro de 1867, e Casas do Alentejo, da Comarca de Arganil, e do Concelho de Gouveia.

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45 — «Um marido em rodagem»
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos»
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas»
VARIEDADES — A's 21.45 — «A rainha do ferro-velho»
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha chora»

CINEMAS

TIVOLI — «O jogador».
SÃO LUIZ — «Gata em telhado de zinco quente».
SÃO JORGE — «A' sombra da guilhotina».
IMPERIO — «Testemunha de acusação».
EDEN — «A costureirinha da Sé»
POLITEAMA — «A mosca».
MONUMENTAL — «Gigi».
CONDES — «As diabolicas».
ODEON — «Pecado de castidade»
ROMA — «O meu maior pecado»
CAPITOLIO — «Gangsters em Paris».
AVIS — «O arquiduque e a costureira»
ALVALADE — «Gata em telhado de zinco quente».
RESTELO — «A árvore da vida».
OLIMPIA — «Idade perigosa»
IDEAL — «Oklahoma».
JARDIM — «Corrida para a vida».
PROMOTORA — «O Ballet de Moscovo».
CAMPOLIDE — «O meu tio Jacinto».

EXPOSIÇÕES

Está patente ao publico, desde hoje, no S. N. L., uma colecção de medalhas portuguesas e estrangeiras referentes ao nosso País.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E Tel 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel 782606, Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel 780841, Prates & Mota — Rua do Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728, Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124 Tel 779332, Cabrita — Campo Grande 220-222, Tel 772397; Zil — Avenida da Igreja 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443, Chindo — Rua Agostinho Lourenço, 6-B Tel. 710331, S. Miguel — Praça Francisco de Morais 1 Tel 771469, Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar 69-71, Tel 47213, Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel 51808, Ascensos, Lda. — Rua J. Lote 48, Bairro da Encarnação, Tel 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13 Tel 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A Tel 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade 32-36, Tel. 815513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361, Bonil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade Tel. 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514, T 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 29, Tel. 660955, Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156 Tel. 663582; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Quimica, Lda. — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563, Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel 663117; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521—A—; Santa Cruz — Rua N.º 15, á Avenida Gomes Pereira, n.º 2, Tel. ...; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

QUEM PERDEU?

Foram entregues no Governo Civil, os seguintes objectos, ontem achados em Lisboa: Um estojo de plástico com ferramenta de manicure, sombrinhas, um cueiro, dois guarda-chuvas, três porta-moedas, 3 tampões de roda de automóvel, 3 bilhetes de identidade, um saco de plástico, um pijama, uma carteira, uma porção de fio eléctrico, uma pulseira, um prato de candeeiro, uma mala de plástico, uma gravata, um chapeu de palha, uma caneta, uma pasta de plástico, facturas, uma nota, um par de luvas, diversas luvas desirmanadas, diversas chaves, uma sombrinha e foi também entregue no Governo Civil um borrego.

— No Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa, encontram-se depositados os seguintes objectos: um porta-moedas, 14 sombrinhas, uma carteira, uma máquina fotográfica, uma sebenta, diversas chaves, pares de luvas e diversas luvas desirmanadas, uma mala de senhora, uns óculos graduados, um medicamento, uma ventosa para desentupir canos, um dicionário, uma pasta de cabedal, vazia, e 2 guarda-chuvas.

EFEMERIDES

No dia 7 de Março de 1952 foi assinado por Cuba e pelos Estados Unidos um pacto de assistência mutua.

—No dia 7 de Março de 1889 nasceu Raul Esteves dos Santos que foi animador entusiasta de A Voz do Operário e da Federação das Sociedades de Recreio.

HA TRINTA ANOS

Afonso XIII dera uma entrevista ao diário «Le Matin», de Paris, e o «Diário de Lisboa» de 7 de Março de 1929 dava em síntese as suas declarações, acrescentando que o rei de Espanha solicitado para receber Romanones e Sanchez Toca, recusara a audiência. Numa nota oficiosa publicada em Espanha por Primo de Rivera, o chefe do Governo, respondendo a um jornal francês das direitas, dizia: «Se o actual regime não contasse com a enorme força da opinião difusa, já teria caido ante a obstinada campanha de ataque, de fora, e de inibição e silêncio, de dentro»

EMISSÕES RÁDIOFÓNICAS

No programa «Rua Larga», transmitido pelo Rádio Clube Português, ás 23 horas, repetindo-se na terça-feira, á mesma hora, no emissor de Miramar, a revista sonora «Rua Larga», dos estudantes de Coimbra evoca, hoje, o poeta Alberto de Monsaraz e repete, a pedido, o episódio da reconstituição da Taberna das Camelas, frequentada por João de Deus, Antero, João Penha e outros grandes das letras.

Os acontecimentos em África

(Continuação da 1.ª página)

tigo com o titulo «O Exército está de prevenção em África» e acrescenta: «Tropas britanicas seguirão, de avião, para a Niassalandia, ao primeiro indício de novas perturbações».

O «News Chronicle» afirma que a decisão de enviar 12 aviões «Hastings» que seguiram ontem de Chipre e Singapura para Nairobi, «prontos para transportarem ràpidamente as tropas para a Niassalandia», foi tomada pelo Gabinete, a pedido urgente de Duncan Sandys, ministro da Defesa. Sir Roy Welensky, primeiro-ministro da Federação da Rodésia e Niassalandia não pediu o envio das tropas. Os planos foram feitos sem o consultar».

O correspondente do «Daily Mail» diz: «E' uma viagem de cerca de quatro horas de Nairobi para Mbeya, no Tanganica, perto da fronteira com a Niassalandia. De Mbeya há uma boa estrada para a Niassalandia, construida pelos Alemães e pela qual soldados e abastecimentos podiam fàcilmente ser transportados».

O Ministério da Defesa revelou hoje que tropas britanicas estão de prevenção no Quénia, prontas para seguirem para a Rodésia, se for necessário. Sobre as notícias da imprensa, segundo as quais tropas «seguiriam, em breve, de avião, para a Niassalandia, ao primeiro indício de novas perturbações», o Ministério informou que estava a preparar um comunicado para fornecer aos interpretantes e anunciou ainda:

«Unidades da reserva estratégica no Quénia estão sempre preparadas para seguir ràpidamente para locais de perturbação, dentro da área das suas responsabilidades. Como medida de precaução, uma unidade de infantaria britanica, o 1.º Batalhão do «King's own Regiment», está pronto a partir, com um aviso de seis horas. Esse batalhão será colocado á disposição do Governo da Federação da Rodésia e da Niassalandia, se o Governo federal o pedir.

«Foram, também, tomadas providências para colocar os aviões necessários a postos, prontos a transportarem o batalhão para onde quer que seja solicitado. Sublinha-se que nenhum pedido de auxílio foi recebido do Governo da Federação».—(F. P., R. e A. N. I.).

O estado de emergência evitou a greve geral

LONDRES, 7 — Fontes de informação dizem que um membro europeu do Conselho Legislativo da Niassalandia, Michael Blackwood, declarou, em Blantyre, que estava marcada uma greve geral para o dia 4 do corrente, mas que o estado de urgência foi proclamado vinte e quatro horas antes. — (F. P.).

A situação actual

BLANTYRE (Niassalandia), 7 — Anunciou-se, durante a noite, que estava ainda por solucionar a situação em Mponela, na província central deste território.

A's pessoas que vivem em distritos rurais foram fornecidos códigos numéricos e ensinadas a transmitirem por meio de sinais, usando grandes faixas de roupa branca que seriam localizadas por aviões de patrulha, notícias sobre a situação nas suas áreas.

Os telegramas enviados da Niassalandia estão a ser analisados e são omitidas todas as referências a movimentos de tropas e a operações militares. As unicas informações cuja transmissão é autorizada são as fornecidas por uma fonte oficial — a Repartição Federal de Informações da Niassalandia.

John Stonehouse, membro trabalhista do Parlamento britanico, deportado, na terça-feira, da Federação da Rodésia, segue hoje de avião para Nairobi, de onde continuará a sua viagem para apuramento dos factos. Avistar-se-á com ministros no Quénia, onde — segundo afirmou — não tenciona discursar publicamente. — (R.).

Continua a agitação

SALISBURY, 7 — Se em Blantyre e em Zomba, a situação é calma desde ontem ao fim da tarde e durante a noite, nos distritos rurais do Nyassaland, em contrapartida, continua a agitação.

Em vários outros pontos daquele território estirado em comprimento e no qual as comunicações são precárias, houve sabotagens de pontes e estradas. A população de algumas aldeolas fugiu para o mato, onde se constituiu em bandos que procedem a assaltos e pilhagens. Em Blantyre, as autoridades apreenderam muitos documentos no domicílio de dirigentes do «Congresso Nacional».

Em todo o resto do território da Federação, há tranquilidade. — (F. P.)

A origem dos disturbios segundo a opinião de Gaitskell

LONDRES, 7. — Segundo declarou, em Leicester, o leader da oposição trabalhista, Hugh Gaitskell, «os disturbios que eclodiram na Niassalandia, até aqui a mais pacífica e calma das nossas colónias, devem-se ao facto de os Africanos se recusarem a aderir, pela força, á federação com a Rodésia».

Constituida em 1953, a Federação deverá, em principio, tornar-se um dominio, em 1960. — F. P.).

Declarações de Eden

LONDRES, 7. — «Seria necessário que os nossos aliados e nós próprios prosseguissemos numa política comum na Africa e na Asia, mas infelizmente não é esse o caso» — declarou sir Anthony Eden, ao chegar a Southampton, acrescentando:

«Li num jornal de Nova York que a Federação Americana de Trabalho pedia que se exercesse pressão sobre a França e a Grã-Bretanha a fim de as obrigar a libertar as suas colónias. Creio que, na situação actual em que a Africa se encontra, frases como essa não são das mais felizes. Seria melhor que fizessemos por nos compreender um pouco melhor e que dessemos uns aos outros menos lições. Essas decisões são uteis, principalmente, a Moscovo e ao Cairo».

Interrogado sobre a recente viagem de MacMillan a Moscovo, o antigo primeiro-ministro declarou ter sido muito util, mas acrescentou que «a situação internacional era, no entanto, bastante séria». Disse, por fim, estar, neste momento, a escrever as suas memórias. — (F. P.).

Semana do contribuinte

Mês de Março de 1959

IMPOSTO COMPLEMENTAR

—Declaração modelo 3

—A apresentar pelas entidades colectivas, não sociedades anónimas ou comanditas por acções, nas secções de finanças dos concelhos ou bairros da respectiva sede.

—Notas individuais modelo 5

—A entregar por parte das sociedades de seguros que paguem rendas vitalícias ou temporárias, na Direcção de Finanças do distrito da sua sede, contendo os nomes e residências dos beneficiários dessas rendas e bem assim a indicação do montante da renda recebida durante o ano anterior ao da apresentação da declaração de rendimentos modelo 2 e da importancia *anual* das mesmas rendas.

Obs.: A obrigação de renovar a declaração modelo 3 referida só terá lugar quando houver alteração em quaisquer dos elementos que a constituem.

—Declaração modelo 2 (de rendimentos)

—Pode ser entregue na secção de Finanças do concelho ou bairro da residência do contribuinte, até 15 de Abril p. futuro.

Obs.: Se o contribuinte residir no estrangeiro, esta declaração pode ser entregue na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos por procurador bastante.

ANUIDADES DE USUFRUTO

—Seu pagamento

—Podem ainda ser pagas até o dia 1 de Abril p. futuro, acrescidas dos juros devidos pela mora no seu pagamento.

INQUILINATO

—Depósito de rendas
Código Civil:

Artigo 759.º O devedor pode livrar-se, fazendo depositar judicialmente, *com citação do credor*, a coisa devida nos casos seguintes:

1.º Se o credor recusar recebê-la;
2.º Se o credor não vier, ou não mandar recebê-la na época do pagamento, ou no lugar para isso designado;
3.º Se o credor não quiser dar quitação;
4.º Se o credor for incapaz de receber;
5.º Se o credor for incerto.

§ único. No caso do n.º 5.º deste artigo *é dispensada a citação do credor.*

«Diário de Lisboa»

Na ultima assembleia geral ordinária de Rádio Clube Português foi aprovado, por unanimidade, um voto de agradecimento á Imprensa, e, em especial, ao «Diário de Lisboa», pela colaboração dispensada ás actividades daquela estação emissora.

— A ultima assembleia geral da Casa do Algarve votou, por unanimidade, um parecer de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pela atenção que o nosso jornal tem dedicado á causa regionalista.

O «Trio Portugália»

em Sevilha e Bruxelas

O «Trio Portugália», constituido por Helena de Sá e Costa (piano), Henri Mouton (violino), e Madalena Costa Gomes de Araujo (violoncelo), fez-se ouvir recentemente em Sevilha, na «Sociedade de Concertos Sevilhana», com grande êxito. A crítica dispensou á sua actuação os termos mais entusiásticos.

Em «tournée» que tem o patrocínio da Fundação Gulbenkian, o «Trio Portugália» parte dentro de dias para Bruxelas, onde está contratado para a realização de dois concertos.

Preparam-se as negociações

decisivas entre os dois blocos sobre os problemas da Alemanha

PARIS, 7. — É grande a actividade diplomática em toda a parte, agora que vão caindo um por um os obstáculos ou as objecções destes ou daqueles a uma negociação decisiva entre Oeste e Leste sobre os problemas alemães.

Em Washington, a reunião dos chefes republicanos e democráticos do Congresso em volta do presidente Eisenhower concluiu sobre a reafirmação do caracter bipartidário da política externa americana: «Fazemos uma frente unida e pensamos como o presidente que devemos ser firmes e continuar a sê-lo» — afirmou Sam Rayburn, «speaker» da Camara dos Representantes, falando em nome dos colegas.

Identica nota de firmeza em Bonn, depois de o chanceler Adenauer ter exposto aos seus colaboradores imediatos os resultados das conversações de Paris e de Marly com os ministros franceses e o general de Gaulle. O Governo federal alemão rejeita, nomeadamente, no estado actual das coisas, todo e qualquer plano de «desocupação» da Europa. Afirma ter, neste ponto, o acordo do general de Gaulle, e recorda-se que o presidente Eisenhower declarou anteontem que a «desocupação» militar apenas é de imaginar no plano de um acordo de segurança comportando cláusulas de garantia automática, o que também é a tese desenvolvida por Noel McElroy, secretário da Defesa dos Estados Unidos.

Em Londres, Harold MacMillan, que se considera um tanto como o agente geral de ligação entre Leste e Oeste e, de igual modo, entre a América e a Europa, marcou para 18 e 20 do corrente as visitas a Otawa e Washington, depois das já assentes, em 9 e 12, a Paris e Bonn. As suas ideias a respeito da «desocupação», levantada um tanto imprevistamente no comunicado final das conversações de Moscovo, acabaram por alinhar com a doutrina geral que tem sido a do Ocidente, desde o «Plano Eden» de 1955, isto é, uma vez encontrada uma solução aceitável para todos do problema alemão, haverá que atender ás preocupações legítimas da U. R. S. S. quanto á sua segurança.

Em Paris, o general de Gaulle, que teve ontem uma conferência, de cerca de uma hora, com o embaixador soviético, Vinogradov, tomou conhecimento circunstanciadamente dos pontos de vista do Governo da U. R. S. S. e expôs com toda a clareza e não menos firmeza as ideias que o Governo francês entende manter na preparação e no desenvolvimento das negociações futuras.

A Alemanha e outros problemas

A Leste, entretanto, Kruchtchev arranjou nova oportunidade, na recepção organizada em sua honra no plano da Feira de Leipzig, para reafirmar a oposição da U. R. S. S. a toda a intervenção das potências no processo de reunificação ou de confederação das duas Alemanhas, e para limitar á preparação de um tratado de paz, e á solução do estatuto de Berlim, o objectivo das futuras conferências. Segue para Berlim-Leste e crê-se que tenciona reunir-se e crê-se tencionar reunir-se ali em conferência com Otto Grotewohl, Wladyslaw Gomulka e Antonin Novotny a fim de assentar com eles num plano e numa táctica de participação da Alemanha Oriental, da Polónia e da Checoslováquia nas negociações em projecto. Esta participação, exigida por Leste, é, com a agenda das referidas negociações, um dos pontos essenciais de desacordo que restam ainda vencer para se marcar a data de uma conferência Oeste-Leste.

Notam-se dois outros focos de tensão, há dias, na Europa.

Por um lado, entre a Áustria e a Itália, a região que os Italianos designam por Alto Adige e os Austríacos por Tirol do Sul: o Governo de Viena apoia as reivindicações da minoria alemã daquela região quanto a uma protecção mais definida dos seus direitos étnicos. O presidente Segni fez, ontem, no Senado, em Roma, quando da investidura do seu Governo, uma declaração bastante enérgica contra qualquer interferência considerada em Itália como sendo abusiva.

Por outro lado, entre a Jugoslávia e a Albania, a região de Kossovo-Metokhia (Kosmet), a propósito da qual o Governo comunista de Tirana também levanta uma questão de protecção de minoria étnica que é principalmente um pretexto para alimentar o conflito ideológico entre a Jugoslávia e o bloco comunista. O presidente Tito reagiu vigorosamente, discursando em Skopje, logo após o regresso do seu périplo asiático-africano. — (France Presse).

A situação nos Balcãs

(Continuação da 1.ª página)

fase. Tendo reaparecido ás claras, depois do novo incremento da campanha contra Tito, na ultima Primavera, as discussões tinham-se mantido até agora entre dirigentes políticos de segunda categoria, e exprimiam-se, o mais das vezes, nas colunas dos jornais. Essas discussões subiram agora até o grau hierárquico dos chefes de Governo de uma região dos Balcãs onde os nacionalismos continuam a ser, quantas vezes, passionais, e num momento em que comunicados oficiais jugoslavos se referem a muitas prisões e condenações de agentes provocadores e espiões na região de Kosmet. Daqui o aspecto inquietador da campanha antijugoslava do bloco oriental. E é significativo que o marechal Tito, no discurso de Skoplie, tenha declarado que os dirigentes albaneses e bulgaros têm procedido segundo directrizes recebidas do exterior. — (F. P.).

Repetição de eleições na Rússia

por ter havido irregularidades

MOSCOVO, 7 — Os eleitores de 146 círculos eleitorais da Republica Federal Russa devem ir de novo ás urnas, por se terem verificado algumas «irregularidades» nas eleições locais, no ultimo domingo, e por causa do malogro de muitos candidatos, que não conseguiram maioria absoluta.

A alusão a irregularidades, mencionada num comunicado á Imprensa, crê-se ser a primeira registada em qualquer eleição no estilo soviético. As irregularidades não foram especificadas, nem foi indicada a data em que se realizarão novas eleições. Devem, porém, ser conhecidos, mais tarde, pormenores se os que cometeram essas violações estiverem sujeitos a castigo.

Os 146 círculos votaram para deputados aos Sovietes Supremo e local. — (R.).

REMODELAÇÃO

do Governo na Checoslováquia

PRAGA, 7 —A direcção do Partido Comunista propôs ao Governo uma remodelação ministerial pela qual o ministro da Agricultura, Michel Bakula, que está em funções desde 1956, abandonaria o cargo e seria substituido por Lubomir Strugal, membro da direcção do partido. Além disso, Rudolf Barak, ministro do Interior desde 1954, seria nomeado vice-presidente do Conselho. Por fim, Otakar Simunek, presidente da Repartição de Planificação, seria nomeado vice-presidente do Conselho e presidente de uma comissão estatal de planificação que há pouco se criou. — (F. P.).

Congresso do Partido Comunista polaco

VARSÓVIA, 7 — O terceiro congresso do Partido Comunista reune-se aqui na terça-feira, e durará cerca de dez dias — (F. P.).

O momento da largada do foguetão portador do satélite artificial «Pioneiro IV»

O satélite americano continua silencioso na órbita à volta do Sol

WASHINGTON, 7 — O satélite americano «Pioneiro IV» vai agora pelo espaço, girando, emudecido, na sua eterna órbita em volta do Sol.

A voz do satélite calou-se ontem ás 15 e 24 horas (T. M. G.), quando o radiotelescópio de Goldstone, especialmente reforçado para captar os ultimos sinais, quase imperceptíveis, do asteróide artificial, recebeu a emissão feita á maior altitude alcançada por uma «lua artificial». O «Pioneiro IV» estava nessa altura, a 660.000 quilómetros da Terra, e movia-se á velocidade de 6.336 quilómetros por hora. As baterias de mercurio do «Pioneiro IV» devem ter-se esgotado por volta da meia-noite.

O «Pioneiro IV» fará a sua revolução em volta do Sol em 392 dias, numa trajectória elíptica análoga á da Terra. Com um periélio de 147.200.000 quilómetros, e um afélio de 169.374.000 previsto para 29 de Setembro de 1959, o ponto mais próximo da Terra, na trajectória do asteróide, distará 8.000.000 de quilómetros do Globo terrestre. O «Pioneiro IV» passará por esse ponto em 3 de Abril de 1960.

Embora tenha sido precedido pelo satélite russo «Lunik», muito mais pesado, o satélite americano não teme a comparação com o soviético. O «veículo» portador soviético é maior que o do foguetão «Juno-2» americano do «Pioneiro IV», mas este tem instrumentos electrónicos que muito superam a aparelhagem do «Lunik». Os Americanos mostraram também que os seus foguetões podem libertar-se sem dificuldade da gravitação terrestre.

Outro êxito recente é motivo de satisfação especial para os técnicos americanos. No dia 17 de Fevereiro, o satélite meteorológico «Vanguard» entrou numa órbita terrestre e os seus instrumentos ainda não deixaram de prestar interessantes informações aos especialistas. Além disso, em 28 do mesmo mês procedeu-se ao lançamento do satélite «Discoverer I», que entrou e se mantém numa órbita polar e se tornou, deste modo, o precursor americano das primeiras astronaves. — (F. P.).

Perdeu-se o contacto com o engenho

JODRELL BANK (Cheshire), 7 — O transmissor de rádio da sonda do espaço do «Pioneiro IV» deixou definitivamente de funcionar — segundo afirmaram hoje cientistas do Observatório de Jodrell Bank.

O prof. A. Lovell, director do observatório onde está instalado o gigantesco radiotelescópio, disse: «Pode presumir-se com segurança que as baterias do transmissor «Pioneiro IV» deixaram de funcionar poucas horas depois de perdermos contacto com a sonda ás 13 horas (T. M. G.) de ontem».

O telescópio deste observatório manteve, ontem, pela ultima vez, contacto com a sonda, quando o «Pioneiro IV» se encontrava a 648 mil quilómetros da Terra, e o prof. Lovell acrescentou que se as baterias do transmissor do satélite tivessem uma resistência maior, o telescópio podia fácilmente seguir a trajectória da sonda até uma distancia de cerca de 100 milhões de quilómetros. — (R.).

Fidel Castro denuncia os que fomentam a contra-revolução

HAVANA, 7 — Numa entrevista pela TV, Fidel Castro denunciou a «contra-revolução e aqueles que a fomentam». Atacou violentamente o antigo senador Rolando Masferrer, o qual — disse — compra actualmente, armas na Flórida «com o conhecimento de toda a gente».

Atacou, em termos extremamente violentos, o facto de os 43 aviadores terem sido absolvidos depois de o Ministério Publico os ter acusado de «mortes em série e bombardeamentos de cidades abertas». (France Presse).

O julgamento dos aviadores

SANTIAGO DE CUBA, 7 — Fidel Castro desloca-se hoje a esta cidade, para assistir, pessoalmente, ao acto final do julgamento dos 43 aviadores, os quais tendo sido absolvidos por um tribunal revolucionário, foram submetidos a novo julgamento.

A inquirição das testemunhas foi dada por concluida ontem á noite e julga-se que as sentenças serão lidas ainda hoje. — (A. N. I.).

Fidel Castro vai a Washington

HAVANA, 7 — O dr. Fidel Castro declarou, esta madrugada, aos jornalistas que a sua visita, em Abril, a Washington, para assistir á sessão anual da Sociedade de Editores de Jornais Americanos, não seria oficial, visto seguir para a capital americana como um cidadão particular. — (R.).

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS

TEL. 14

Amanhã, Domingo, Almoço Regional e Festa Ribatejana.

Ementa: Açorda de Savel — Caldeirada á Fragateiro — Eirós á Pescador — Linguado á Campino — Cherne á Moleira — Dobrada á Portuguesa — Cabrito Assado á Ribatejano — Rim á Salsicheiro — Febras de Porco na Brasa — Grelhados mistos á Salvaterra, etc., etc.

Informações e Reservas em Lisboa Tel. 770320 — (6 anos)

A Gerência informa não ter qualquer Sucursal.

Kruchtchev discursará esta noite num comício em Berlim

LEIPZIG, 7 — O primeiro-ministro soviético, Kruchtchev, parte esta tarde para Berlim e discursará num comício em massa, á noite, em Stalin Allee, o principal distrito do Leste daquela cidade.

Há fortes indicações de que os chefes dos partidos comunistas polaco e checoslovaco seguirão na próxima semana, para o Leste de Berlim onde terão conversações com Kruchtchev.

A agência noticiosa alemã ocidental D. P. A. anunciou que funcionários alemães orientais e soviéticos sugeriram, em conversações particulares, durante uma recepção oferecida, na noite passada, nesta cidade, pelos Russos, que Antonin Novotny (Checoslováquia) e Wladyslaw Gomulka (Polónia) se poderiam reunir ao primeiro-ministro soviético e a Walter Ulbricht, chefe do Partido da Unidade Socialista (comunista) da Alemanha Oriental, na segunda e na terça-feira no Leste de Berlim. A D. P. A. acrescentou que as conversações entre os quatro chefes comunistas se relacionariam, provávelmente, com o fortalecimento dos meios económicos.

Abordando, no seu discurso de ontem, a questão da reunificação da Alemanha, Kruchtchev declarou:

É um facto existirem dois Estados alemães, que evoluiram em direcções diametralmente opostas, não desejando nenhum deles abandonar os seus sistemas económico e social. A questão da reunificação não poderá ser resolvida mecanicamente e as quatro potências ou mesmo todos os Estados que fizeram a guerra contra a Alemanha hitleriana não podem resolver a questão. Se eles se dispõem a fazê-lo, seria uma ingerência monstruosa nos negócios internos alemães. Como é que se pode, no lugar dos Alemães, resolver o problema de se saber em que sistema politico-social eles desejam viver? Nós apoiamos o projecto de confederação apresentado pelo Governo da Republica Democrática Alemã. Mas visto que essa confederação não foi ainda criada, propomos assinar o tratado de paz com os dois Estados alemães existentes. E tornamos a afirmar que se a Alemanha Ocidental e os seus aliados se recusam a assinar um tratado de paz, assinaremos nós esse tratado com a Republica Democrática Alemã, se ela estiver de acordo». — (R. e F. P.).

As comunicações em Berlim

BERLIM, 7 — O presidente da direcção dos Caminhos de Ferro da Alemanha Oriental, Heinz Gebhardt, desmentiu a informação do jornal «Der Kurier», de Berlim-Oeste, anunciando que as autoridades da Republica Democrática Alemã preparavam o isolamento de Berlim-Ocidental no plano técnico das comunicações urbanas e estudavam a possibilidade de parar o caminho de ferro inter-urbano no limite dos dois sectores. — (F. P.).

Optimismo do sr. «H»

RANGOON, 7 — Uma garantia de que não haveria uma guerra por causa da crise de Berlim foi dada, hoje, nesta cidade, pelo secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjoeld.

Declarou numa conferência com a Imprensa: «Posso unicamente repetir o que o senhor MacMillan disse: que é por meio de confusões e de mal-entendidos que a guerra eclode. Sei que ambos os lados não têm desejo de se envolverem em guerra».

O secretário-geral parte para Bangkok no prosseguimento da sua vista a capitais do Extremo Oriente, antes de seguir para Moscovo. — (Reuter).

magazine

Diario de Lisbôa

N.º 34

SUMÁRIO

Pesca da sardinha
MANUEL DO NASCIMENTO
A Arte e a Vida
ALFREDO BRÁS
A Padiola
A. BELO MARQUES
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
Haendel em Inglaterra
MARIA JOSÉ MARINHO
Fim de semana feliz
Cicerone
Crónica da Rua Humilde
MÁRIO CASTRIM
O Poeta — A mulher e amor
MARIA HELENA DA COSTA DIAS
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS
Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO
Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

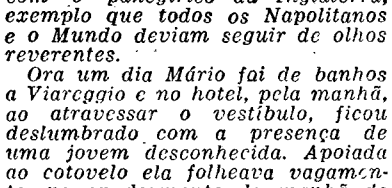
CRÓNICA DE LONDRES

LUIZ DE SOUSA REBELO

Leitor da Universidade de Londres

Aqui estava-se definitivamente em terra de gente civilizada, gente industriosa, activa, sem desvarios de imaginação, que comprometem as melhores intenções, desfazendo-as numa nuvem de fumo. Mais de uma vez no «café» virado contra a concha azul da baía, o meu amigo lançou á conta da ralacice nacional metade aos males da pátria e terminou as suas invectivas, dignas de uma eloquência de tribuno, com o panegírico da Inglaterra, exemplo que todos os Napolitanos e o Mundo deviam seguir de olhos reverentes.

Ora um dia Mário foi de banhos a Viareggio e no hotel, pela manhã, ao atravessar o vestíbulo, ficou deslumbrado com a presença de uma jovem desconhecida. Apoiada ao cotovelo ela folheava vagamente, no ar dormente da manhã de Verão, as revistas espalhadas sobre a mesinha, e de perna cruzada, num gesto familiar, deixava escorregar o sapato ao longo do pé, até descobrir o calcanhar por segundos, que



a Mário pareceram uma doce eternidade naquele enlevo de íntimo abandono que lhe era dado surpreender. O cabelo espesso e lustroso caía-lhe sobre a testa em aneis como uma asa de corvo, assombrando-lhe o rosto moreno e acentuando a carnação aveludada dos lábios. Uma blusa clara e justa, onde um botão de rosa preso ao decote punha reflexos de nácar no escuro da pele, afogava-lhe a onda do seio, enrugando de leve sobre

(Continua na página central)

Crónica da Rua Humilde

[illegible] o Juiz Caldeireiro

por MÁRIO CASTRIM

As chuvas que desabaram nos ultimos dias sobre Lisboa não levaram grande transtorno á Rua Humilde, pois coincidiram com a maré baixa e os esgotos deram vazão rápida.

Seguiram-se dias escuros, frios, morrinhentos, envolvendo tudo de uma tristeza e de uma pasmaceira a que só os meninos da Rua conseguiram furtar-se.

Chego á janela, vejo-os, magrinhos e rotos, entregues até á alma no jogo do berlinde. As bolinhas minusculas levam-nos de um extremo ao outro da rua. Gesticulam, protestam, gritam. Vozes esganiçadas, e estou bem longe, ferem-me os ouvidos, incomodam-me — e ao mesmo tempo repousam-me...

Batem á porta. Eu próprio vou abrir. E' a Maria Augusta, de lenço pela cabeça, armada de chapeu de chuva. Mando-a entrar para o corredor, na parte mais larga, onde se pôs uma cadeira e a mesa com revistas, e a que a familia chama pomposamente o «hall»...

Primeiro, a vizinha quis saber se todos estavam bem e só depois entrou no assunto.

— Eu vinha cá por causa do Caldeiro...

— Sim, senhora D. Maria Augusta, faça favor de dizer. E' preciso comprar mais algum remédio, é isso?

— Infelizmente, não. O caixão agora é que nós temos de comprar-lhe... Vinha pedir alguma coisa para ajuda...

Finara-se nessa mesma noite. Fui visitá-lo um pouco antes de eu sair para o emprego. Estava deitado no caixão de pinho. Magro, como sempre o conheci, a boca entreaberta como se fora atingido pela flecha a meio de uma frase... Na testa branca sobressaia mais a cicatriz, agora arroxeada. Certa ocasião, ainda homem e saudável, o Caldeiro viu um menino imprevidente a afogar-se no Cais da Rocha. Mandou-se do alto da muralha, sem calcular bem o pulo, raspou com a testa o cabo de aço do «Madeirense». Os jornais falaram no gesto de abnegação. Quiseram dar-lhe uma medalha. Mas a cicatriz infectou e foi necessário que os vizinhos da Rua Humilde se quotizassem para lhe comprar os remédios.

Caldeireiro de profissão quando se adiantava dos cinquenta anos começaram a passar-lhe coisas pela vista. Por duas vezes caiu sobre metais e fogo. Valeram-lhe os companheiros de oficina. Fora um bom artista, dizem que o melhor caldeireiro dali em volta. Depois, por virtude da doença (que diziam ser doença ruim) começou a não dar rendimento, a complicar as coisas. Despediram-no. Durante dois anos foi tapando buracos aqui e ali. Tinha biscates em casas particulares, de canalizador e trabalhos miudos de reparação. Ia ganhando para a bucha. Os companheiros de oficina não deixaram, nunca, religiosamente, de lhe mandar aos sábados alguma coisa «para o tabacame».

O mal alastrou, desceu, não se sabe por que mistério, da cabeça ás pernas. Não podia andar. Quando muito, arrastava-se, na casota, de um lugar para o outro, arrimado a dois bordões. A Rua Humilde, que já adoptara a Joaninha Maluca, adoptou o velhote.

Comer não lhe faltava nunca. Das mesas pobres e mal abastecidas crescia, por artes mágicas, um bolo de bacalhau, um «papo-seco», um punhado de azeitonas para o velhote. Este chegava a ter comida que não lhe dava vazão.

Nos dias assinados contava-se com ele. Uns figos passados, um cálice de vinho fino, um chocolate. No Natal de 58, quando o visitei, tinha o quarto cheio de gente, dizendo pilherias. Sobre a mesa, embrulhada em papel da mercearia, uma fatia de bolo-rei. Viu-me de olhos fitos nele e pronunciou palavras ininteligiveis.

— Está a dizer que foi a Ernestina — traduziu a Arminda, que acrescentou:

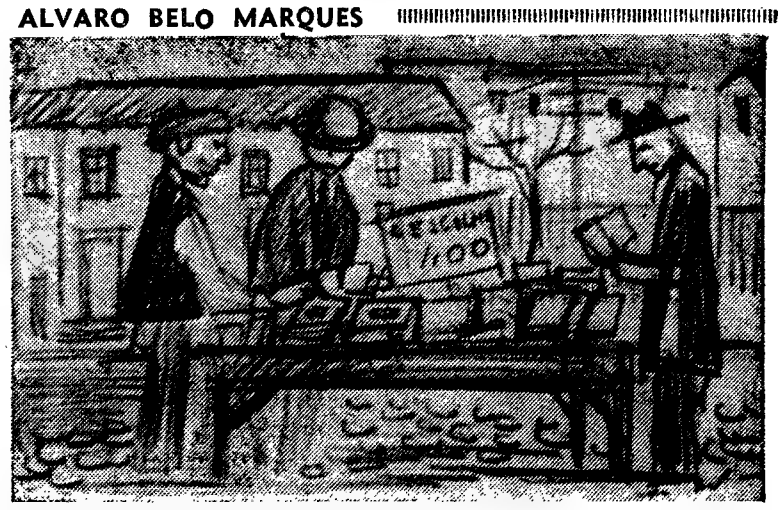
— E não quer saber? Coube-lhe

(Continua na 6.ª página)

A PADIOLA

POR

ALVARO BELO MARQUES



Passei ontem pelo unico movimento literário português que conheço — uma carripana com duas rodas e vários livros — e vi um muito meu conhecido livro de contos. Chama-se... o nome não interessa. Mas foi uma estreia literária. O seu autor, jovem recolhido de gestos e de pensamentos, olhando o semelhante através de estranhos ressentimentos e espessos óculos, ofereceu-me há três anos um exemplar, contando-me os sacrifícios havidos para pagar a edição. A capa e as ilustrações constituiram outra estreia, de um jovem cheio de esperanças e pincéis, que esquece actualmente os estudos anatómicos pintando sabonetes numa agência de publicidade.

O tema pode «dar» o artigo que prometi ao orientador desta publicação e pode também dar, no final, um enorme desanimo. Tentemos continuar, já que o sofrimento purifica a alma e os compromissos se têm de cumprir... «Ai que prazer não cumprir um dever»!

O primeiro conto diz: «E' muito velhinha esta história. Tão velhinha que já nem sai á rua». Talvez o meu artigo seja velhinho mas desejo que venha para a rua, expondo a capa aos nossos olhos, como faz o livro no «movimento literário português».

Eu sei, e V. Ex.as talvez e ainda bem, que as provas tipográficas do

(Continua na página seguinte)

REPORTAGENS [illegible]

Como se pesca a sardinha

POR

MANUEL NASCIMENTO

Mesmo comodamente sentado no maple onde costuma descansar dos efeitos não muito benéficos de um dia de tensão, nos pode acompanhar.

Abra o seu rádio no posto predilecto. Assim mesmo. Rode um pouco o botão que comanda a intensidade do som. Mais baixo, sim mais baixo.

Não lhe iremos falar da Suíça, de Mégéve, nem de Capri. Portugal, nos seus oitenta e sete mil quilómetros quadrados de superfície, tem muito onde afogar os olhos, tem muito de vibração e de força.

Fujamos desta Baixa onde os automóveis nos aperreiam o juizo, e dos reclamos luminosos. Iremos para o Sul, para os lados onde «a terra acaba e o mar começa». Camões que nos desculpe o plágio. Fujamos da atmosfera gasta e opressiva desta Lisboa de mármore e granito e de caixotaria moderna. No Algarve também há piteiras e o ceu pede meças ao da Costa Italiana. E porquê os Alpes e os Pireneus se temos a pista de Piornos mesmo ao pé da porta?

O senhor porque torce a boca nesse geito «snob»? E você também, Maria José? Sim, você tem um ar de quem se chama Maria José. Aproxime-se e permita que lhe vende os olhos. Depois apontará, naquele mapa que pende da parede, o local onde iremos parar.

Falta de pontaria... Ficou em terra de ninguém e ninguém com o frio que faz se atreve a fazer campismo. Assim, uns centímetros para a esquerda.

imensa de azul do mar amesquinha

Uma praia... A praia que Teixeira Gomes descreveu na sua prosa de pintor viril, a praia da Rocha. Entremos por esta avenida... Não é que os «chalets», as «vivendas» tenham muito de belo. A pincelada com a sua presença. Repare no rendilhado da costa... Aqui pode dar rédea solta a todos os sonhos, pode sonhar com escopros como o de Miguel Angelo, com piramides de Egipto, com sereias até. Tem na frente dos olhos sugestões para tudo.

Para onde está a olhar? Chamam «Três Ursos» áquele grupo de rochedos. O que aponta agora é a silhueta orgulhosa dos «Castelos». Repare que somos esmagados pelo ambiente, mas esmagados alegremente, embalados pelo grito de tanta cor junta. As areias têm o tom sensual das pérolas. E o mar? Azul, azul... E a falésia ora parece de ouro, ora nos aquece com os tons quentes do cobre. Há nestas rochas brutais, de angulos agudos, qualquer coisa que nos arrasta, que nos atrai e que a luz dulcifica. Este conjunto desencontrado de leixões pequenas e esverdeados que o mar ora deixa descarnados, ora acaricia num abraço de espuma, esta parada de gigantes que nos fazem sentir

(Continua na 3.ª página)

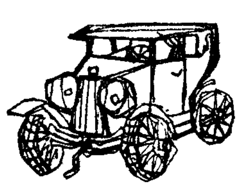
Fim de semana feliz

Para onde vai amanhã?

Todos sabemos. cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. E também cada pessoa com seus defeitos e suas qualidades. E também cada estação do ano com suas qualidades e seus defeitos.

Aceito e compreendo que a maioria dos meus leitores prefira o Verão. Os dias maiores, as férias, o sol, o campo, a praia. Compreendo que se aguarde Julho e Agosto com verdadeira ansiedade.

Evidentemente, a verificação deste facto leva-nos longe. Pode le-



var-nos, pelo menos, á conclusão de que, em Portugal, de Inverno, as pessoas são infelizes.

Concordem amigos: é triste que isto aconteça.

Eu, se um dia me der na loucura fazer-me historiador, hei-de seguir um critério absolutamente original na divisão da história da humanidade. Arrumo na prateleira os neolíticos, os paleolíticos, as idades médias e as modernas e as outras. Servir-me-ei de método muito mais simples e — na minha opinião — muito menos sujeito a controvérsias: 1.º, Epoca em que os homens se aborreciam e sofriam com o Inverno; 2.º, Epoca em que os homens eram felizes no Inverno.

Esta ultima época tem vindo a ser conquistada há longos anos, há séculos. Desde o principio do Mundo, direi mesmo. Alguns de nós já a conheceram em vida. Não terei muita originalidade dizendo que as classes se vão diferenciando notóriamente logo que Novembro surge. Os poetas, «a voz esclarecida da tribo», como os definiu outro grande poeta francês, não deixaram nunca através dos tempos, de lastimar a sorte dos pobres, que o vento, a neve, a chuva, a solidão, causticam e perseguem sem piedade. Enquanto nos salões, com a lareira aquecida, os ricos, os «favorecidos da sorte» (se soubessem como embirro com esta expressão...) jogam e brincam e cantam e armam trono á felicidade...

Isto ainda não basta para que a divisão proposta por mim aos historiadores seja com validade a partir de agora. Só terá razão de ser a partir da altura em que *todos* os homens possam ser felizes e amar o Inverno. «Ilusão!» dirão os pessimistas do costume. «Há-de sempre haver pobres e ricos...» Tra lá lá! Nem esta é a altura propícia á discussão do assunto nem eu, por motivos vários, estou interessado agora em entrar nele.

Mas reparem que cada vez, de ano para ano, há mais pessoas tirando proveito do Inverno. Eu, por exemplo, se aqui há dois séculos me dissessem que havia de chegar um Março friorento de aquecedor eléctrico aos pés (estes pés de servo de gleba traduzido em contemporaneo) daria por sismático e macavenco quem tal ousasse prognosticar.

Pois acontece. E acontece que, embora com sacrifício, nos é possível ainda, a nós, pequenos burgueses de raiz medrosa e insegura, ver uma fita, assistir a um teatro, ouvir uma telefonia isto é, procurar a felicidade, que a neve cobre como ás flores.

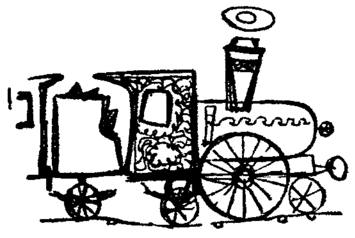
Procure, leitor, neste jornal, a secção dos teatros e cinemas. Não se pode dizer que a «saison» em Portugal seja de arromba. Mas, que diabo, sempre haverá uma fita, uma peça que te sugestione.

Conselho dado, mal ou bem, quero só acrescentar que não vás ás cegas para o teatro ou para o cinema. Procura informar-te do tema, do realizador, dos actores, dos estudios de onde apareceu a fita. Ultrapassamos o tempo do cinema como mera distracção, simples maneira de iludir o tempo (que é, afinal, uma rica maneira de nos iludirmos a nós próprios). «Algo que não faça pensar, fartos disso estamos nós a semana toda!». Principio errado. O que nos fatigou a semana toda, foi exactamente não ter pensado; ter sido prensado e moído na boca do dragão sem se procurar a maneira de sair dela, sem mesmo imaginar essa possibilidade. Chamou não sei quem ás fitas americanas «fábrica de ilusões» e é por isso que o cinema de Hollywood caiu. A validade, hoje, só está madura para realidades.

Depois, dá mais prazer participar numa discussão do que ser elemento passivo dela. A discussão dos problemas que levanta uma peça como, por exemplo, «Os pássaros de asas cortadas», dá-nos a sensação de que estamos comendo um fruto; ver os sorrisos celulóidicos das «girls» e as histórias malucas delas, dá-nos a sensação de estarmos sendo comidos...

Pensa insto — e até para a semana.

CICERONE



O Livro da Semana

Continuando a publicação das «OBRAS COMPLETAS» de Teixeira Gomes, iniciativa cultural do mais alto interesse, acaba de lançar a Portugália Editora

GENTE SINGULAR

onde se incluem alguns dos seus mais característicos contos, como, por exemplo, o que dá o nome ao livro — conto de extraordinário humor em que a sátira e o grotesco se sucedem num ritmo imprevisto e empolgante. A este volume pertencem ainda «Sede de Sangue», obra com descrições de impressionante realidade, e os contos de finíssimo humor, como «O Album», «O triste fim do Major Tatibitate», etc. — onde sempre se goza o fundo prazer espiritual da leitura dum dos nossos maiores estilistas de todos os tempos.

Ainda esta semana, lançou a mesma Editora mais três novidades.

A primeira é uma novidade sensacional — «Cartas de Henrique Pousão — excertos de outras cartas e escritos que se lhe referem». Eis uma obra de alto interesse que se enquadra na comemoração do centenário do nascimento do grande pintor.

Outra novidade é a estreia de José Loureiro Botas como poeta, neste seu livro

em que o tema continua a ser o dos seus contos.

Finalmente — dentro da Biblioteca dos Rapazes, mas livro que apaixonará grandes e jovens — o célebre

obra-prima de Rafael Sabatini, em tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias e com desenhos e capa de outro dos nossos colaboradores — Figueiredo Sobral.

Eis um livro que prende desde a primeira á ultima página e está destinado a um grande êxito.

Disco da semana

Gilbert Bécaud — O Pierrot que dança * No dia em que a chuva cair

A Voz do Dono
45 EQ 5026

Gilbert Bécaud um dos mais positivos valores da canção francesa actual, surge num novo disco de «A Voz do Dono» interpretando duas belas canções cuja fama está a inundar o Mundo. Portugal a pouco e pouco tem vindo a descobrir este grande artista que alia ao seu talento de interprete o de compositor da maior parte do seu repertório. Estão neste caso as duas canções em questão.

Orquestre de Steve Allen Hulla-Hoop — Quase em teus braços

London
P45 HL 8742

As voltas do Mundo confundem-se cada vez mais com as voltas dum gigantesco arco do «Hula-Hoop». Do Japão às longiquas paragens do sol da meia-noite, passando pela Beira-Baixa, «Todo o Mundo» se deixa envolver pela cadência agitada do colorido arquinho. Steve Allen, um dos nomes grandes da rádio e televisão norte-americana, interpreta o novo ritmo com a devida alegria.

Um disco excelente para os jovens «hoopistas».

... pelos Esta- ... Carva- ... Nova do Almada, 55.

A ... LA

(Continuação da página anterior)

nosso primeiro livro tremem-nos nas mãos, porque são as mãos que estão a tremer. O coração bate forte e o dono datipografia não nota, por ser míope, comerciante e aquele o seu trabalho. aimos á rua com a cabeça um pouco mais levantada... aqueles que por nós passam «não» escreveram um livro! Não têm provas para rever! No combóio ou no eléctrico, vamos folheando o papel «JL», com o velho tipo oito negro esborratado de dedadas, corrigindo aqui e além e olhando pela fechadura das pestanas o companheiro do lado. E' o «nosso livro»! Começam as forças da vaidade, do prazer realizado e da duvida, lutando á procura de uma resultante que, como todos se lembram da Física, deverá ser mais forte.

Vaidade, porque escrevemos um livro, prazer porque ele representa o esforço do nosso trabalho, da nossa inteligência, imaginação e observação e duvida por desconhecermos até que ponto a nossa mensagem influenciará o publico. Vale a pena? Damos algo de novo? E' um grito? Uma lamuria ou um feixe de recordações banais ordenadas e impressas? É, contudo, o nosso livro. Ficamos agarrados ás provas até altas horas, lendo e relendo passagens já emendadas. Depois é uma noite de sonhos interrompidos, onde nos surgem grandes críticas e muitas honrarias. O nosso nome espalhado por todas as bocas, sussurrado, admirado, falado, conhecido. O nosso trabalho apreciado por grandes homens que nos visitarão, a fim de nos proporcionarem o apoio da sua experiência e saber. Talvez a tradução para o estrangeiro... talvez França, Itália, Espanha. Oh, que lindos são os sonhos de quem tem para rever, as provas do seu primeiro livro! A cara do Fernando, do Baltasar e da... Marília! O quê? O Jorge escreveu um livro? Aquele de ar pacato, «caladão»? Nasce a aurora no mundo do nosso quarto mas os sonhos permanecem bailando, bailando á nossa frente.

As dificuldades de distribuição dão um golpe no autor. O quê 35%? O quê 40%? Contas a 90 dias? Mas... E é se eu quero? Ai não, se quero? Até quero não ir hoje trabalhar! Todo o dia no café olhando os outros e falando com os amigos. Eles já sabem da notícia mas continuam calmos! Deficiência emotiva, claro está!

Vem o dia em que os exemplares nos chegam todos a casa. Todos, excepto os enviados pelo tipógrafo para as bibliotecas. E' a lei.

Depois, leitores, vem a lista das ofertas. Para a família 14, mais 2 para cada jornal, mais 15 para os notáveis, mais 18 para os medíocres célebres, e mais 32 para as pessoas amigas. Que prazer a dedicatória. Que gozo escrever «oferta do autor»! Até dá vontade de gritar. Pegam-se nos restantes e levam-se discretamente numa mala até á distribuidora. Vai para todos os lados, não vai? Ora pois...

No dia seguinte, passamos pelas ruas olhando as montras da cultura. Bem... ainda não tiveram tempo... Após oito dias de digestivos passeios, deparamos finalmente «com ele», entre outros de grandes nomes. Tentamos esquecer que foi o primo do cunhado da vizinha do nosso amigo Gustavo que pediu ao dono da livraria para «o» lá pôr. Ficamos parados num diálogo ameno, num namoro comovido. Ele é nosso e nós somos dele. O «Ele é nosso» toma dentro de nós a forma de um alucinante grito e olhamos em redor, tentando transmiti-lo. Aquele livrinho ali, á esquerda da décima terceira edição da «Comédia Humana», foi escrito por nós. Foi, foi. Mais um olhar enamorado. As pessoas para quem o escrevemos, passam, passam vazios ou preocupados mas não entram. Mas, entramos nós. Dê-me o livro... não, não, não tire da montra. E' estreia, não é? Que tal se tem vendido? Ah, é o primeiro!

Chegamos a casa e temos dois cartões de visita que dizem «Fulano agradece muito sensibilizado a oferta do..., que vai ler com o maior interesse». O outro, cheio de imaginação diz «Fulano agradece, muito reconhecido, a gentil oferta de... que vai ler com o mais vivo interesse». Que cheiro a carimbo e que gosto amargo na boca!

Passou o tempo e esfumaram-se as ilusões, passou a crítica que condicionou, escalonou, deu influências de autores que nunca lemos, passou o publico que não comprou, passou a família que nos ridicularizou, passou a vida que sorriu. Passou o tempo e as nossas mãos continuam vazias e a nossa alma cheia de ofertas, de brindes e de amor. Mas não passou esta força que transmitiu beleza, este desejo de dar aos outros um pouco da nossa alma, que fica depois em farrapos num tabuleiro publico, a três escudos o retalho. O letreiro «saldo» deveria acrescentar em subtítulo: «Retalhos da alma de um escritor ignorado».

O «movimento literário passa, pedindo três escudos pela nossa obra. Nós sabemos que ela vale mais. Vale tanto, tanto, que ao ver este livro de contos, me deu ganas de comprar os exemplares todos, para que o autor não sentisse a dor de ver em farrapos a verdadeira obra da sua vida!

BREVEMENTE
FILME
REVISTA de CINEMA

COMO SE PESCA A SARDINHA

(Continuação da 1.ª página)

a nossa pequenez é estímulo e constrangimento.

*

Pescadores... Sim, e percadores com blusas garridas, blusas em que se pretende imitar uma natureza pródiga. São eles com a sua vida forte, emotiva, eles e os outros homens todos, quem nos acordam desta e doutras atitudes e contemplação. Sigamo-los, Maria José. Repare naqueles barcos que se fazem ao mar. Desconhece-lhe talvez o nome e até a própria razão de existência. Quere acompanhá-los? Não se desculpe. Sei muito bem que o seu estômago não suportaria o enjoo e depois... Seriam precisos todos os «batons» todos os «rouges» deste Mundo para desfazer os estragos de uma noite passada ao largo, no porão de uma traineira.

Aquele grupo de pescadores sentados na areia... Aproximemo-nos. Fixe aquelas mãos que cosem as malhas de rede... Trabalho mais rápido que o apanhar das malhas caídas numa meia de «nylon».

*

O marinheiro de leme faz e desfaz voltas.

Anoitece... Esperemos. Mas esperemos o quê? O enjoo, antes de mais nada... O mar está um pouco picado. O cheiro do óleo das máquinas e o odor apetitoso da caldeirada que os homens, lá no fundo, preparam, os dois misturados, levam mais depressa ao vómito...

A traineira continua a conquistar distancias e o ruido das ondas, batendo no casco do barco tem som seco de uma bofetada. O mar está negro, negro como breu. Onde em onde, uma luz a lembrar uma estrela que corre, embora molemente... Outro barco que segue destino igual ao nosso. Fundo de dezenas de braças, distancia de companha a companha de uma larga milha, água pela frente e pelas costas, cá vamos boiando em anseios e incertezas de pescadores. Quer vamos á roda do leme, quer desçamos ao porão, as falas repetem-se iguais ás daquele velho de rosto encarquilhado pelo Sol:

— Calhava um bom lance...

E os olhos, meio cerrados do velho, na noite carregada de negro, pretendem meter-se pelo escuro, sondando o que não vêem.

Não julgue que as pancadas monótonas que um marítimo vai dando á proa, com o maço de madeira, são as de Molière ou o «tam-tam» do começo de um batuque. Não. O cenário continuará o mesmo e na imensa toalha do mar ninguém pode acender uma fogueira.

Só agora lhe digo onde iremos Maria José, á pesca da sardinha.

Voltemos ás pancadas soturnas que vêm daquele lado. Uma sardinha... Repare na cor do dorso. Fixe, azul, em contraste com a do ventre que é de um branco de prata. Se um cardume passar junto ao galeão, ao ouvir o barulho do maço, voltar-se-á instintivamente de barriga para o ar. Um clarão deslumbrante sairá das águas como por encantamento... Por ele, um olhar atento e experimentado avaliará da quantidade de peixe que compõe o cardume. O cair do alcatraz ´ve que segue longas distancias procurando a sardinha e desce em voo mergulhante, como o mais moderno dos «Stukas»), uma formação de pequenas bolhas na água e ainda um sem-numero de superstições... são indícios «seguros».

Apaguemo-nos o mais possível se o lance for mau, porque o mestre, se nos encontrar pela frente enquanto rumina a raiva e a impotência, pode considerar-nos motivo de «azar». Não nos atirará borda fora, como ás vezes faz ás imagens de sua devoção, mas tornar-nos-á impossível o prazer de uma segunda viagem.

Creio que escusado será apontar-lhe para que servem estes ferros curvos, a razão por que têm vidros verdes e vermelhos os faróis de bombordo e estibordo.

Neste embalar monótono, passada uma noite com o estômago em convulsões, ouvindo sinais, olhando as estrelas, aproxima-se a manhã.

Ouve-se a voz de largar a rede.

— Bote de vigia ao mar! — grita o mestre do barco.

Os homens sobem, meio estremunhados, as pequenas escadas do porão. Ao bote fica preso o chicote da rede, as máquinas abrandam a marcha e a traineira segue lentamente, procurando descrever, como rota, uma circunferência, até ao ponto em que o bote parou. Neste rodar, a rede cairá perpendicularmente. Para tal, tem no fundo massas de chumbo e boias de cortiça na parte superior. Bote e traineira juntam-se formando, a rede submersa, um cilindro.

Outra voz de comando. Gemem as rodas de um guincho. Um cabo, ligado por anéis, fechará o fundo da rede. Tal qual como um saco, tal como quando se diz: «puxar os cordões á bolsa». E, no guincho, as cordas chegam a gemer uma hora inteira!

Os marítimos preparam-se. Calçam enormes botas de borracha, enfiam aventais de oleado, vêm juntar-se, em fila, á borda da traineira, a corda vai-se enrolando e o fundo do saco, fechando, fechando...

O alar das redes... Vibrante, cadenciado. Nos musculos retesados são iguais os movimentos, nos rostos vê-se um espelho da luta...

— Arriba olé, arriba olé...

Este coro dos homens da «companha» parece um choro de forçados. Monótono, exaustivo como a faina que o vai traduzindo.

— Arriba olé, arriba olé...

Um clarão que é uma onda de prata lambe toda a água, saltam escamas e a sardinha corre tresloucadamente.

— Arriba olé, arriba olé...

Saltam homens para dentro da rede e os «chalavares» vão enchendo os barcos...

Voltemos ao ponto de partida, as «enviadas» prenhes de sardinha ainda viva...

— Bom lance — diz o velho de rosto encarquilhado.

Os seus olhos riem e a quilha da traineira corta a água em direcção ao porto. A sereia dá sinal de si. E o grito espalha-se, alastra como uma mancha de óleo, chega á cidade como uma mensagem ridente. Animam-se os rostos, os passos encaminham-se para o cais, as operárias esperam, de nervos tensos, novo chamamento.

As barcaças atracam e o peixe vai ser vendido. Não procure perceber a algaraviada do homem da lota. Nada conseguirá. Bons pulmões... Grande fôlego...

— Trinta e cinco contos, trinta e quatro e quinhentos, trinta e quatro, trinta e três e quinhentos...

E o homem continua naquela toada, que só ele e os compradores entendem, até ao «chui» da arrematação...

E por hoje, fiquemos por aqui. O senhor a quem a princípio crismei de «snob» está a bocejar, a senhora dos olhos redondos de espanto e de sonhos com Mégeve dorme a sono solto e você, Maria José, foi lograda no seu desejo de ouvir descrições de paisagens. Desculpe-me se lhe for possível... Esqueci a promessa... Para mim não há quadro, por mais belo que seja, que valha um só momento de vida dos homens.

MARIO CASTRIM

Crónica da Rua Humilde

(Continuação da 1.ª página)

a prenda! Isto é que foi sorte! Mostra lá, Caldeiro, mostra lá o anel que te coube!

Mas já o Caldeiro se voltara para outra vizinha, lhe fazia queixas. A Arminda voltou a traduzir:

— Está a dizer que a Mariana ainda não veio cá. Como não tem mais nada em que pensar, dá conta de tudo!

A Mariana apareceu mais tarde. Trazia uma perna de galinha corada. Desculpara-se muito diante das vizinhas. Que tivera lá a filha e o genro, que o seu genro isto, que o seu genro aquilo, muito vaidosa do seu genro. Sentia pairar uma censura nos olhos e nos modos das vizinhas. A Rua Humilde adoptara o João Caldeiro e levara a mal que o desprezassem...

O enterro saiu de tarde. Faltei á escola e cada um roubou uma hora ou duas na oficina, para acompanhar o João Caldeiro á derradeira morada. Práticamente, toda a Rua Humilde marcou presença. E quando pela ultima vez o lençol alvo descobriu a face barbuda, estranhamente insignificante e mirrada, não houve ninguém que não fitasse a cicatriz roxa, apanhando a testa como uma coroa de glória.

MANUEL DO NASCIMENTO

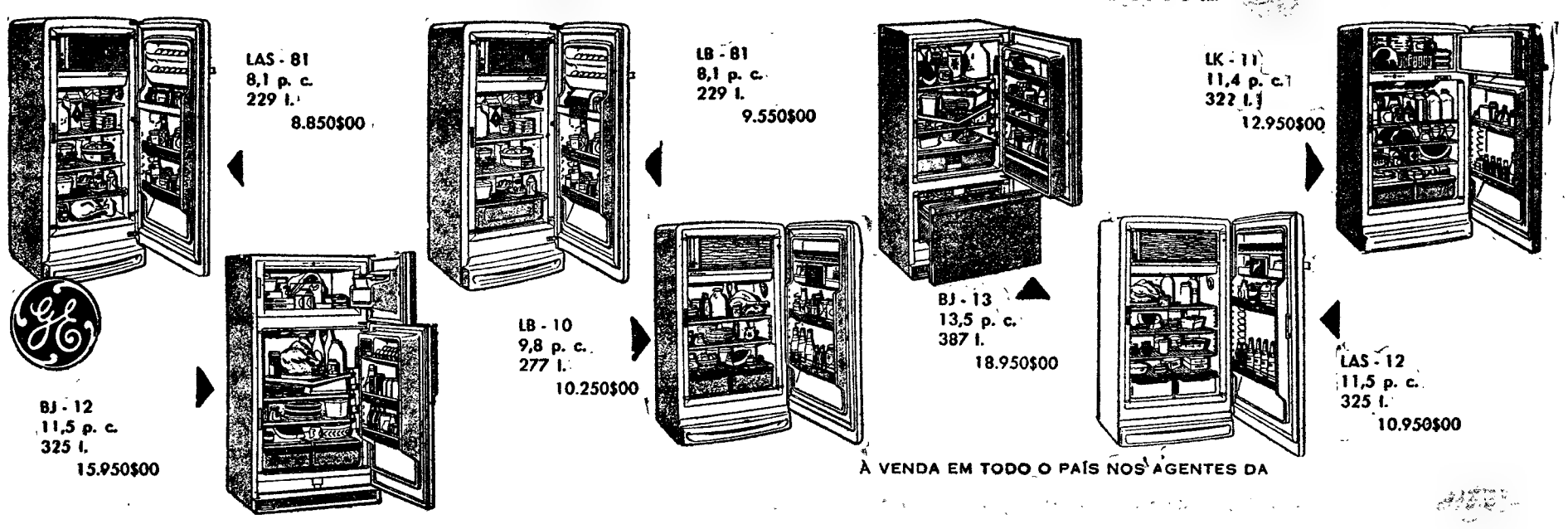
MORSE

Sem molestar o crâneo

Munidos de um bisturi atómico, cirurgiões suecos acabam de realizar uma extraordinária operação.

Conforme noticia o «Aftonbladet», o doente, que sofria de uma profunda depressão mental, foi curado por meio da ablação de uma parte do cérebro. Até aqui nada de novo. A novidade reside no método utilizado para fazer a operação. Na verdade esta não exigiu a abertura da caixa craniana. O bisturi e todos os instrumentos habituais foram substituidos por um bisturi atómico, que não é outra coisa senão uma irradiação de protões.

As sarcásticas previsões de Aldous Huxley, no seu livro «Admirável Mundo Novo», parecem aproximar-se da realidade.



A MULHER O POETA E O AMOR

*

Por

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Cinquenta anos de ternura valem por um casamento — escrevia Victor Hugo a Julieta Gauvain. Com efeito, é impossível evocar o grande poeta, sem citar aquela que viveu tão ligada a ele, numa ternura imensa, lírica e sensual, inspiradora dos mais belos versos. Ele próprio, se referia a Julieta com o mais profundo reconhecimento: «se tenho algum génio, vem-me de ti. Não estás apenas no meu coração, tu és todo o meu pensamento»...

Belas palavras que duraram, soando como novas, durante cinquenta anos!

Julieta Gauvain era filha de um modesto alfaiate; ficara orfã de mãe desde muito cedo. Foi recolhida por um tio de quem herdou o apelido. Não teve os carinhos da mãe, mas a sua infancia decorreu como outras tantas de crianças educadas na província — como um potrozinho em liberdade, pés nus a provarem a água barrenta das valetas, pisando a erva tenra da vasta pradaria, bebendo em largos sorvos a poesia dos campos. Até ao dia em que entrou no convento.

Nele encontrou Julieta uma severa disciplina que muito contrastava com a liberdade que deixara nos campos onde crescera. Anos passaram. Julieta reconheceu, um dia que a vida retirada de religiosa não lhe convinha, porque não lhe agradava. Tinha um sonho, que a todo o custo pensava realizar: o teatro. Chegada a Paris, apenas com dezasseis anos e saída do convento, Julieta não podia de maneira alguma pensar em defender-se. A vida de Paris depressa a envolveu com todo o seu esplendor, os seus perigos multiplos, as suas quedas...

De uma rara beleza, tornou-se modelo de um pintor. Não tardou este a apaixonar-se por ela e a fazê-la sua amante. Os seis anos que se seguiram permitiram-lhe uma vida fácil, inebriante e enganadora. Do pintor teve uma filha; mas pobre, não conseguiu levá-lo ao casamento. Desiludida, partiu para Bruxelas com um grupo teatral. Nesse novo ambiente conheceu Harel; arvorado em «protector» da artista, com ela volta a Paris, onde seria eleita a mulher mais bela da capital. Aí conhece outros nomes ilustres: o escritor Alphonse Karr, o príncipe russo Anatole Demidoff. Essa vida que a fascinava, cansa por vezes; brutalizada, cumulada de presentes, desiludida e infeliz, não tem forças para mudar o curso das coisas. Estava apanhada na engrenagem. A atracção de ser a mulher mais bela de Paris talvez fosse demasiado forte para a criança indefesa, passada do campo para o convento e daí, sem transição alguma, para a ribalta e os braços dos amantes. Nunca amou nenhum desses homens que tiveram a vaidade de a possuir, levando-a de desilusão em desilusão. A sua vida continuava deserta e sem sentido.

Estaria a Victor Hugo reservado o papel de a modificar. Como acontece nos romances cor-de-rosa, o amor de Victor e Julieta foi repentino e avassalador. Ainda tentam reagir ao primeiro sopro violento. Hugo era casado e Julieta estava farta de sofrer. O poeta fugiu-lhe; temia as actrizes. Meses depois, quando se encontram, não havia remédio. O golpe estava dado. O amor nascido num baile carnavalesco iria transformar-se numa ternura sincera e profunda, duradoura, imensa, enquanto ambos tiveram um sopro de vida.

Não foi sem tempestades, esta ligação. Extremamente ciumento da peregrina beleza de Julieta, o poeta leva-a a cortar todas as ligações que mantém no teatro, a abandonar o luxo em que vivia. Tudo ela abandona, mas o passado estaria sempre entre eles. Hugo martiriza-a com a recordação penosa deste passado, cheio de uma desconfiança doentia. Julieta foge para Brest, mas Victor, enlouquecido, procura-a e trá-la para Paris, encerra-a num modesto «appartement», reclusa de um grande amor egoista e exigente.

Em 1835, Julieta troca o teatro pelos mais belos versos do poeta, do seu poeta. Viajam muito, são felizes, ele versejando para ela, ela copiando-lhe os manuscritos e coleccionando-lhe os desenhos. Victor Hugo tem a vida cheia, com a Academia; muitos dias nem consegue visitar Julieta, ainda que continue a querer-lhe com o mesmo amor do primeiro instante.

Em 1843, morre a filha do casal Hugo e quatro anos depois a de Julieta. Sobre estes dois corpos jovens, ambos derramaram as mais sentidas lágrimas e ele os mais inspirados versos... A morte ainda mais os ligou.

A entrada de Napoleão em França, leva Hugo a exilar-se na Bélgica, com a família. Julieta parte também. Madame Hugo, que vivia, agora, exclusivamente dedicada ao espiritismo, já nem liga áqueles amores que outrora a preocupavam demasiado. A ligação é, então, oficialmente aceite. Vivem no exílio dezanove anos, durante os quais morre madame Hugo. Esta morte atinge, profundamente Julieta. Amava muito para sentir despeito por uma mulher abandonada.

Estão já na casa dos sessenta, mas o amor de ambos é jovem como no primeiro dia; os corações sinceros não envelhecem nunca.

Com a Republica voltam a Paris. Victor é cumulado de honrarias. Mas nem um só momento, nimbado pela glória, esquece a sua companheira fiel de tantos anos. A ela escreve estas simples palavras que dizem um mundo de coisas: «amo-te. Cinquenta anos de amor representam o mais belo dos casamentos»...

Julieta morre cancerosa, com a alegria de ter lido as ultimas palavras de carinho que Victor Hugo lhe escrevera no livro do Aniversário: «Escrevendo neste livro, julgo acrescentar horas sagradas ás doces horas que vivemos e eternidade á nossa existência»... Dois anos depois, o poeta seguiu Julieta na morte. Pouco tempo a vida os separou, já que os unira num amor eterno.

O sr. Michael Nitghtingale, secretário da «Museum Association», lançou no seu país (Inglaterra) um curioso «slogan»: «Museus Musicais».

Eis, segundo o «Reynolds News», as declarações do sr. Nitghtingale:

«Os museus deviam tornar-se em lugares de prazer e de descontracção espiritual e não casas sombrias onde se sofre uma punição. Os museus deveriam ser o coração da comunidade, onde os cidadãos poderiam encontrar os seus amigos, comer, assistir a conferências e a concertos musicais — isto no meio de tesouros artísticos.

Os museus provincianos — conclui o sr. Nitghtingale — vegetam no estado mais deplorável, não passando de lojas de antiqualhas.»

Esta original e surpreendente declaração valeu ao seu autor a réplica de um dos mais pobres museus provincianos, o de Rochester, pela boca do seu conservador, o sr. Joseph Taylor:

«Não queremos — desfechou este senhor — que o nosso museu se torne num refugio nos dias de chuva.»

Crónica de

(Continuação da 1.ª página)

a saia curta, que descmbaraçava as pernas altas e finas, bronzeadas pelo Sol e óleo de coco. Toda a sua pessoa respirava uma frescura alegre e radiosa, como a luz daquele dia perfeito, e, num doairo de aparição, ela entrou na alma do meu amigo, que nunca se cansa de repetir os pormenores desse encontro deslumbrante.

Em poucos dias Luciana tornou-se a companheira de solitários passeios á beira-mar, e, nos longos intervalos das partidas de ténis, chupando coca-cola por uma palhinha sob um toldo de lona cor-de-rosa, foi conhecendo as ambições e os desenganos de Mário, toda uma vida mal gasta a que ela trazia agora um clarão de festa, um repouso claro de estação florida em fim de viagem. Ao entardecer perdiam-se por uma alameda estreita e enlaçavam-se num banco de jardim, onde algum grupo folião vinha quebrar aquela paz silvana com canconetas picantes, langores de serenata e solos de bandolim.

Todo este romance parecia vogar sobre azul, mas enquanto Luciana o tomava por um «flirt» de praia, Mário entregava-se a uma loucura que desesperava de romper o namoro dela com um Romano a negócios em Berlim. Mário estava apaixonado e na ultima noite de férias, na penumbra afagante de um cabaré, com uns copos de «whisky» e o ardor da sua loquacidade meridional, conseguiu triunfar das ultimas hesitações de Luciana, só não lhe enfiando nesse momento delicioso um anel no dedo porque a mesada mal chegava para pagar a conta da pensão. E pela tarde de um dia encoberto, sentindo no ar arrepiado o gume tra friagem, despediram-se com tristeza, jurando-se coisas doces e ternas e prometendo encontrar-se muito em breve.

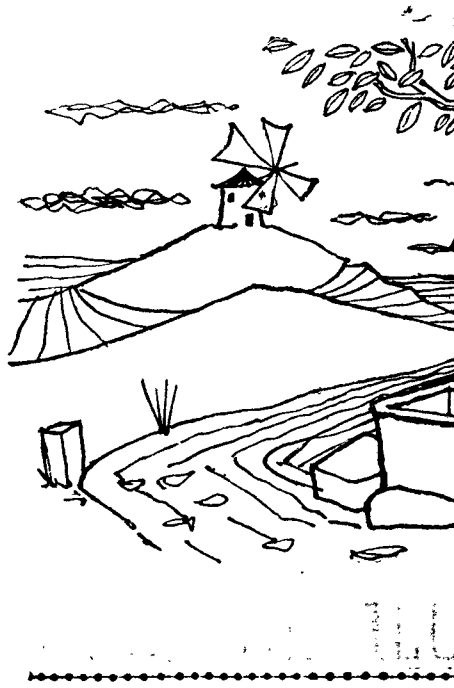
Foi por essa altura que o pai de Mário, industrial do Norte, inquieto com aquela ociosidade do filho, resolveu encarregá-lo de uma missão qualquer junto de várias firmas estrangeiras. Deu-lhe uma carta de crédito sobre a banca de Londres e largou-o num carro «sport» por essa Europa acima.

A princípio Mário enviava regularmente longas cartas a Luciana, depois passou a lembrá-la num pensamento terno em postaizinhos ilustrados, e, finalmente, no torvelinho das grandes capitais, recorria a telegramas curtos e cheios de saudade.

Ela, porém, começou a duvidar das suas palavras frementes e a adoptar um tom vago e indeciso, barreira em que se escudava num novelo de reticências. Mário, que descobria os céus da França e uma forte fascinação nos olhos pisados das adolescentes do «boulevard» Saint Michel, mal suspeitava a tempestade que se acastelava no horizonte, e ficou estonteado ao receber um brusco ultimato de Luciana, na noite em que abalava para Londres, carregado de bagagens e sem um franco no bolso. Ou ele lhe telefonava no domingo de manhã para Milão a justificar-se do seu absurdo silêncio, ou ela seria a noiva do seu constante admirador romano.

E aqui começaram as cansciras e o desencanto do meu amigo Mário com a nobre Inglaterra. Estremunhado e enjoado pela travessia do Canal teve uma dolorosa surpresa na cabina telefónica ao verificar a necessidade, neste país prático, de desencantar pelo menos umas trinta moedas. Sem ninguém que lhe trocasse notas de libra, foi aconselhado a correr á estação do «metro» em Piccadilly, pois ao domingo só ali encontraria um empregado que o tirasse de apuros.

Mas em Piccadilly o polícia de giro, esse sólido monumento de informação cívica, proibiu-lhe que recorresse ás bilheteiras para trocos e revelou-lhe que o funcionário só aparecia ao serviço ás dez e meia, e o melhor, se não queria esperar, era volver a Vitória, onde haveria alguém para o atender ás dez em ponto. Mário rolou para um táxi como um rochedo que se despenha das alturas. Porém, como não vis



A tarde sangra com se uma punhalada lhe acertasse em cheio no coração. Passou a monotonia da chuva e os dias cinzentos. Vida nova. A árvore surge, coberta de flores, do asfalto, como se nos quisesse provar, á viva força, que até as pedras sonham...

Não tarda que á minha porta passem os homens e as mulheres do bairro pobre á ilharga da avenida, em direcção ao «eléctrico» e ao comboio. Vão ver o Sol ás praias que a Providência por esmola, lhes colocou á mão de semear. Ela com o cesto do almoço; ele com o menino num braço, a querer por força brincar-lhe com o bigode, e segurando o garrafão no outro. Regressarão, pela tardinha, com um passo mais lento e feliz.

Estar a vê-los, partindo e regressando do Sol, constitui para mim lenitivo poderoso. Tudo tão diferente de como soía! Hoje, até os mais pobres, os mais lá do fundo, exigem sua ração de Sol. E não há maneira de lha recusarem por completo. Impossível. Tempo demais—ah! demais! — nos foi ela negada. Uma fome recalcada de milhares de anos começa, com extrema violência, acordando nossas bocas para os frutos.

Cada homem é uma reivindicação . Por isso a sociedade humana

VERSO E REVERS

Rígidos monossílabos parece
que estão o nosso mundo governando.
O que se diz é só, de quando em quando,
mais oui, mais non, jamais, no, never, yes...

De pequenas palavras se entretece
o grande muro aos céus alevantando.
Duas, três letras só, — e fico anseando,
que o Sol, já receoso delas, amanhece.

Nunca palavras tais tanto valeram.
E quantos nos seus lábios as tiveram
saibam que a alma está comprometida.

Em cada um de nós a causa enleia
Cautela, porque um simples grão de areia
pode encravar agora a própria vida.

de Londres

...car a ...to, de ...trin- ...le lhe ...conse- ...metro» ...go só ...o que ...ia de ...de in- ...ue re- ...trocos ...rio só ...meia, ...perar, ...averia ...z em ...táxi ...penha ...o vis-

se rasto nem fumo do misterioso funcionário, num alarme de amoroso para quem o telefonema era um caso de vida ou de morte, ligou frenético para as informações. De lá partilharam do seu espanto com aquela ausência oficial e remeteram-no para Piccadilly.

Desmanchado, em desalinho, o meu pobre amigo olhou aflitivamente o relógio, perguntou mais uma vez a um bagageiro pelo homenzinho e só então soube que aos domingos ele estava de folga. Sentindo tonturas e rosnando um palavrão, escapuliu-se para um táxi e pediu uma corrida veloz.

Mas Mário ignorava que um táxi em Londres é mais lento que um autocarro. Ao dobrar a esquina, viu o motorista abanar a cabeça desolado embraiar o carro e pôr-se a seguir a passo funebre o regimento dos Granadeiros da Rainha, que, no vermelho esplêndido dos seus uniformes, ao toque da charanga, regressava a Buckingham Palace. O bom Mário, delirante, bateu com os nós dos dedos na vidraça e berrou-lhe que se esquecirasse por um desvio, uma vicla qualquer. O outro grunhiu uma coisa indistinta, sacudiu os ombros e tornou a mostrar um ar desolado. Mário tapou a cara, odiando Londres, os Ingleses, os táxis, os telefones e até desconfiou, no negrume da sua alma, que o traste gozava, como os basbaques á borda do passeio, aquele desfile inesperado e vistoso.

Trémulo, com uma vaga cólica, desceu em Piccadilly e quase desfaleceu perante o guiché estupidamente encerrado. Titubeando dirigiu-se mais uma vez ao mesmo polícia, um tipo rijo de bigode queimado pelo tabaco e um olhinho azul e cavo. Não... o empregado ainda não chegara; talvez viesse lá para o meio-dia; era domingo!

Mário saiu atordoado, vencido por esta trágica realidade do domingo britanico, em que um triste cidadão sem trocos, na prática e eficiente Inglaterra, não pode telefonar para fora da ilha, nem sequer do Correio Central, tão indigente de moedas, tão desprovido de recursos como Vitória ou Piccadilly! Que poderia fazer um pobre diabo sem amigos, sem casa, sem hotel...? E a esta ideia subita como uma iluminação divina, Mário entrou como no «Regent Palace», marcou um quarto e uma ligação para Milão.

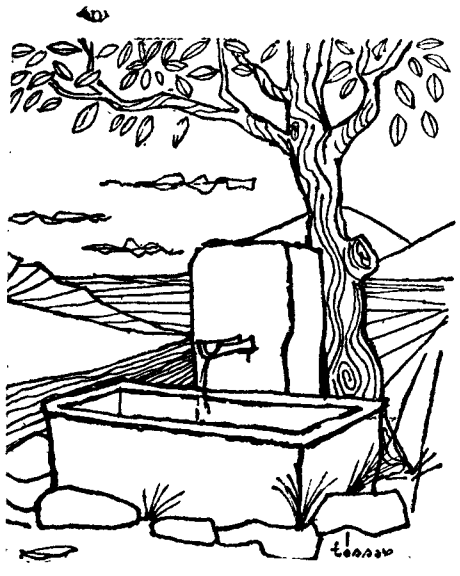
A telefonista era uma loirinha oxigenada com uns grandes olhos verde-mar onde errava um lume fugidio e malicioso. Consternada veio dizer-lhe que a chamada demorava e que S. Ex.ª teria de esperar uma hora. O meu desgraçado amigo anuiu esmagado, vendo expirar irrevogávelmente o prazo do ultimato, e tirava do maço cigarros que não acendia. A rapariga olhava-o de soslaio, com curiosidade, farejando drama sentimental nestes pobres corações estrangeiros. Acabou por enternecer-se, insistiu com a Central, e arriscou mesmo um sorriso de simpatia comovida.

Então Mário não se conteve, e, naquele tom cantante e veludoso como uma carícia da sua voz napolitana, fez dela a sua confidente e contou-lhe ali tudo, os infortunios e peripécias desse dia aziago. Ela escutava interessada, surpreendida num vago enleio, e admirava-lhe aquele fogo no escuro dos olhos brilhantes e sorria, sorria sempre, sorria com doçura sem saber bem porquê. Quando a campainha retiniu, foi com cuidados de enfermeira, como quem leva um doente, que o encaminhou ainda pálido para a cabina e o silêncio morno das paredes de cortiça.

Mário já não encontrou Luciana do outro lado do fio. Nessa noite desesperançado, miserávelmente abatido ao peso da sua mágoa, desiludido com a Inglaterra, foi ouvir a orquestra sinfónica na «Flauta Mágica», e, embalado em ondas de som, sentia junto do seu, amorosamente colado, o joelho quente e redondo da loirinha do hotel.

Fevereiro, 1959.

LUIS DE SOUSA REBELO



ILUSTRAL

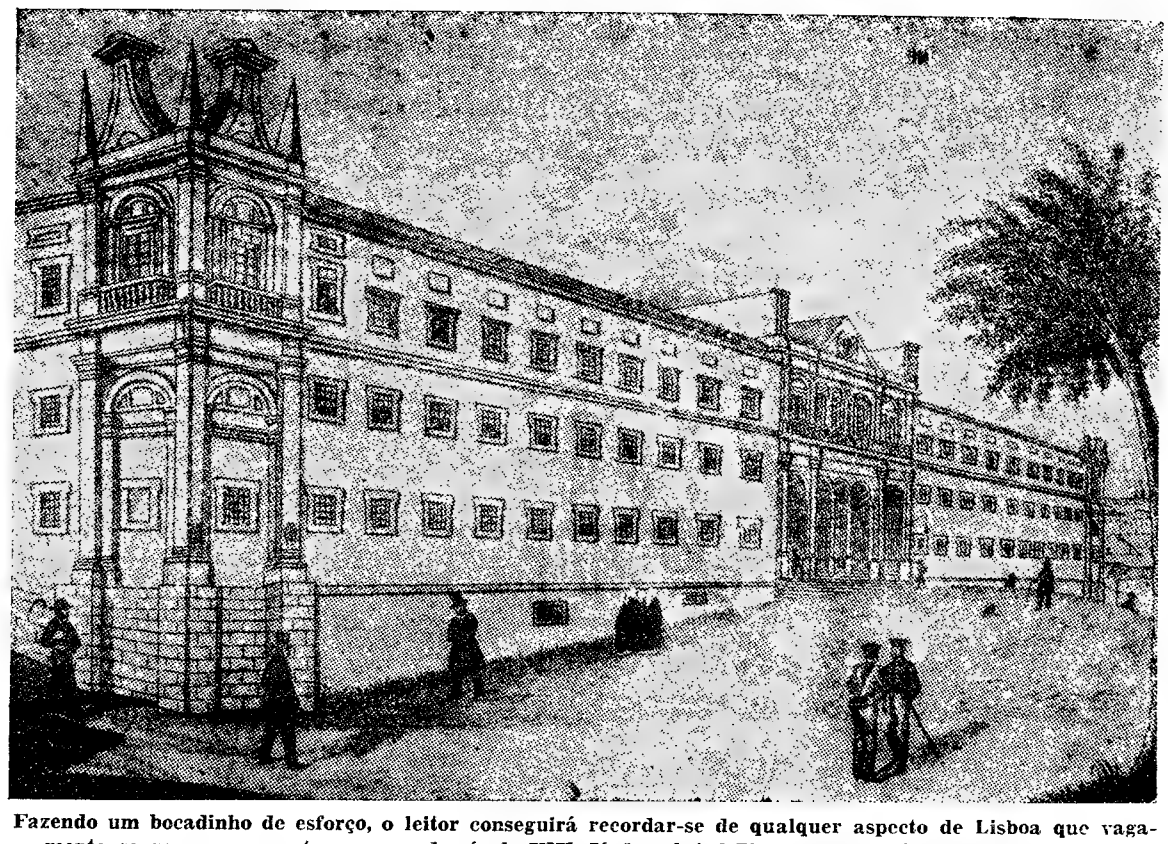
...uma ...cheio ...ia da ...la no- ...le flo- ...guises- ...até as ...porta ...lheres ...ave- ...ico» e ...praias ...lhes ...com ...meni- ...força ...segu- ...egres- ...pas- ...egres- ...mim ...feren- ...mais ...), exi- ...já ma- ...mple- ...—ah! ...Uma ...anos ...ência, ...s fru- ...ndica- ...mana

se vai tornando cada vez mais difícil de governar quando se pretende que os frutos da civilização e do progresso permaneçam sómente á mão dos patrícios e clientes. Ao sexto dia, o Mundo estava feito. Ao sétimo, Deus repousou. Ao oitavo dia os homens tomaram conta do Mundo.

Por mim, exijo pouco. Que me deixem respirar e que as minhas bolas de sabão durem pelo menos o tempo suficiente de eu as fitar.

POR
MANUEL AGRA

Os coriscos não voltem a eleger para vítimas os ninhos de aves inocentes e puras. E que as crianças que são minhas, na medida em que todas as crianças são nossas, não brinquem aos pesadelos pelos caminhos da noite. Poderei ainda acrescentar, se for a tempo, um «post scriptum». Que ao menos uma vez por ano me deixem beber a água de certa fonte e na concha de minhas mãos, como quem assina um contrato de posse, renovável em cada estio. E que me não levem, do alto daquele monte, o moinho aonde eu e D. Quixote regularmente nos encontramos.



Fazendo um bocadinho de esforço, o leitor conseguirá recordar-se de qualquer aspecto de Lisboa que vagamente se pareça com esta gravura do século XIX. Já descobriu? E' o velho edifício das Cortes, no tempo em que as ruas existiam quase que só para os peões, em que o peão fazia de rei

com um sorriso nos lábios

Desta vez os CEM mereciam ir numa bandeja. O sr. Alfredo Silva (Rua de Santo António, 171, 3.º, Porto), merece, além dos referidos cumprimentos bancários uma homenagem por esta bela definição:

Sorriso é a difícil arte de dar aos dentes um aspecto inofensivo.

Parabens.

Mas o sr. António Rafael das Caldas da Rainha, foi um adversário de categoria, que bem merece o cognome de Lineu português, pois fez uma nova descoberta no campo da zoologia comparada:

Sorriso — Sinal de satisfação que os cães fazem com a cauda e os outros animais com a boca.

Como os CEM já têm dono, nós vamos mandar a este nosso leitor um livro, para o que lhe pedimos o obséquio de nos indicar a morada.

A sr.ª D. Maria Gabriela Duarte (Algés) enviou-nos uma definição a que a Academia chama «muito feminina»:

Sorriso é o perfume do espírito.

Mas qual será o perfume do sorriso amarelo?

Para fugir a tão espinhoso problema, o sr. Eurico Baptista (Lisboa) enveredou pela astronomia:

Sorriso é o Sol da carne.

Mas será da carne assada? Afinal caímos noutro problema e desta vez bem doloroso. Claro que nós podemos rir dos problemas, quando há coragem para isto. Vejamos como o sr. Diogo S. Carvalho (Lisboa) sorri filosóficamente da desgraçada necessidade:

Sorriso é o que fazem os sapatos quando têm as solas despregadas das viras.

Se o leitor fosse centopeia (nome que se deve dar aos pais de abundantes famílias) havia de substituir o riso pelo choro.

Mas visto que falamos em sapatos e que os pés também sorriem, aproveitemos este conceito que o sr. José Marques Beirão (Alpedrinha) nos envia:

Sorriso é a ironia em pantufas.

Suponho que na gente remediada; o povo faz o serviço com chinelos de trança.

Esgotado tudo quanto havia a citar sobre sorrisos calçados, registemos o que o sr. Francisco Suzano (Lisboa) nos revela em matéria de navegação:

Sorriso — escreve — é nos lábios de uma mulher o campo magnético que desvia o rumo do homem.

Chama-se a isto ter farol. Agora, já só caem os tolos.

O sr. Álvaro Machado, do Porto, transformou o sorriso numa questão de sexo, e saiu-se da empresa com invulgar habilidade:

Sorriso — Porta aberta que no homem pode dizer «concordo» e na mulher «concedo».

Não há duvida que o nosso leitor conhece bem as Fábulas de Fontaine. Já o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, preferiu dissertar sobre criminologia (capítulo «falsificações»):

Sorriso — definiu — é um bilhete de identidade que alguns falsificam.

E a sr.ª D. Maria da Conceição Vilas Boas, do Porto, ainda aprofunda mais os mistérios criminológicos do sorriso, ao considerar que ele é «uma gazua para as portas da vida!».

Claro que ás vezes bate-se a má porta, e o sr. Manuel S. Neves, de Lisboa, esteja convencido que:

O sorriso é a chave com que muitas mulheres abrem os cofres daqueles que os têm.

Os, quê?

O sr. Joaquim Pereira Durão, de Lisboa, mandou-nos uma definição da mesma família da do vencedor:

Sorriso é, na maioria dos casos, uma delicada «mordedura diplomática».

E desta maneira terminariamos se não tivessemos presente o que nos comunica, cheio de confiança na vida, o sr. José Maria Custódio Junior:

Sorriso, s. m. — nota de cem escudos ganha no concurso do «Magazine».

Eis o que se chama ter mais olhos que barriga. Pois para castigo, para a próxima semana fica a concurso a palavra

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 14 de Março.

Definição: SORRISO AMARELO

ERSO DA SEMANA

Sir Mac Millan encontra-se em Moscovo.
E não se diga — claramente seio-o
que por lá está em viagem de recreio
com a fome turística do «novo».

As palavrinhas tais que desaprovo
tiveram folga — e foi quebrado o enleio
discurso após discurso — e pelo meio
do claro vodca com um discreto sorvo...

Qualquer dos lados falou muito e muito.
Manter a paz no Mundo — eis o intuito
da conversa que mais e mais se estende.

Regosijo no Mundo de homens sãos.
Eis-nos a todos esfregando as mãos
«pois a falar é que a gente se entende...».

ALFA

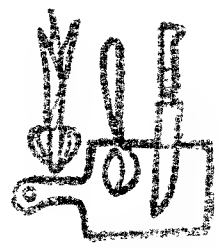
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

SAIBA COMER

Guerra aberta ás gorduras

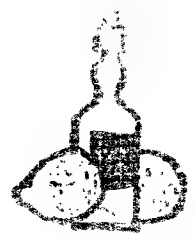
A vida moderna tudo tem modificado; até a saude. E' certo que se morre menos de tuberculose, de partos, de febre tifóide — mas, em contrapartida, outras doenças surgiram para ameaçar a Humanidade. Entre outras, os enfartos do miocárdio — perturbações hepáticas e as grandes crises cardíacas — recrudescem de forma preocupante. Porquê? Sem duvida alguma, os médicos atribuem a responsabilidade á vida trepidante que, sobretudo nas cidades, impõe ao organismo humano uma dura prova.

Mas não é só o nosso modo de viver, defeituoso, o responsável. A alimentação tem uma grande parte

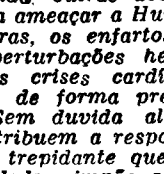


de culpa. Qualquer dos transtornos de que falamos acima, tem uma origem comum, bem visível — o excesso de gorduras.

Durante muito tempo não se pensou nisso. Hoje, porém, com o surto da dietética, chegou-se á conclusão de que as gorduras provocam um desgaste pernicioso, sobretudo as gorduras de origem animal. Porquê? Nas perturbações hepáticas, a razão é simples. E' ao figa-



do que cabe a transformação das gorduras. Uma vez que elas sejam abundantes, a célula hepática é forçada a um trabalho suplementar. Por outro lado, o fígado armazena uma parte das gorduras ingeridas — nova causa de fadiga para o órgão. Mas nem todas as gorduras em excesso são armazenadas no fígado; uma parte é transformada em colesterol e lançada no sangue. No sangue há sempre uma certa dose de colesterol; mas se existir em demasia, ele deposita-se sobre as pa-



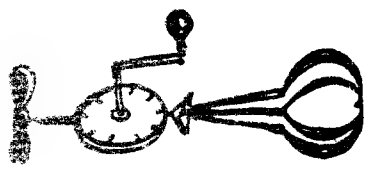
redes das artérias e provoca a esclerose (endurecimento das artérias). A circulação sanguínea é pois, retardada, forçando o coração a um trabalho maior e, por consequência, a um esforço mais importante. Além disso, nas artérias obstruídas pelas gorduras pode formar-se um coágulo sanguíneo que será carregado até á pequena circulação, provocando as terríveis crises de enfarto.

As gorduras, particularmente as gorduras cozinhadas, são a principal causa das grandes doenças da idade chamada madura. Quase todos nós temos, por tradição, uma alimentação muito rica em gorduras: *carnes gordas, peixes gordos, saborosos molhos de toda a espécie,*

pratos a trasbordar de bela manteiga, toucinho. As donas de casa não sabem ou se sabem não fazem caso disso, que a factura de um prato tem tanta importancia como a sua própria natureza. Uma costeleta de vitela é mais magra que uma de porco; mas se a fizer nadar em manteiga e lhe juntar um saboroso creme... ei-la pior que a carne de porco que rejeitou.

A moderna dietética aboliu pois

as gorduras, principalmente as cozidas. Por isso se deve dar a preferência aos grelhados, desde que se temperem modicamente em segui-



da. Se quer manter as artérias dos vinte anos e um fígado em bom estado, comece pelo uso dos grelhados, escolhendo, para eles, uma gre-

lha especial (antiadesiva) cujo fabrico especial não permite a aderência dos alimentos. No momento de servir deite-lhes um pouco de manteiga crua, bem tolerada pelo fígado. Faça o mesmo aos legumes cozidos.

Ao preparar as refeições quotidianas, pense no seu coração e no seu fígado e... desconfie das gorduras.

CORAÇÃO DE VITELA

Para quatro pessoas: 300 gramas de arroz, 5 colheres de sopa de manteiga, 2 corações de vitela (conforme o tamanho), 8 cebolinhas, 250 gramas de cogumelos, um copo de vinho tinto, sal, pimenta, salsa picada.

Em duas colheres de manteiga, refogue cebola picada. Deite o arroz *seco*. Mexa mas não deixe escurecer, contudo espere que ele absorva a gordura. Deite então água fervente (1 vez e meia o volume do arroz). Tempere e deixe cozer durante o tempo suficiente para o liquido, mantendo fraca ebulição. Logo que o arroz seca, está cozido.

Entretanto, corte o coração em

fatias grossas, ou quadrados, retirando o coágulo de sangue que tem ao centro. Salteie em manteiga, rapidamente. Retire do lume, mas conserve ao calor. Na manteiga que ficou de saltear o coração, deite as cebolinhas pequenas e os cogumelos picados; depois de cozidos, deite o vinho e deixe reduzir a um terço. Deite o coração na caçarola e ferva uns vinte minutos.

Na travessa, coloque o arroz em coroa, deitando no centro a carne. Salpique com salsa picada. Enfeite ao gosto, com beterraba e cenoura em rodelas e ovos cozidos sobre o arroz. Sirva bem quente, com uma salada verde.

SOPA DE RESTOS DE LEGUMES

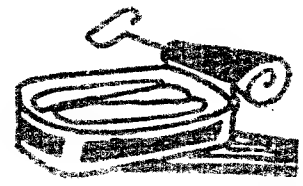
O melhor é passar pelo passador. Se os legumes não são em quantidade suficiente para uma boa sopa, ligue com um bom molho branco espesso ou puré de batatas. Em qualquer dos casos, deite-lhe ovos batidos que deixará esfarrapar.

Tempere com sal, pimenta, um pouco de pão ralado e meta no forno por vinte minutos.

CROQUETES DE FRUTA

2 copos de leite
açucar ao paladar
4 colheres de sêmola
Frutas (frescas ou cristalizadas)

Esta sobremesa deve preparar-se de véspera. Cozer a sêmola no leite açucarado quente, mexendo sempre para não encaroçar. Retirar do lume e deitar-lhe frutas: passas, bananas, maçãs em bocadinhos, etc. Estender uma camada num prato que tenha cerca de 3 cm. e deixar



arrefecer. Cortar então em bocados, passar por farinha, dando-lhes a forma de croquetes e fritar. Servir mornos, polvilhados com açucar pilé e canela

O regime de um velho razoavel (2)

Depois de apontarmos os inconvenientes de uma alimentação desregrada — seja por excesso, seja por deficiência — vamos passar em revista alguns alimentos e tentar dar-lhes a sua devida importancia ou a contra-indicação.

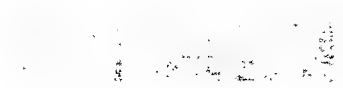
Carnes, peixe, ovos e charcutaria: todo o excesso seria mau. As quantidades devem ser bastante dimi-

nuidas, em relação ao adulto. E' de toda a prudência escolher peixe e carne magros. Poderá tomar 1 ovo duas a três vezes por semana, se não sofre de arteriosclerose. Todas as chartutarias devem ser banidas, com excepção do presunto.

Leite e seus derivados, queijos: o

leite será o alimento-base de todas as pessoas de idade, desdentada; se cluir na sua ementa diária 1/2 litro, tem bons dentes, deve sempre, in-Todos os queijos, mesmo os fermentados, são geralmente bem tolerados e bem digeridos.

A manteiga, as gorduras: O seu consumo deve ser moderado. A manteiga deverá ser incorporada



nos alimentos, no momento de serem comidos. As gorduras não devem nunca, ser cozidas.

Legumes verdes, frutos frescos: Se a pessoa de idade possui uma boa dentição, são sempre recomendáveis. Os legumes verdes podem

ser tomados nas duas principais refeições, tendo o cuidado de evitar as couves e as azedas. Os frutos e seus sumos são sempre de aconselhar, pois as carências de vitamina C têm a mesma importancia nas idades avançadas, que têm durante toda a restante vida. Contudo, o idoso deve ter em atenção os intestinos que, por vezes, se deslaçam com o uso e abuso de legumes ou frutos frescos.

As bebidas: Nunca consumir mais de 1/4 de litro de vinho por dia. Não abusar do café, banir o alcool e fugir ao chocolate.

NOVA
EMBALAGEM!

POR 20$00
VAI ENCHER
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE

AJI-NO-MOTO
TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA

Da Arte à Vida

por ALFREDO BRAZ

Referindo-se ao ultimo artigo que publiquei neste Magazine, um amigo acusou-me de ter da arte «uma concepção metafísica». Confesso-me particularmente sensível a uma acusação desta natureza por estar certo de que ela não corresponde á verdade e ainda porque tenho um horror instintivo e muito voltaireano ás obscuras subtilezas metafísicas (o leitor recorda-se certamente do famoso aforismo de Voltaire: «Quando dois filósofos discutem sem se compreenderem, fazem metafísica; quando se não compreendem a eles próprios, fazem alta metafísica»).

Parece fundamentar-se a tal acusação numas expressões equívocas que, um tanto levianamente, deixei passar no meu artigo. Falei é certo e disso já estou repeso, em «nucleos de essencialidade e de pureza», nas «reminiscências de uma beleza já em tempo vislumbrada» e noutras coisas de tal jaez. Mas, que demónio!, não sou filósofo e deve reconhecer-se que todos nós estamos condenados a termos de expressar conceitos mais ou menos novos com todo um arsenal de palavras velhas como o Mundo. Compreendo bem que, a um apurado olfato filosófico, essa da «beleza vislumbrada» trasandará a Platão, embora reconheça a extrema dificuldade de evitarmos cair nesta e noutra idênticas, quando nos pesam em cima tantos séculos de estética platónica.

Podem todavia ficar tranquilos todos os meus amigos e inimigos, porque não perfilho essa tal concepção nem sequer dela me aproximo. Antes pelo contrário. Quanto mais me debruço sobre os problemas da arte, mais radica em mim a convicção de que entre a actividade estética e o labor quotidiano do homem comum não existe realmente uma diferença qualitativa. Isso reconhece-o o povo ao cognominar de «artista» qualquer trabalhador eficiente no seu mester e reconhecê-lo-á também qualquer oleiro ao comparar o produto do seu próprio trabalho com uma ceramica de Picasso. Mas os outros, aqueles que nada criam ou, pelo menos, nada produzem susceptível de ser considerado estéticamente? Os que passam a vida sentados a uma secretária na inglória tarefa de alinhar algarismos, como poderão eles evitar de sentir e pensar como coisas ditintas a sua apagada actividade quotidiana e a criação da obra de arte? Para esses, como para todos os homens que se gastam num labor sem prazer e sem beleza, a arte tenderá sempre a aparecer como qualquer coisa muito diferente e bem melhor do que a vida, como uma espécie de estado de graça desfrutado num mundo ultra-terreno.

Sou, infelizmente, dos que passam a vida nessa quotidiana e inglória tarefa de alinhar algarismos e, muito embora esteja consciente dos motivos da minha alienação, nem sempre consigo evitar uma subconsciente tendência para dissociar a arte e a vida. Tanto mais tratando-se de poesia, quanto a mim a arte em que o «mistério» da criação (lá vai mais uma!) e a sugestão da complexidade são mais profundos. E era de poesia que se tratava no tal artigo.

Justificada, como parece estar, a equívoca terminologia usada no meu artigo, não posso deixar de registar o facto do meu amigo e censor, tão rigoroso na apreciação de um despretensioso artiguinho de jornal, mostrar habitualmente uma excessiva condescendência para os desvários de tantos artistas modernos, encontrando explicação para as mais absurdas atitudes num mágico conceito de «modernidade».

Pois os grandes responsáveis do divórcio hoje existente entre a arte e a vida quotidiana não serão—além dos filósofos sistematizados de estados agudos de confusão mental — os próprios artistas cujas obras reflectem uma geral situação alienatória em que o produtor não domina a sua produção e, antes pelo contrário, é por ela dominado? E será justo exigir uma perfeita consciencialização do fenómeno da criação artística a quem só encontra na actividade profissional a mortificação do corpo e a ruína do espírito, ilibando ao mesmo tempo de toda a responsabilidade os que, podendo encontrar no seu labor uma total plenitude, se afundam em absurdos estados de angustia metafísica e ajudam a arruinar a consciência do homem comum?

Não é possível deixar de reconhecer que o artista, tal como o homem comum, é também vítima da brutal realidade quotidiana, mas não há duvida que as suas responsabilidades são bem maiores, porque ela deve possuir uma maior consciência dos problemas e dispõe de armas eficientes para modificar essa realidade. E apesar disso há mais de um século que grande parte dos artistas anda ensaiando os mais variados processos de evasão, desde os paraísos artificiais e as mediunicas comunicações com o inconsciente até chegar, por fim, a estabelecer um triste «modus vivendis» com uma realidade abjecta pela proclamação do estado de angustia como elemento fundamental da existência.

Longe de mim a ideia de pretender atribuir á generalidade dos artistas essa atitude confundida e nauseada perante a realidade, porque felizmente muitos são ainda aqueles cujas obras reflectem uma atitude lucida e corajosa perante os problemas da arte e da vida. Como também não pretendo ignorar a existência de uma outra importante tendência que consiste em considerar a arte como um simples devaneio e em ver no artista um indivíduo á margem da vida, um original ou mesmo um louco. Mas isto é já outra história que levaria muito tempo a ser contada e por agora estou sómente interessado em esclarecer o tal amigo acerca da minha posição ante o problema das relações da arte com a vida.

Oxalá estas considerações possam suscitar no amigo leitor a necessidade de equacionar para si este tão agudo e momentoso problema, porque se assim sucedesse teria certamente valido a pena este meu desabafo.

ALFREDO BRAS

A ARARA

Crónica de Vasconcelos Maia

Meu pai era caixeiro-viajante e, na volta duma excursão ao Rio São Francisco, trouxe a arara. Era novinha, braba, inquieta e, no começo, beliscava a gente por qualquer descuido. Mas mamãe conseguira domar os filhos, não lhe foi difícil também abrandar a arara. Tratou-a com muita doçura, sem faltar a energia no momento exacto e com pouco tempo, a arara vinha, cheia de fé, comer em sua mão. Retribuindo a confiança, mamãe, para espanto geral, libertou-a. A arara ficou mais de uma hora dentro do viveiro, olhando a porta aberta, como se duvidando de tamanha felicidade, como diante dalguma emboscada. Finalmente, saiu, bamboleante, cheirou o ar, deu um pulo, bateu asas e voou. Abrimos no choro dando-a por perdida. A arara voou por cima de alguns telhados, só viu telhados em baixo dela, voltou.

Daí por diante ficou solta, presa á verdura de nosso quintal, trepando pelos «ficus» beliscando a parreira, marinhando pela mangueira. Tornou-se, então, membro de nossa família.

Gostava de todos nós, mas sua preferência especial era pela mamã. Talvez por sabê-la a mãe. E quando a mamã passava, ela gritava de alegria, espadanando as asas, eriçando as penas. Ao papá atendia como filha obediente: dava-lhe o pé, acorria ao seu primeiro chamado, ouvia-o de cabeça baixa como uma caçula tímida. Aprendeu a chamar-nos pelos apelidos e quando escapulíamos do quintal, talvez por não querer perder nossa companhia, talvez imbuída pelos cuidados da mamã, punha-se a gritar:

— Tatáu! Passe para dentro, Tatáu! Carlitinho! Olhe o carro, menino!

E só se calava quando de novo nos via ao seu lado, mesmo embirrados pela sua delação:

— Arara xereta!

Era azul, amarela e verde, lindas penas, longas, brilhantes e limpas. Adorava mangas duras e verdes. Devastava a parreira. Quebrava galhos dos «ficus» e devorava cabos de vassouras descuidadas. Certa noite um ladrão imprudente achou de dar lá por casa. Mal pulou o quintal soaram estridentes gritos de alarme:

— Arara! Arara!

O ladrão tomou tamanho susto que até hoje deve estar correndo. A's vezes nós nos grenávamos com ela. E lhe fazíamos malvadez. Pensam que ela se intimidava? Pressentindo nossas más intenções, esperava-nos, os olhos injectados, a cabeça erguida, o bicão aberto. Numa dessas ocasiões quase arrancou o pedaço de meu dedo. Quando estávamos em boa maré, porém, embolava connosco em lutas de mentira, tomava tapas sem revidar, era boa companheira, substituia a irmã que não tivemos.

Ora, aconteceu que um amigo de papá, que morava no Rio de Janeiro veio passar a lua-de-mel na Baía. Papá lhe ofereceu uma feijoada e, durante o almoço, o amigo e a mulher se enxodozaram pela arara — que nessa época até almoçava em nossa mesa. Querendo ser amável, papá lhes pediu que escolhessem, de nossa casa, o presente de casamento. Esperou que se decidissem por alguma das muitas imagens de santo do nosso oratório ou alguma tela que tínhamos nas paredes. O amigo e a mulher resolveram pela arara.

Na manhã do embarque, o casal trouxe um carro para apanhar a arara. Ela gritou feito uma desesperada. Parecia, direitinho, mulher nervosa dando ataque. De nosso lado, chorámos também. Tivemos ódio de papá, de seu amigo que casara, da mulher dele. Mamã, com lágrimas nos olhos, mas fingindo compostura, tentou nos consolar:

— Não se importem. Seu pai na próxima viagem traz outra arara.

Não trouxe. Não teve tempo de fazer outra viagem.

N. da R. — Vasconcelos Maia, que hoje inicia a sua colaboração no Magazine do «Diário de Lisboa», é um dos grandes novelistas da jovem geração brasileira. Trinta e seis anos, cinco livros de ficção, dois prémios por jornalismo, o autor de «O cavalo e a rosa» e de «Histórias da Bahia» afirma-se também cronista sensível, irónico e humaníssimo.

a tolhia toda. A coisa porém parecia mais grave do que das outras vezes. Não cedia. O médico receitou uma droga que não havia no posto.

—Mas devia haver — atirou Skalton com azedume.

—A administração restringe os medicamentos aos que usamos em casos de acidente.

—Mas a vida de um mineiro é igual á de qualquer outro homem!

Skalton, vermelho de cólera, de punho erguido em frente da casa do médico gritava:

—Um mineiro é um homem, um mineiro é um homem.

O Silva pediu licença para ir á vila buscar o remédio.

—O que estavas a fazer?

—A peça do britador.

—Dá-me a tua ficha.

Nessa manhã não voltei a ver o director técnico da mina. Saí cedo. Tinha de inspeccionar a montagem dos novos condutores.

A' volta, na mesa da casa de jantar, encontrei uma carta, junto do meu prato. A Janette estava em casa do Silva. Rasguei o envelope. Um colega que estava desempregado a perguntar se na mina havia alguma vaga. Comi depressa. Como sempre depressa quando estou sózinho.

«Dezassete e dezassete, trinta e quatro». Trinta e quatro quilómetros... O Silva só estaria de volta lá para o meio da tarde. Três carros, três carros na garagem e de nada serviam. A estrada tinha dois palmos de neve de altura.

Fui a casa do Silva. As mulheres, á porta, agarravam-se á doença da pobre, desfibravam tudo, de pormenor em pormenor. Numa aldeia, onde nada acontece, até a dor dos outros serve de passatempo. Entrei. Chão de terra batida. Ao fundo, num quarto sem janela, separado do resto da casa por um tabique de linhagem caiada, contorcia-se a doente, numa cama de ferro.

—Está a tremer de frio. Mandei a Ana buscar cobertores — informou a Janette.

—Não vais almoçar?

—A Ana traz-me alguma coisa. Do outro lado, numa divisão também improvisada, ardiam algumas achas, numa lareira de pedra. O fumo raspava-me a garganta e enchia a casa de uma nevoa densa que esbatia os contornos das coisas.

A sereia tocou. Despedi-me da mulher que respondeu com um olhar agradecido. Mas porquê se nada tinha feito por ela?

Mr. Skalton estava na bicha dos operários, com o ar mais natural deste mundo, á espera de vez para entregar a ficha do Silva ao mestre da oficina e á tarde, quando precisei da rectificação de uns cálculos que só podia ser feita pelo engenheiro-chefe, fui encontrá-lo, na bancada do Silva a limar a engrenagem da mandibula do britador que se tinha partido na noite anterior.

Haendel

A morte da rinha Ana iria transformar-se em um problema para as classes dirigentes inglesas e também para Haendel, hóspede de honra da corte onde chegara em 1712, havia dois anos.

Ana festejara e acarinhara aquele filho de um obscuro barbeiro alemão que alcançara tão rapidamente as culminancias da fama, graças ao seu avassalador génio musical. Ninguém se podia manter alheio ás cascatas de notas que saltavam por entre aqueles dedos ágeis e fortes. Porque a musica de Haendel, ao contrário da do seu contemporaneo e compatriota Bach, era uma musica destinada a ser compreendida por todos: clara, alegre, mas cheia de dignidade. Musica á medida dos Ingleses, de um país que se estava transformando em um vasto e poderoso império.

Na sua pátria a voz ter-lhe-ia ficado abafada nas mesquinhas rivalidades provincianas, que eram o clima de uma Alemanha retalhada em estados. Mas a Inglaterra era uma ilha donde constantemente partiam naus para todo o Mundo. Porque tendo acabado de se libertar da Guerra da Sucessão e assinado a paz de Ultrecht, vira aumentada a extensão dos seus territórios e toda a América latina se tornara em um mercado de que a Inglaterra exigira o monopólio.

E' no centro deste novo Universo que Haendel se encontrava instalado como em sua casa, feliz por poder traduzir em musica essa alegria, essa glória e esse poder.

Mas agora que Ana morrera sem deixar descendentes, Haendel e toda a Inglaterra viviam um momento de perplexidade perante o futuro. Eram dois os possíveis herdeiros da coroa inglesa, um o bisneto de Jaime I, o protestante Jorge, eleitor do estado alemão de Hanover, outro o católico Jaime, irmão de Ana. Dois pretendentes apoiados por dois partidos, cujo ódio aumentara durante as lutas civis que tinham ensanguentado o reinado de Carlos I: os Tories, nobreza territorial, simpatizante do catolicismo, que apoiava o absolutismo real, e os Whigs, burgueses protestantes adeptos da tese da soberania da nação exercida pelo Parlamento.

Durante os ultimos anos do reinado de Ana, o ministério torie alimentara a esperança de preparar o caminho para a subida ao trono do pretendente católico. Mas a rainha morrera antes de ter sido amadurecido tal plano, e a lei votada anteriormente pelo Parlamento que excluia da sucessão o pretendente católico, entrara portanto em vigor.

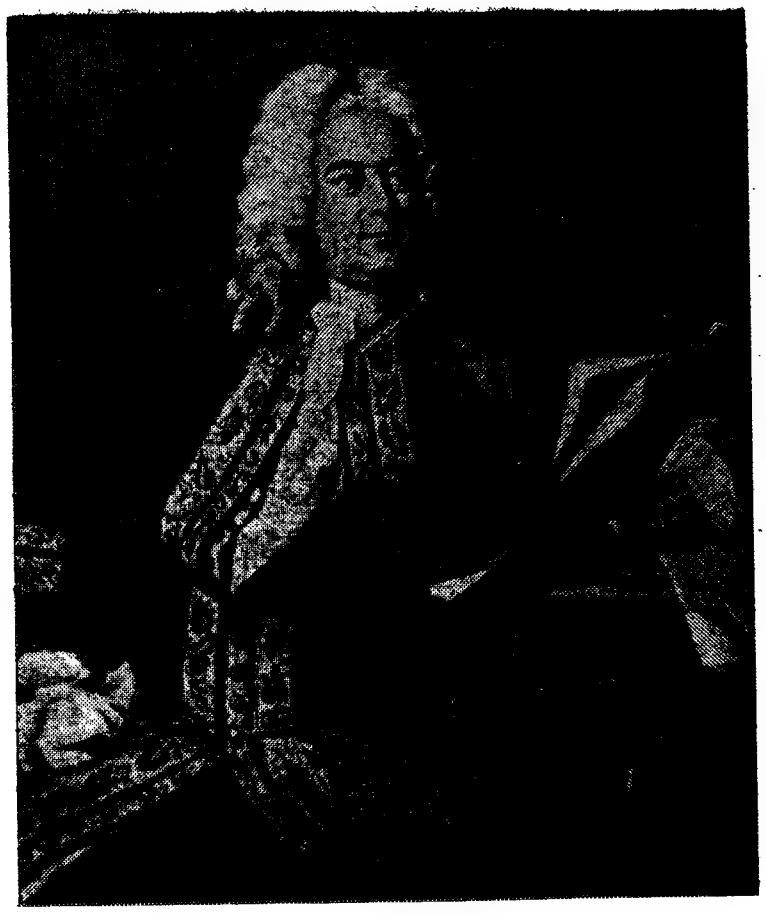
E então Haendel e a nação inglesa assistem ao desembarque de um gordo rei importado da Alemanha, indiferente aos problemas da ilha que herdara do seu longínquo bisavô. Por isso não pôde aceitar que um seu compatriota haja trocado a boa cerveja alemã por um nevoeiro de cortar á faca.

Assim Haendel, privado do favor do novo rei, acolhe-se ao castelo de um seu admirador, o conde de Carnavon. Depois, passado algum tempo, tenta viver independente, fundando, sem êxito, um novo teatro de ópera. Mas nem a bancarrota que se segue nem a campanha de difamação com que procuram atingi-lo, tem efeitos desastrosos sobre a sua criação musical. Haendel era um lutador e no período mais crítico da sua vida, já doente e crivado de dívidas, consegue compor a maior das suas obras, a oratória «Messias». Pois não é lícito pôr em duvida que embora a sua musica de camara seja grandiosa, é na musica dramática de teatro e concerto, e principalmente nas oratórias que melhor podemos apreciar-lhe o génio. A oratória é uma obra musico-dramática, escrita sobre um assunto mitológico (Hércules, Assis e Galateia), ou de preferência bíblico (Messias, Sansão, A filha de Jefté).

A apresentação em Dublin do seu Messias, escrito em três semanas, é uma apoteose. O valor é-lhe definitivamente reconhecido, e o novo rei Jorge II a chamá-lo á corte. É a glória e a fortuna que regressam.

E quando em 1759 morre cego e com 74 anos, toda a Inglaterra chora a sua morte como se houvesse sido a de um seu filho.

POR
MARIA JOSÉ MARINHO



Nova biografia de van Gogh

Lawrence e Elisabeth Hanson, tão conhecidos já pelas excelentes biografias que têm criado, lançaram mãos de um espinhoso empreendimento literário: a vida de Van Gogh. Na realidade, depois de tantas lendas que se teceram em torno do grande artista, uma nova biografia sua era tarefa altamente difícil. Repetir lugares comuns, temperando um pouco mais os momentos trágicos da vida do pintor?

O que o casal Hanson fez foi exactamente o contrário: daí a novidade que representa a sua obra sobre Van Gogh — obra objectiva em que, despida de fantasias inuteis, a existência do genial artista ainda mais sobressai, na plenitude de todo o seu humano significado.

VAN GOGH — de Lawrence e Elisabeth Hanson vai ser lançado dentro de dias pela Editorial Aster, com uma apresentação que verdadeiramente honra as nossas artes gráficas.

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL

O PAÍS INATINGIVEL

por K. R. Roques

IX

DIA de luta na mina. Morreu o Virgílio um mineiro de Alfarela. Era novo mas tinha sempre a boca mordida por um sorriso amargo.

Isto de sentir gelar um corpo perto de nós, de ver tornarem-se vítreos uns olhos que foram brilhantes, custa, caramba.

Quis despedir-se de todos os companheiros. Um a um os homens entravam, de cabeça baixa. Ainda há quem diga que os mineiros são brutais, que são empedrenidos? Vi muitos rostos marcados pelo brilho das lágrimas. Lágrimas sem gritos, lágrimas de espanto. Se o Sousa cá estivesse, caíria de borco a soluçar Ensinou-o a ler, tirou-o da taberna, fez dele um homem consciente.

Custou-me a vencer o pavor que se apodera de mim quando enfrento a morte.

Foi o Salvador quem me veio buscar.

Levantei-me a custo do «maple», inventei uma série de pequenos trabalhos para ganhar tempo Decididamente, não queria voltar a despedir-me do Virgílio. Procurei, na gaveta da secretaria, um apontamento. Enervei-me por não o encontrar. A certa altura o Salvador olhou-me repreensivo.

—Ele está nas ultimas, senhor engenheiro.

—Pus a samarra ás costas. A Janette disse-me angustiada:

—Vou contigo.

—Saímos. A Janette segurava-me o braço, com força e o seu corpo, colava-se ao meu. Desejo de protecção. Subimos um atalho que ligava as nossas casas á estrada da mina. Frio, um frio horrível. Ouvia-se o ruido surdo dos «trommers» e o mastigar dos trituradores. «Preciso dar umas explicações ao Mota por causa das transmissões». Procurava convencer-me a mim próprio da necessidade absoluta da minha presença na oficina de tratamento. Alarguei os passos e tomei a direcção da mina. No rosto da Janette um ar de reprovação... O mesmo que vira nos olhos do Salvador. As torres cinzentas dos monta-cargas, batidas pelo reflexo da luz, recortavam-se ntidas no espaço. Fumo nas chaminés. Sempre o mesmo fumo áspero, penetrante.

Entrei na oficina, perguntei, pelo Mota. Não estava. O contra-mestre aproximou-se de mim:

—Foi ver o Virgílio.

Parti como um lobo acossado. «Cobarde, cobarde, cobarde». Acusava-me e parecia-me ouvir o eco das palavras que nem sequer tinha pronunciado. O Virgílio poucas horas teria de vida. Na tarde tinha-me pedido que não o deixasse morrer. Cravou os dedos descarnados no meu braço. Tal como um náufrago agarrado á esperança de uma bóia. Roeu-me o apego que ainda tinha ao Mundo, doeu-me a minha impotência. Depois serenou. Um a um os companheiros entravam no quarto. Quis saber do Rua. Menti-lhe, dizendo que estava de folga. Não, não consenti que o Rua viesse vê-lo.

—Ele já lê bem?

—Respondi-lhe «que sim». Sorriu. Apavorei-me. Sorrir perante a morte...

«Chegarei a vê-lo com vida»? Este pensamento matou-me todo o egoismo, matou-me toda a cobardia. Retardar a chegada... Não, era necessário não perder um momento.

—Cortamos pelo souto da Escola.

—É mau caminho para a Senhora — disse o Salvador.

—Não faz mal — respondeu a Janette.

Depois olhou para mim e apertou-me o braço. Agora já não era um corpo a pedir protecção. Olhava-me. Um olhar bondoso e enternecido. Passei-lhe a mão pelo rosto. A Janette é assim: as suas reacções são um espelho das minhas.

Entramos na aldeia. Nem uma porta aberta, nem uma janela com luz. Chão aos altos e baixos. Aqui uma pedra, um obstáculo que os homens não quiseram vencer, a dez passos um sulco profundo onde a água corre. Depois as casas afunilam-se e outra ruela parte. Atravessamos a ponte. A casa do Virgílio ficava do outro lado. Um candeeiro deitava para baixo uma lambuzadela de luz amarelada.

—«Sim, o médico fez tudo por ele.

—Mas...

—Ia dizer-lhe que não tivesse esperanças e não fui capaz.

—Estás cansada?

Fez um sinal, com a cabeça, para dizer «não».

Voltamos pela quelha do mercado. Um rumor vago se ouvia. Aproximamo-nos e o rumor ganhou uma força amarga. Gritos de mulheres, soluços. Arripiaram aqueles gritos. Indignei-me. Nunca fui capaz de exteriorizar a dor. Atributo de um ser complicado. Recalco, recalco e as crises vêm depois.

A' entrada a mãe do Virgílio abraçou-se a mim:

—Ai a minha desgraça, senhor engenheiro, fico sem amparo.

Odiei a velha; não chorava pelo filho e sim a falta que lhe faria. Sou um animal impulsivo, de reflexos instantaneos e muitas vezes me arrependo dos meus juizos. Vistas bem as coisas todos nós choramos os mortos tendo em conta o egoismo.

O médico estava á cabeceira do doente. Tomava-lhe o pulso. Momentos depois levantou-se e veio ter comigo.

—Então? — perguntei a medo.

—Está-se a acabar. Uma pneumonia com complicações. O organismo estava enfraquecido, não havia reservas.

Encolheu os ombros como que a explicar a sua impotência perante a morte, despediu-se. Fui sentar-me no lugar deixado pelo médico. Pelo movimento da manta que tapava o pobre, via quanto penoso lhe era respirar. Instintivamente levantei um pouco da roupa. Teve a impressão que o seu peso lhe cumprimia o peito. Olhei-lhe as unhas. Roxas, estavam

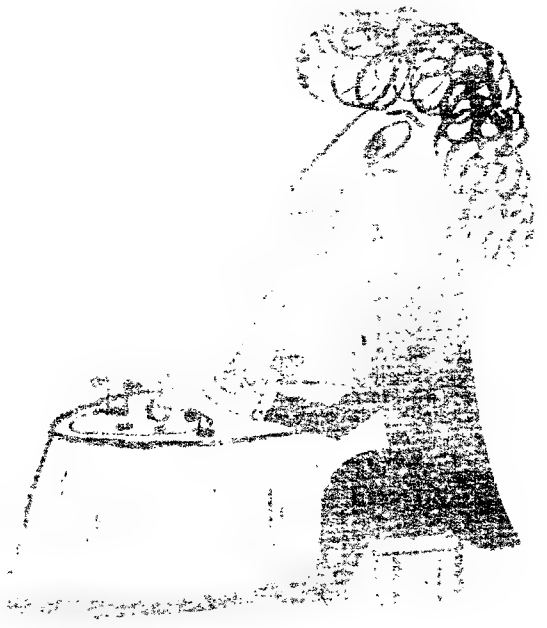
O maestro era sinaleiro a bordo

O despenteado

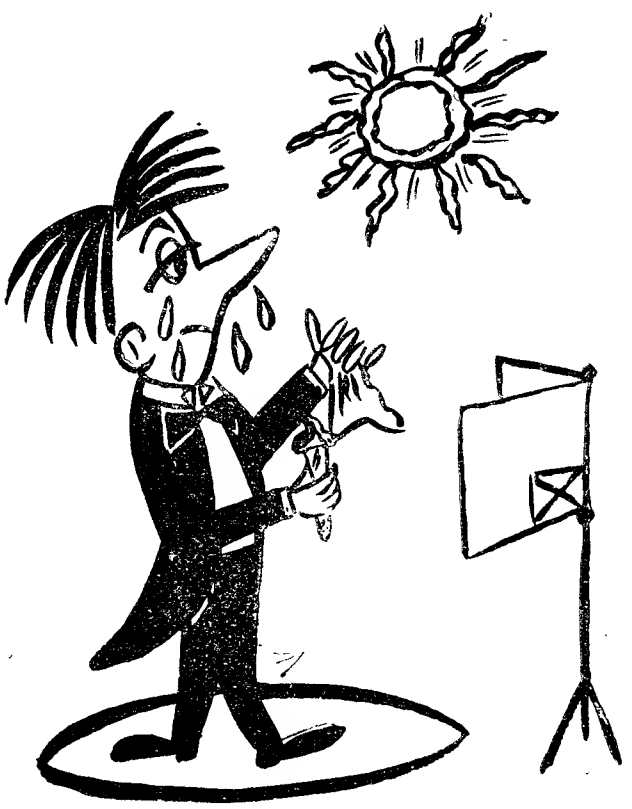
Dança ritual do fogo

Prelúdio de uma gota de água

Abertura da Carmen



O almoço do maestro



Sinfonia em sol

O Barbeiro de Sevilha

O maestro chinês

Um Estudante Português em Israel – 6

[illegible]

Se a Biblia é o livro de Deus e como tal propriedade do Mundo, os Israelitas não podem deixar de a considerar como o seu livro, pois muitos dos episódios referidos nos textos sagrados, desenrolaram-se na terra que diáriamente pisam e são relatados na língua que usam.

Para os Judeus, a Biblia, é uma espécie de árvore genealógica de Israel. Mas é mais. E' um verdadeiro tratado de ética, um livro de ciências naturais e sobrenaturais, um preceituário de normas a seguir nas mais variadas circunstancias. Na Bíblia encontram explicação e justificação muitos factos da vida do povo de Israel no plano individual, colectivo ou nacional. Foi seguindo a Biblia que se fizeram sensacionais descobertas arqueológicas. E empunhando a Biblia que os generais desenvolvem operações militares e que os cientistas orientam prospecções de minérios no deserto. Orientados pela Bíblia, fazem as crianças israelitas excursões pelo país, para estudar a sua história e geografia. E seria ainda a Bíblia o melhor guia ao dispor dos turistas em visita a Israel.

A influência da Bíblia na vida cultural

Também no domínio da cultura e das manifestações do espírito, a Bíblia tem, como não poderia deixar de ser, exercido a sua influência. A literatura, o teatro, o próprio folclore, têm durante estes primeiros 10 anos da infancia de Israel, procurado muitos dos seus motivos fundamentais nos livros santos.

A lingua do país, o hebreu, durante muitos séculos utilizada apenas na literatura sagrada, ressuscitou ao mesmo tempo que o próprio Estado, sofreu a transformação necessária á sua utilização corrente no século XX, e constitui hoje, assim actualizada, um elemento renovador e personalizador da literatura israelita. Em Israel, publicam-se actualmente 1.200 livros por ano, dos quais 75 % em obras originais e os restantes em tradução, o que é, em proporção com a população do estado, um dos índices mais elevados do Mundo. Nas cidades, as livrarias, em numero muito elevado, contrastam com o reduzido numero de «cafés», e, fora das horas normais de trabalho, estão repletas de gente.

O horário de trabalho normal em Israel, entre as 7 e 14 horas, deixa ao Judeu a tarde completamente livre e muitos deles podem dedicar esse tempo á leitura, a qualquer passatempo instrutivo, ou a uma simples ida ao cinema (em Israel a frequência dos cinemas em relação ao numero de habitantes é a maior do Mundo).

A imprensa publica 14 diários em hebreu, sete em inglês, alemão, francês, hungaro e árabe e ainda 8 periódicos trissemanais em bulgaro, romeno, polaco e yiddish. A publicação de tantos jornais em línguas estrangeiras, justifica-se na medida em que o hebreu não é ainda de uso total, entre alguns velhos emigrantes e em que se pretende também satisfazer os recém-chegados ainda não familiarizados com a língua. No cabeçalho dos jornais assinalam-se duas e por vezes três datas, segundo os calendários gregoriano, hebraico e muçulmano. Em Israel, é contudo oficialmente adoptado o calendário hebraico, em que os anos têm 12 meses lunares, com duração de 29 ou 30 dias, sendo intercalado todos os 3 anos um 13.° mês com o fim de não deslocar muito as festas móveis.

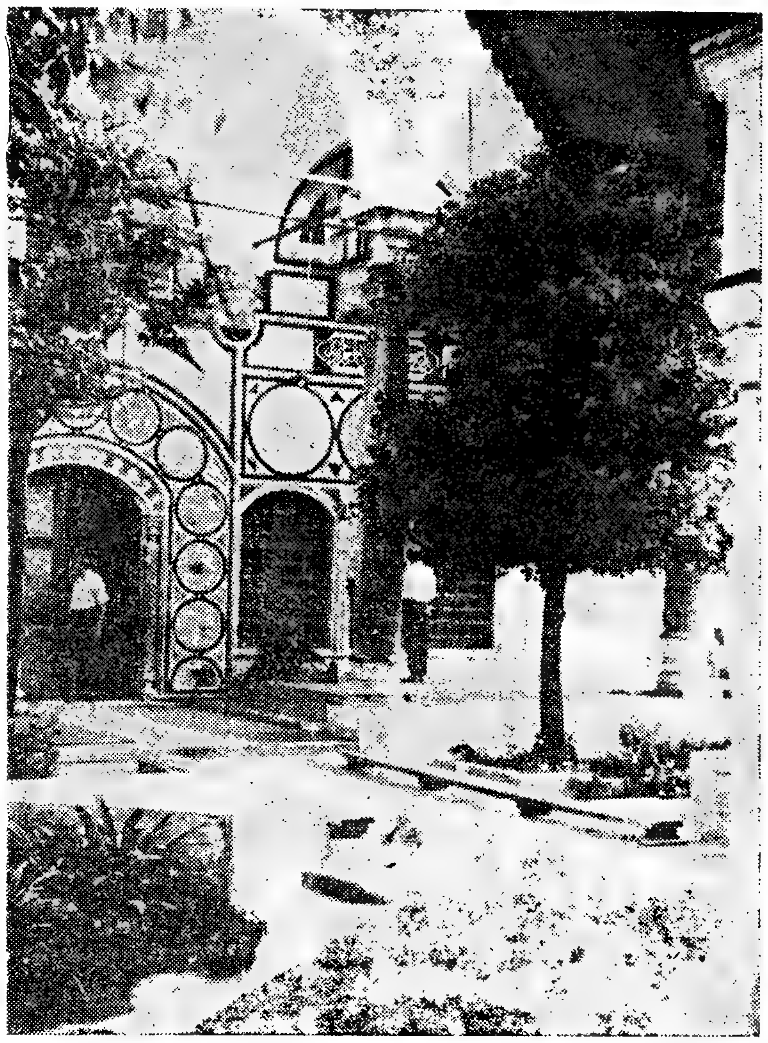
O estimulo às actividades do espirito

Apesar de toda a referida influência bíblica nas manifestações artísticas, as artes plásticas têm no entanto sofrido marcada influência europeia, sendo alguns artistas israelitas bem conhecidos no estrangeiro. O Governo protege e estimula o desenvolvimento das manifestações artísticas, assegurando aos artistas israelitas representação em certames internacionais, e subvencionando fundações e agremiações para o desenvolvimento da arte. A imensa colónia de artistas que ocupa todo um bairro de cidade de *Sefad* na Galileia, autêntico *atelier* exposição da arte de Israel, ou a pequena vila de *Ein-Hod*, onde o mais pobre dos artistas tem livre acesso, enquanto ao mais poderoso milionário não artista, não é permitido fixar residência, são testemunhos flagrantes da referida protecção governamental.

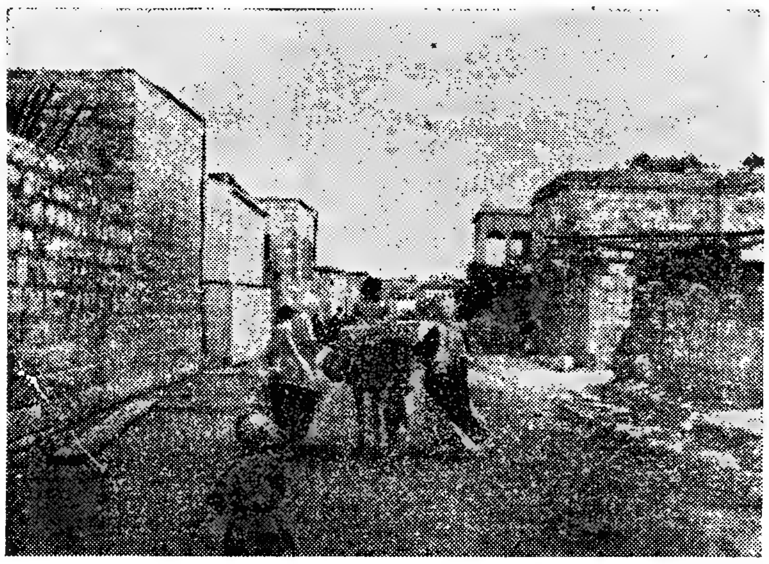
Pode afirmar-se de um modo geral que, embora não tenha tido ainda tempo nestes 10 anos de vida de afirmar personalidade própria no domínio das artes, Israel caminha decididamente nesse sentido e reune recursos para o fazer. Na base do actual desenvolvimento cultural e sobretudo dos elevados índices de consumo de «alimento do espírito», que caracterizam Israel, está o seu alto nível mental, a que não são estranhos o considerável numero de intelectuais incluidos entre os primeiros imigrantes a chegar a Israel e a excelente organização estadual da cultura nacional, desde os jardins de infancia, em que se seguem os mais modernos métodos pedagógicos, até ás Universidades, em que a preparação dos diplomados é especialmente cuidada.

A Universidade Hebraica, inaugurada em 1925 para satisfazer os desejos dos imigrantes, que já então afluiam á Palestina, e que é a melhor instalação do género em todo o Médio Oriente, não serve hoje a um unico estudante. Situada no Monte Scopus em Jerusalém, encontrava-se cercada por tropas árabes, quando da celebração do armistício de 1949 e de acordo com as cláusulas celebradas, embora situada em enclave israelita, não pôde ser utilizada, nem coisa alguma pôde ser retirada dos seus arquivos, bibliotecas ou laboratórios. A' Universidade e a um moderno hospital situado igualmente no enclave, e também paralisado, apenas tem acesso um comboio da polícia israelita, que quinzenalmente atravessa o território jordanó sob fiscalização dos efectivos da O. N. U., para render uma pequena guarnição e transportar os necessários mantimentos.

Nos ultimos dez anos, novas instalações universitárias se ergueram no sector israelita de Jerusalém e progressivamente se foi equipando uma Universidade, a escassos quilómetros de outra, completamente apetrechada, mas inutilizável. Além desta cidade existem em Tel-Aviv numerosos Institutos Universitários e em Haifa situa-se uma moderna escola de engenharia, o «Technion» a que Israel deve grande parte dos seus progressos no campo da técnica.



A mesquita de S. João de Acre recentemente restaurada



Aspecto bíblico da vila druza de Daliya

Os lugares santos

Ao falar da Bíblia e da sua influência na estruturação dos valores morais e materiais do Estado Judeu, referia-me evidentemente ao Antigo Testamento. Também o Novo Testamento tem no entanto, em Israel, inumeros lugares que evocam e recordam importantes episódios da vida de Jesus. Estes lugares são pontos de peregrinação de toda a Cristandade e não é sem uma emoção muito especial que se visitam. Causa até certa estranheza que muitos nomes vivos no nosso espírito, por sugestão das leituras da Bíblia, como que cercados por uma atmosfera de lenda, apareçam assim ante a nossa contemplação, palpáveis e reais. Não se pode evitar certa emoção quando se é conduzido em visita a lugares como Nazaré, á habitação onde Jesus viveu a maior parte da sua vida, á sinagoga onde ensinava, á oficina de S. José carpinteiro ou ao local onde o Anjo anunciou a Maria o nascimento de Jesus. E mais tarde, ao lermos os Evangelhos, não podemos deixar de sentir qualquer coisa de especial, quando, em relação aos locais neles referidos, se pode dizer: «Já lá estive».

Os lugares santos do Cristianismo em Israel estão em geral entregues a ordens religiosas, que os administram. Os católicos, romanos e gregos, dividem entre si esses lugares, pertencendo a grande maioria aos primeiros, que os confiam na maior parte dos casos á «Custódia Franciscana na Terra Santa».

Por vezes a tradição não transmitiu, com suficiente precisão, até aos dias de hoje, os exactos locais de alguns acontecimentos relacionados com a vida de Jesus, e chega a acontecer até que mais que uma comunidade religiosa reclama para si o direito da sua posse no sítio em que fez erguer um templo ou convento. Isto acontece, por exemplo, em Caná de Galileia, onde se erguem duas igrejas, uma grega, outra de Franciscanos, ambas pretendendo ocupar o legítimo local onde se deu o primeiro milagre de Jesus. Esta imprecisão, em certos casos, não pode, contudo, deixar de se considerar natural, se se atender ás vicissitudes a que esteve sujeita a Palestina nos ultimos 2000 anos e ao limitado lapso de tempo em que permanceu na posse dos cristãos. A exacta localização destes lugares, porém, não é o mais importante, nem certamente aquilo que os que vão em peregrinação á Terra Santa procuram.

No lago de Tiberíades

Depois da visita a Nazaré e Caná, encaminhei-me para as margens do mar da Galileia, ou lago de Tiberíades, descendo agora pela segunda vez, desde que estou em Israel, abaixo do nível do mar. Nas margens deste lago situam-se muitos dos lugares que conheceram a Jesus e viram os seus milagres, e desde Tiberíades, que provávelmente seria a terra natal de S. Pedro, até Cafarnaum na margem norte do lago, tudo nos recorda Cristo.

Tive a fortuna de fazer este percurso na companhia de um franciscano espanhol, que, muito culto e conhecedor da história da região, me guiou numa viagem através dos tempos, até á época em que Jesus Cristo pregava por aquelas paragens.

Em *Tabgha*, lugar da multiplicação dos pães e dos peixes, vêem-se, defronte do extenso campo onde outrora descansou a multidão que seguia Jesus, antiquíssimos mosaicos bizantinos, os mais belos de Israel, que reproduzem a fauna e a flora do lago. Perto, o Monte das Beatitudes. Um pouco abaixo, junto ao lago, uma região onde foi possível identificar, de acordo com velhos documentos recentemente encontrados em Itália, numerosos locais relacionados com a vida de Jesus. Aqui, Cristo andou sobre as águas e um pouco mais adiante efectuou-se a pesca milagrosa. Sigo agora para Cafarnaum. Na quietitude desta região, agora quase deserta, tudo evoca a vida de Cristo. «A cura do centurião», «Jesus acalma a tempestade» e tantos outros milagres aqui tiveram lugar. Na margem oposta do lago, as montanhas sírias erguem-se majestosas e lembram-nos o perigo permanente, que não muito longe nos ameaça. A passagem além de Cafarnaum, situada já muito próximo da fronteira, ou a aproximação em barco da costa síria são pouco prudentes e mais de um turista pouco avisado tem sido alvejado ou raptado nestas paragens por patrulhas sírias.

Além dos lugares santos da Galileia, visitei ainda, próximo de Jerusalém, *Ein-Karem*, a cidade de Judá que a Bíblia refere, terra natal de S. João Baptista, onde se encontra a gruta em que o profeta nasceu e a igreja da visitação, no local da casa em que Maria visitou sua prima Isabel.

A mais santa cidade da Terra Santa

Mas é ainda a vetusta Jerusalém, a cidade que em todo Israel mais deslumbra o visitante. «Há dez medidas de beleza no Universo. Nove pertencem a Jerusalém e uma ao resto do Mundo» — dizem os Salmos e, entendido o seu significado simbólico, os velhos textos têm razão. E ainda que os vestígios mais importantes da grandeza e glória de Jerusalém estejam na parte jordana, e que só nos seja possível a sua contemplação através de uma artificiosa fronteira de arame farpado que os homens ergueram, a proximidade do património espiritual que a velha cidade recorda extasia-nos. E essa fascinação é de tal ordem que, tendo estado dois dias em Jerusalém, tempo mais que suficiente para uma primeira visita a tudo quanto merece ser visto no sector israelita, não pude deixar de voltar á mais santa cidade da Terra Santa, antes de abandonar Israel.

Na Jerusalém israelita, situa-se como lugar santo mais importante, no Monte Sião, o Cenáculo, lugar da ultima ceia, cujo acesso até á independência de Israel só era permitido aos cristão uma vez por ano e que hoje pode ser visitado com uma simples autorização fácil de obter das autoridades militares. Do Monte Sião, contempla-se o sector jordano e apercebem-se com clareza o Calvário e o Monte das Oliveiras. Doutro ponto da cidade divisam-se nítidamente Belém e a igreja da Natividade, mas a nenhum destes lugares se pode chegar sem deixar Israel. Quis assim o destino que os locais do nascimento e morte de Cristo, ficassem fora dos limites do país, que conserva a maioria dos lugares santos que evocam a sua vida.

Isto faz-nos pensar quão insensata e bizarra é a divisão da Palestina. E entristece-nos profundamente a ideia de que na margem oposta do mar da Galileia, ou a poucas dezenas de metros do Cenáculo, fica também Terra Santa, mas terra inimiga de Israel, e que, por lá também Jesus Cristo andou pregando a sua doutrina de amor e justiça, neste território hoje dividido, em que os homens da nossa era se declararam odienta guerra.

LUIS EUGÉNIO VEIGA DA CUNHA

Melhoramentos

Em Santa Comba Dão

SANTA COMBA DÃO, 7 — Foram a Lisboa, para tratar de vários assuntos de interesse para o concelho, dependentes dos Ministérios da Justiça, das Obras Publicas e da Educação, os srs. dr. Joaquim Ribeiro Estêvão de Faria, Ernesto Marques Moura e José Alves Branquinho, respectivamente, presidente, vice-presidente e vereador do Município.

Os assuntos a tratar são: no primeiro daqueles Ministérios, construção do Palácio da Justiça, cujo projecto já foi entregue ao respectivo ministro, das casas dos magistrados e das cadeias comarcãs; no das Obras Publicas, a urbanização do Largo do Município; e no da Educação, sobre escolas primárias; e ainda junto da Direcção dos Serviços Eléctricos dos processos de electrificação dos lugares de Naguela e Serrado.

No Cercal

CERCAL (Cadaval), 7 — A Direcção das Estradas do Distrito de Lisboa, satisfazendo o pedido da Junta de Freguesia, vai completar a cobertura do lavadouro publico existente junto do chafariz, e proceder a obras de conservação, escoamento de águas, etc., aspiração há muito desejada pela população local. O chafariz foi construido no século XVII, quando da construção da Estrada Nacional Lisboa-Porto e inaugurado em 1788, no reinado de D. Maria I, sendo inspector do Terreiro de Lisboa o conde de Valadares, como é indicado numa lápida existente no chafariz, o qual ficará como monumento e atracção turística.

Leiam o jornal humoristico

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Crime planeado no subconsciente

Texto integral
do conto de
Michael Hervey

—AS circunstancias favoreceram-me, realmente — admitia o professor, que tirara os óculos e ia falando —. Mas só até certo ponto, o que não bastou, pois, de outro modo, teria sido um crime perfeito!

Enquanto limpava os vidros com o lenço, o guarda disfarçou um bocejo, pensando de si para si, ao sabor da longa experiência: — «Estes intelectuais são todos os mesmos. Quando cometem um assassínio, é sempre um crime perfeito. E o mais engraçado é serem os *crimes perfeitos* os primeiros que se descobrem. Geralmente, são os crimes de acaso, não premeditados, que ficam sem solução».

Tornando a pôr os óculos, o professor continuou:

— Foi, de facto, pouca sorte o ter sido apanhado como fui! Você mesmo deve concordar.

— Pois claro! — respondeu o guarda, ensonado.

— A verdade é que sempre tenho tido pouca sorte! — suspirou o professor —. Na escolha da profissão e da mulher com quem casei, como em tudo, de resto, e, em especial no julgamento, fui infeliz! Tenho a certeza de o juri me ser favorável, até á altura em que o magistrado começou a resumir o caso. Depois — você sabe como as coisas se passaram —: ordenou-lhe, por assim dizer, que me declarasse culpado —: «O mais horrível, o mais revoltante dos crimes premeditados e friamente executados — disse o juiz — «e ainda mais revoltante por ter sido cometido por um homem culto!» — Por mim não vejo em que fosse horrível ou revoltante!...

...Muitos homens também mataram as suas mulheres e com muito menos razão. Eu, pelo menos, tinha a meu favor todos os motivos para liquidá-la. Mas é falso que o crime haja sido premeditado! Nunca isso me passou pela cabeça! Nunca! Bem! o caso já não importa! O facto é que a matei; e, nem mesmo agora, posso dizer que esteja arrependido. Se alguma mulher mereceu esse castigo foi ela...

...Dizem que a pena é mais poderosa que a espada, mas a língua de uma mulher prelava-as a ambas. E a dela era muito mais afiada do que qualquer espada... O pateta do juiz é solteiro, claro!, pois de outra maneira, não teria feito observações tão destrambelhadas sobre o casamento em geral: —: «Todas as mulheres ralham com os maridos, uma vez ou outra» — sentenciou o professor, imitando o juiz —, «mas sómente um bruto, muito ordinário, recorreria á violência do assassínio para as fazer calar»—. Só um tolo poderia falar dessa maneira. Que sabe ele destas coisas? Que pode ele saber de Sofia e das suas constantes provocações que me punham louco? Só vendo se poderia acreditar na sua língua maldita! E isto todos os dias, invariávelmente, sem nunca parar! Digo-lhe que era o bastante para um homem endoidecer: desde manhã até o deitar, sempre aquela língua a martelar-me os ouvidos e a esfacelar-me os nervos!... Um homem só tem capacidade para suportar até certo ponto; mais não...

...Um dia a minha paciência esgotou-se e bati-lhe. Só quando a névoa se evaporou dos meus olhos compreendi que lhe dera com o martelo que tinha na mão. O juiz disse que eu a procurara com o martelo, deliberadamente, matando-a á martelada. Mas não foi assim. Começava a abrir um caixote que chegara com livros, quando ela foi implicar comigo... O martelo era apenas para abrir o caixote... Aconteceu, contudo, que o Destino ordenou as coisas de maneira diferente. Não senti remorsos quando a vi prostrada, mas piedade é uma sensação de alivio. Era a primeira vez, desde há muitos anos, que tinha a língua parada! Parece que devia ficar alarmado, tomado de susto, pela enormidade do meu crime. Ao contrário, porém, nunca me senti tão calmo e senhor de mim em toda a minha vida!...

...Havia pouco tempo que nos tínhamos mudado para aquela casa, onde deixaram um saco de cal na cave. Ora, eu sou professor de Física, com escassos conhecimentos da Anatomia, Fisiologia e coisas assim. Mas não ignorava que a cal tem a propriedade de destruir a carne... Foi obra de momentos arrastá-la para a cave, fazer uma cova e...

*

Aqui interveio o guarda:

— Pode passar em claro sobre os pormenores. A modos que tenho estomago fraco...

O professor anuiu, com um encolher de ombros:

— Seja como quiser... Em todo o caso, não compreendo como há gente tão sensivel a estas coisas... Mas, como ia dizendo, de manhã nada mais restava de Sofia além do esqueleto. O magistrado e o juri não podiam atinar com a razão de eu ter tido esse trabalho, quando podia simplesmente tê-la enterrado na cave. Pois isso seria uma maneira muito rudimentar de fazer desaparecer o corpo de delito, verdadeiramente como procederia um amador, e o meu plano...

O guarda tornou a intervir:

— Se não me engano, disse-me que não premeditara o crime!

O professor retorquiu, com ar impaciente:

— Claro que não houve premeditação! O plano a que me refiro acudiu ao meu espírito quando me precipitei para ela empunhando o martelo. E' muito difícil, bem sei, acreditar que um plano tão perfeitamente arquitectado surja assim de repente! Mas talvez o subconsciente interviesse em tudo isso. Se você tivesse estudado Psicologia, talvez compreendesse o que quero dizer. O subconsciente devia ter-me despertado, muitas vezes, o desejo da sua morte, que, naturalmente, a razão suprimia. Isso, contudo, não impedia que o subconsciente planeasse com antecedência. Aqui está explicado como o meu plano se desenhou nítido no próprio momento em que o nevoeiro se me varreu dos olhos. Tudo isto tentei explicar no Tribunal, mas esses idiotas, cegos e ignorantes, limitaram-se a rir... O resto deve ter lido nos jornais...

...Meti o esqueleto num cesto e, como de costume, dirigi-me para a Universidade, depois de ter telefonado para todos os hospitais e esquadras da Policia, a perguntar se tinham noticias de Sofia e dando-lhes a entender que ela saira na noite anterior e não voltara.

*

Muito pálido e a gaguejar, o guarda inquiriu:

— Então, o doutor não levou consigo o esqueleto para a Universidade?

— Evidentemente que levei! — afirmou o professor—, pois isso fazia parte do meu plano. Compreende? Na Universidade há uma grande secção de Anatomia, com centenas de esqueletos espalhados pelas doze salas de estudo! Compreende melhor?

Desta vez o guarda não disse uma palavra e apenas acenou afirmativamente com a cabeça.

— Pois havia lá — repetiu o professor — centenas de esqueletos, pendentes de ganchos, encerrados em caixas de vidro, encostados ás paredes, por toda a parte, enfim. São para os rapazes estudarem... Centenas deles... caixas cheias. Sim! até caixas cheias deles! E que melhor lugar podia uma pessoa descobrir para esconder um esqueleto? Quem iria dar por esse no meio de tantos? Nessa tarde, demorei-me de propósito, a pretexto de uns trabalhos que tinha de acabar. Quando escureceu o suficiente para o fim em vista, entrei na Secção Anatómica e lá deixei a minha oferta á Universidade...

...Aconteceu, entretanto, ter chegado, nessa manhã, uma enorme caiva com mais esqueletos, havendo em cima de uma das mesas cinco ou seis que os estudantes lá tinham colocado. O de Sofia ficou no meio desses. Nessa noite tive até um sonho divertido: via o meu amigo e colega da Secção de Fisiologia numa das suas habituais prelecções aos alunos, utilizando o esqueleto de Sofia na demonstração prática. E, no meio da prelecção, Sofia interrompeu-o, a contradizê-lo. Acordei a rir, tomei o pequeno almoço com apetite e, como de costume, fui para a Universidade. Preparava-me para almoçar quando me prenderam...

O guarda escutava, mudo de assombro, e o cientista rematou com a explicação do malogro do seu plano:

— Quer você saber? Os esqueletos daquela caixa eram de antropóides, o mesmo que macacos. Está a compreender? Ora, como é que eu, professor de Física, havia de dar pela diferença, se para mim um esquelto é parecido com outro esqueleto?!

«Anuário da Província de Moçambique»

Saiu o volume do «Anuário da Província de Moçambique (41.ª edição), referente a 1958. Editado pela firma A. W. Byly & C.ª, Lda., de Lourenço Marques, contém larga e pormenorizada informação oficial, comercial, geográfica e histórica, abrangendo todos os distritos daquela província ultramarina, de muito interesse não só para o comércio e a industria, como também de utilidade geral.

«Boletim Mensal da Sociedade da Lingua Portuguesa»

Foi publicado o n.º 2 do «Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa», de que é director o sr. Raul Machado. Este numero inclui colaboração dos srs. drs. José Pedro Machado, Irondino Teixeira de Aguilar, Alexandre de Carvalho Costa, Tavares Guimarães e A. Vieira Novo.

TEMAS DA HISTÓRIA MEDIEVAL

A «Santa Vehme»

«P'ra fugir da cruel melancolia que a estragada cabeça me atropela...» — como diria o nosso Tolentino. — mergulho por vezes na leitura, ao acaso, de um daqueles velhos livros que já ninguém lê, mas onde não poucas e *desvairadas* coisas vou sempre aprendendo, — algumas delas novidades reais, inverosimeis mas que tiveram a sua hora de eficiência, como tudo o que foi vivo: é um pequeno volume que um dia pescara não sei já em que alfarrabista ferro-velho, de entre obsoleta papelada vária com a qual as baratas e bicharada congénere já iam entrando: os «Analles de l'Empire de Charlemagne» que para *madame la Duchesse de Saxe-Ghota* expressamente compusera aquele que, na carta dedicatória final, datada de Colmar, 8 de Março de 1751, se assinava *le très-humble et très-obésante serviteur:* Voltaire.

Onde quer pois que calhe a abri-lo, o dito alfarrábio é sempre uma delícia espiritual, pela arte do escritor, jornalista cintilante sem deixar de ser sempre substanciosamente exacto, — salvo, claro, num ou outro ponto em que o rigor da erudição falha, pela natural relatividade de que o conhecimento histórico padece... Mas o espírito *de finesse*, que pesa os factos e os situa no panorama, esse é sempre do mais compreensivo e do mais justo, e isto, sem ter envelhecido na sua sintética expressão verbal que é sempre uma maravilha... Leia-o quem não quiser acreditar-me e terá a prova. E' fácil maldizer Voltaire, mas não é difícil reconhecer que ele é de facto... quem foi. O quase milénio (desde 742 até 1648) — contendo *o maior teatro da Europa* —, para o tornar mais util *aux jeunes gens*, ajudando-os a reterem nomes e datas que escapam quase sempre á memória, condensara-o o autor numa centena de *versos técnicos;* acrescentando que «todo aquele que tiver aprendido estes cem versos terá sempre no espírito, sem hesitar, todo o fundo da história do Império. As datas e os nomes recordam fácilmente á memória os acontecimentos que se leram: é o método mais seguro e mais fácil». Bem-aventurado pedagogo!

Ora outro dia, a propósito do ano 1438, em que o genro do imperador Segismundo, Alberto II, por morte do sogro se viu rei da Bohemia e da Hungria, duque de Austria e por fim imperador, leio lá que numa grande dieta em Nurembergue é abolida «essa antiga *loi veimique*, que subsistia ainda nalguns sítios da Westhphalia; lei que não merece o nome de lei, sendo o oposto de todas as leis. Ela chamava-se o *Julgamento (ou juizo) secreto*, e consistia em condenar um homem á morte sem que ele soubesse nada disso. Foi instituída... por Carlos Magno contra os Saxões. Esta maneira de julgar, que não é senão uma maneira de assassinar, foi praticado em vários Estados, e sobretudo em Veneza, quando um perigo urgente ou um interesse de Estado superior ás leis podia servir de desculpa a esta barbarie». Mas o decreto da dieta foi em vão, pois o tribunal secreto existiu sempre. Os juizes ousaram mesmo citar o imperador Frederico III; é que: «não há excessos a que não possa chegar uma companhia que crê não ter contas a dar... Este tribunal infame não foi plenamente destruído senão por Maximiliano 1.º». — o imperador que sucedeu a Frederico III, seu filho e de D. Leonor de Portugal, filha do nosso *eloquente* D. Duarte, como se sabe.

Mas *loi veimique*, — não encerraria este adjectivo um erro tipográfico? ou, etimológicamente, que significaria? A minha ignorancia formulava estes quesitos. Procuro o vocábulo no *Nouveau Petit Larousse illustré*, aqui á mão... Não o encontro lá... Mas perto, salta-me á vista: *vehmique*, do qual se dá como significado: *qui appartient a la sainte Vehme*, e se manda ver na parte histórica do volume. Ora, indo aqui, eis o que encontro: «*Vehme (la sainte)*, ou *Cour vehmique*, ou *Tribunal des francs-juges*»; e explica-se (traduzo): «tribunal secreto cujo poder era muito temido no século XV na Alemanha, e que espalhou um terror salutar entre os senhores e os cavalheiros *brigands* deste país». E um complemento corroborador se me depara indo procurar o significado de *franc-juge:* «membro de um tribunal secreto da Alemanha, nos séculos XIV e XV: *o tribunal dos* francs-juges *chamava-se* a Santa Vehme». Querendo agora ampliar ou profundar um pouco mais a interessante novidade — (o mundo é sempre novo para as crianças e os velhos ignorantes) — lembrei-me de recorrer então ao *Nouveau Larousse illustré*, bem conhecido, em sete volumes que para o meu enciclopedismo me tem servido felizmente menos mal, e, primeiro abordado, nada me dissera quanto ao *veimique* do Voltaire, mas me diz agora de *Vehme* o seguinte: «do alemão *fehme* ou *vehme*, tribunal secreto); tribunal secreto muito antigamente estabelecido na Alemanha para atingir aqueles que escapavam á justiça ordinária. Diz-se muitas vezes *Santa Vehme*». E explicadamente: «Alguns historiadores pretendem que a *vehme* é de origem germanica. As cortes vehmicas ou tribunais dos *francs-juges*, cuja origem se faz remontar até Carlos Magno, tinham o seu centro na Westfalia. Os seus membros eram desconhecidos; os julgamentos, secretos; os condenados eram enforcados ou algumas vezes apunhalados pelos iniciados, que eram muito numerosos. Estes tribunais eram muito temíveis durante a anarquia da Idade Média e espalhavam um medo salutar entre os senhores e cavalheiros *brigands*. Resistiram a príncipes territoriais muito poderosos e mesmo a imperadores. O imperador Frederico III foi citado perante um deles. Desapareceram no século XVI, diante de uma organização mais regular da justiça».

.....

Apurara eu já, das fontes que indico, o que acaba de ler-se, quando um amigo filólogo, a quem antes falara da expressão voltairiana *loi veimique* e que então me dissera recordar-se de qualquer coisa a respeito do enigmático vocábulo em questão, me acaba de trazer o recente livrinho «Dez sociedades secretas» (Lisboa, Julho de 1957) do distinto publicista sr. Américo Faria, no qual, á testa da lista da dezena, figura justamente a *Santa Vehme*. Recomendo naturalmente a leitura dessas catorze páginas a quem pelo assunto se interesse, tratando o autor com suficiente desenvolvimento a matéria que condensadamente aqui exponho, em especial quanto aos *Franco-juizes*, e dando a significação do velho alemão *Fehem* ou *Vehmen:* condenar ou banir. Com a devida vénia reproduzo aqui o pormenor do caso relativo a Frederico III que ficara referido: «Com Frederico III (1415-1493) ocorreu um episódio que deixou mal feridos o seu prestígio de soberano e a autoridade nacional. Ao mesmo tempo revela bem o pavor que a *Santa Vehme* provocava em todos os espíritos, sem distinção de castas. O tribunal da negregada sociedade secreta havia-se reunido para «julgar» o duque Guilherme de Saxe, não obstante a alta jerarquia do réu. Convocado para comparecer a julgamento, Guilherme entendeu ser de boa política comparecer, mas só o fez depois de participar ao imperador a notificação recebida. Frederico III vibrou de indignação com o insólito facto, que atacava mortalmente as prerrogativas da alta nobreza do país. Urgia tomar providências. Estavam em perigo os apanágios da casa real, que devia ser sagrada para todos os humanos. Por meio de pregões lidos nos lugares mais concorridos, fez saber á *Santa Vehme* que não consentiria no «julgamento do duque Guilherme de Saxe, o qual pela sua alta linhagem e jerarquia estava acima de qualquer justiça humana. Só ele, o imperador, o poderia julgar». Os *Franco-Juizes* riram-se da proclamação imperial, votando-a ao mais completo desprezo. E, cientes da prodigiosa força em que se apoiavam, do irresistível poderio que a sua combativa organização lhes concedia, responderam por seu turno com a condenação á morte de Guilherme de Saxe. Também por meio de pregões, afixados de noite, fizeram saber a Frederico III que não admitiam qualquer espécie de interferência na sua actuação. Levaram a sua extraordinária ousadia ao ponto de ameaçarem de o citar ao seu *tribunal*, se ele persistisse na atitude tomada. O soberano recalcou o seu orgulho e manteve-se á margem da questão. A pilula era amarga, mas ele não tinha no momento possibilidades de se mostrar enérgico. A nação inteira ficou boquiaberta de espanto, comentando medrosamente o caso. Pela primeira vez na História uma associação de carácter nacional ousava sobrepor a sua vontade á do imperador da Alemanha, e justiçava um dos maiorais da nobreza! A *Santa Vehme* saiu mais prestigiada do incidente e continuou na sua obra de panico e terror em todos os países onde agia»...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

MANEIRAS DE PENSAR – I

chamados impròpriamente de aperfeiçoamento ou de actualização

pelo dr. Acácio de Abreu Faria

«Nos distritos rurais, a natureza do trabalho requer uma rapidez de decisão e um sentido das responsabilidades, que marcam profundamente a personalidade dos médicos para tudo». O. M. S. — L'Hopital Rural, pág. 72, 1954.

frequente. e concluí o curso de Medicina em Lisboa, no ano lectivo de 1929-1930, e, durante dois ou três anos, fui assistente voluntário na Primeira Clínica Cirúrgica do então, Hospital Escolar de Santa Marta; ingressei, por concurso de provas públicas, no Internato dos Hospitais Civis de Lisboa, tendo frequentado, com aproveitamento, o primeiro e o segundo anos; tirei o Curso Elementar de Terapêutica Anti-rábica, do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana de Lisboa, e o Curso de Malariologia do Instituto de Malariologia de Águas de Moura; fiz um estágio (prática de Tisiologia) num dos sanatórios do Norte do País; frequentei vários Cursos de Aperfeiçoamento Médico-Sanitário e exerço clínica rural, num concelho de terceira classe há mais de vinte anos.

Já surgiu nova reforma do ensino médico depois da minha formatura, e, nesta, a educação do post-graduado, em especial a do médico rural, ficou dependente, em cada zona das respectivas Faculdades de Medicina, como era de esperar.

Mas, antes que se pensasse em colocar esta modalidade do ensino, pelo menos, no pé que lhe competia, houve iniciativas particulares neste campo dignas de todo o apreço e secundadas pelos poderes constituídos.

Em Portugal, a primazia de tal iniciativa coube à prestimosa e secular Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, que, em 1901, organizou e levou a efeito o primeiro Curso de Aperfeiçoamento para post-graduados.

Há, aproximadamente, uma dezena de anos para cá, outros se seguiram, organizados e orientados, quer pela Direcção-Geral de Saúde quer pela Ordem dos Médicos e subsidiados pelos Ministérios do Interior e das Corporações e, ainda, pelo Instituto de Alta Cultura.

*

A organização e orientação destes Cursos assentou, essencialmente, na contribuição amável e voluntária de todos os seus directores, orientadores e prelectores e fez-se com a duração mínima de duas, três ou de quatro semanas, o máximo, passando-se quase sempre os escassos sessenta minutos de cada aula em prelecções e, por vezes, argumentação sobre a matéria, algumas aulas de certo teor prático e prática no Banco.

Temos de reconhecer que todos se esforçavam por que as coisas caminhassem sempre bem, mas não se podia, neste período experimental, deixar de contar com certos factores: a inclinação e valorização do ponto de vista técnico e científico de cada um dos prelectores; a sua falta de conhecimento prévio, de um nível médio de capacidade técnica e científica daquele auditório; a falta de uma certa uniformidade didáctica nos prelectores, em que, o conteúdo das suas prelecções, visassem sempre entre outras coisas mais, um alto fim de utilidade prática, e, ainda, aquela necessidade instante de agitar os problemas versados em perguntas, discussão e apelos, nem sempre reconhecidos, pelos prelectores, como verdadeiros motivos de atracção e dignos do desenvolvimento que aos práticos, interessaria focar e ver comentar!

E' verdade que o título e a prelecção deveriam ser a base fundamental de toda a argumentação disciplinada de um auditório de interesse e capacidade tão variadas; mas, temos de reconhecer que, no fim de contas, para nós o proveito de tais prelecções, pode depender muito mais do nosso interesse, atenção e das objecções que, a finalidade destes auditórios levantem, do que, até, de todo o conteúdo das mesmas!

As qualidades do ensinando têm de ser consideradas, neste caso, como factor de primeira grandeza.

*

Em todo o caso, para valorizar ainda mais essas lições, parece-nos necessário que, cada prelector antes de mais nada, esteja á altura de compreender e de atender ao que, na actividade prática diária do médico rural, sob o tríplice ponto de vista sanitário, curativo e social, constitui a base actual, essencial da sua formação, sem esquecer elementos enriquecedores de menor valia, mas que podem ser tão necessários como os primeiros.

E' claro que não se pode enriquecer, apenas, o conteúdo de uma prelecção só de elementos e dados terapêuticos, fim ultimo, legítimo e de cabal aceitação por parte do auditório; mas, também não será lógico nem consentaneo com a duração da palestra, com a atenção de auditório e a sua falta de avidez para tudo que seja, essencialmente, teórico, divagar, simplesmente, sobre concepções teóricas ou, fundamentalmente, especulativas.

Como sempre «in medio virtus», mas, essa virtude, poderá falhar redondamente, se ignorarmos a precária autoformação de um auditório que passou anos a viver mais da sua «impressão» e «intuição» clínica, do que de uma estimulante e actualizada cultura clínico-científica, a que sempre faltou o necessário apelo a uma convivência médica proveitosa e o auxílio vivaz de um laboratório!

Os meus vinte anos de prática rural, os dois anos de Internato e a frequência de vários Cursos de Aperfeiçoamento, dão-me a impressão de que, o que, actualmente, se faz nesta matéria, não só não corresponde ás necessidades práticas do momento, mas, até, me parece que não integra, eficazmente, as necessidades fundamentais a satisfazer neste compo de ensino.

*

Um Curso de Aperfeiçoamento tem de ser considerado, não como um fim, mas antes como um meio essencial de nos estimular e nos tornar, dentro de certos limites, cada vez mais aptos á consecução dos fins essenciais da medicina preventiva ou curativa, considerada como um todo sem divisões estanques, nos lugares em que somos chamados a trabalhar e no dia a dia da nosso clínica rural.

O seu fim ultimo será, portanto, pôr, em toda a parte, ao serviço das desfalcadas populações rurais, uma série de dados e do normas técnicas e científicas, preventivas ou curativas, aprendidas ou renovadas nesses pequenos cursos de educação médica!

E parece-me que serão a negação do fim supremo a que se destinam, se não tiverem em mira ou não realizarem esta finalidade, que se antolha como credora de todos os esforços, de toda a meditação e estudo, e de todos os dispêndios compatíveis e canseiras.

Regressar aos lugares de trabalho com mais um destes cursos, sem nada de concreto trazer em mente ou poder realizar nas condições do trabalho peculiares a cada um de nós, é pior, digo-vos respeitosamente, do que «ir a Roma e não ver o Papa»; pois, até, pode não se ter perdido, em cada um de nós, aquele velho e irrisório motivo de fazer subir a onda de uma «ignorancia orgulhosa» ou de uma «mediocridade ciumenta», de que fala o poeta.

Aspecto da exposição «Ideal Home», de Londres, em que se apresentam as ultimas novidades de utilidades domésticas

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXXI – Maurice Chevalier

Este cançonetista malicioso que dominou Paris e que, com a simpatia da Mistinguette, criou canções cujo espírito não tem rival em todo o Mundo, conserva ainda, aos setenta anos, um «charme» qeu se pode classificar de notável. E ainda no internacional Entrudo dos Estoris, Chevalier foi uma figura de destaque que todos desejavam ansiosamente ver e aplaudir. E, se é certo que há muitos anos o êxito o persegue, também é certo que a idade o não assusta. Os milhões continuam a encher-lhe a bolsa. Numa das suas pitorescas apreciações diz que «as mulheres são como os seguros de vida. Quanto mais velhos somos, mais caras nos saem».

Vê-se, pois, que neste capítulo, Chevalier não alimenta ilusões. O seu espírito gaulês nunca o abandona. A respeito de uma «vedetta» italiana, célebre pelas suas saliências plásticas, o criador da «Valentine», gracejou: O verdadeiro tipo do «gentleman» é aquele que se refere a Gina Lolobrigida sem fazer gestos elucidativos...

* * *

A ultima vez que Chevalier trabalhou em Lisboa, houve um grande desarranjo na luz eléctrica e o São Luís esteve ás escuras por largo tempo.

O cançonetista que não se atrapalha facilmente, esteve entretendo o publico e, na escuridão, cantou alguns dos seus numeros. Claro que o publico aplaudiu-o com entusiasmo, embora sem poder ver os gestos e as expressões que dão ás suas cançonetas maliciosas um sabor especial.

Mais tarde, Chevalier, sorrindo, comentava:

—Tenho cantado á luz de velas, de candeeiros de acetilene e de petróleo, a lampadas eléctricas de todas as potências, mas ás escuras foi a primeira vez...

* * *

Este rapazinho que nasceu há setenta anos num bairro populoso de Paris — Menilmontant — começou a sua vida por ser aprendiz de gravador, mas breve foi despedido da oficina, verificada a sua pouca aplicação ao emprego.

Pretendeu dedicar-se ao circo. Em um dos ensaios partiu uma perna. Desistiu. Pensou então em ser cantor. Mas, percebendo que não tinha voz, tornou a desistir.

A sua vocação, porém, não a largava. E começou a fazer cançonetas em que a voz de cantor não era precisa.

Nos seus primeiros contactos com o publico, usava umas calças bastante largas, estilo «clown» e pintava o nariz de vermelho.

Um dia, Polairé, conhecida como a mulher mais feia de Paris, disse-lhe:

—Tu não és desengraçado, Maurício. Para que te fazes tão feio para entrares em cena?

—E' que se eu não aparecer com o nariz besuntado, ninguém se ri com o que eu digo.

—Enganas-te. Se vestires um smoking, por exemplo, ainda agradas mais.

Chevalier afirma que este conselho foi o melhor que recebeu em toda a sua vida. O smoking nunca mais o largou.

* * *

Não pensem que o apreciado cançonetista que; tem tirado da vida os prazeres que ela nos pode dar, tenha sido devoto de Baco, apesar dos muitos banquetes para que é disputado.

Ele, manifestando o seu horror pela embriaguez, declara que em toda a sua vida só seis vezes abusou do alcool. E' na verdade um autêntico «record».

* * *

Uma noite entrou no seu camarim um dos admiradores que mais o procuravam e, ou por lisonja, ignorancia ou analfabetismo, participou a Chevalier que o seu nome figurava em letras colossais, feito com lampadas, na torre Eiffel.

O cançonetista achou estranho e pensou que seria uma surpresa da empresa que o tinha contratado, fazendo uma colossal publicidade do artista que nessa ocasião deslumbrava Paris.

Na noite seguinte, antes de entrar para o teatro, já a capital da França mergulhava na escuridão, Chevalier olhou para a torre onde, na verdade, uma formidável correnteza de lampadas formavam um nome. Apenas, em vez de se ler «Chevalier», lia-se «Citroen»...

Era um reclame a uma conhecida marca de automóveis.

* * *

Para terminar, dois judiciosos conceitos do «ás» da cançoneta francesa:

«Quando um actor olha para a fotografia de um antigo passaporte e depois, em frente de um espelho e tem certa dificuldade em reconhecer que é o mesmo, deve, de «motu proprio», deixar de fazer papéis principais. Há qualquer coisa de dramático num artista que não sabe envelhecer. Canto agora uma nova canção intitulada:

«Je suis heureux de ne plus être jeune» (Sou feliz de já não ser novo).

Apesar de eu não acreditar em palavras vãs, porque ninguém é feliz por já não ser novo, canto sempre esta moderna canção com o meu eterno bom humor e o meu melhor sorriso».

* * *

Falando do sexo frágil, diz-nos nas suas memórias:

—«Olhar para um linda rapariga ou ir atrás dela são coisas completamente diferentes. Desde que um homem não esteja morto ou paralítico, deve olhar sempre para as mulheres bonitas. Daí, até andar quilómetros atrás da primeira mulher formosa que nos apareça no caminho, vai uma distancia enorme».

Assim sentencia Chevalier e com razão. Muito havia a dizer deste privilegiado da sorte de quem Mistinguette disse, ferindo um pouco a sua vaidade, que o seu melhor desejo seria ter o seu nome na esquina de uma rua de Paris.

E' possível que o futuro lhe faça a vontade.

L. R.

«Aspectos dos Movimentos Associativos na África Negra» do prof. Silva Cunha

Mais um cuidado volume da rubrica «Estudos de Ciências Políticas e Sociais», editado pelo respectivo Centro da Junta de Investigações do Ultramar, sob o título de «Aspectos dos Movimentos Associativos na Africa Negra». Firma-o o nome de um erudito investigador, o prof. Silva Cunha, que, apoiado em sólida bibliografia, nele inventaria a natureza das associações religiosas africanas, de conteudo e forma primitivos ou novos e dos movimentos místico-religiosos não africanos, mas readaptados. Estuda igualmente o prof. Silva Cunha, em relação ao Congo Belga e á Africa Equatorial Francesa, as associações mutualistas ou cooperativistas e as associações com fins políticos, dedicando a ultima parte do seu valioso trabalho a uma detida análise da origem das associações agressivas, em que se preocupa largamente com a estrutura e as caracteristicas tradicionais das sociedades negras e com os efeitos da colonização europeia.

Trata-se de um trabalho de grande oportunidade, em que o prof. Silva Cunha nos fornece copiosos e valiosos dados para uma melhor compreensão dos problemas que se suscitam actualmente no continente negro. Particularmente autorizado nesta matéria, que o tem levado a percorrer as nossas províncias africanas, em aturado estudo, o prof. Silva Cunha produziu uma obra que, por certo, não deixará de ser objecto da atenção dos que se entregam hoje aos estudos dos assuntos africanos.

A edição cuidada é ilustrada com elucidativas gravuras.

«O Mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português» de José Júlio Gonçalves

Editado pelo Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar, apareceu agora um importante trabalho intitulado «O Mundo Arabo-Islamico e o Ultramar Português», da autoria do investigador José Julio Gonçalves, assistente do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Desde o aprofundamento dos aspectos interiores do Islão ao inventário dos seus centros de difusão, esta obra volumosa e documentada analisa criteriosamente a expansão islamica no Egipto, no Sudão, na Líbia, na Tunísia, na Argélia e em Marrocos. Uma segunda parte do estudo de José Julio Gonçalves é dedicada á projecção do Islamismo na Africa ao Sul do Sahara. Em seguida, o douto investigador refere-se aos métodos e meios de penetração na Africa Ocidental, analisa a presença muçulmana na Guiné Portuguesa e a influência árabo-islamica em Moçambique, após o que retraça a marcha do Islão para a Africa Equatorial e Central e a sua difusão na Africa e na Oceania. O Islamismo na India Portuguesa constitui a matéria dos ultimos capítulos, em que tão-pouco são esquecidos os problemas menores que levanta a existência de Maometanos em Macau e Timor.

Autor de outros estudos de verdadeiro interesse, o sr. José Julio Gonçalves dá, com esta obra, uma nova e valiosa contribuição para o conhecimento dos nossos problemas de além-mar.

«Limites e Possibilidades do Movimento Corporativo» pelo dr. F. Pinto Loureiro

Em separata do volume «Limites e Possibilidades do Movimento Cooperativo» (em organização), foram publicados, sob o mesmo título, o relatório e as conclusões, subordinados ao referido tema e apresentados, na sede do Centro de Estudos Político-Sociais, pelo sr. dr. Fernando Pinto Loureiro, escolhido para relator da primeira série de comunicações sobre problemas de natureza económica ali debatidos.

O autor define no preambulo, antecedendo a introdução, o objectivo das referidas comunicações — encarar «os problemas com espírito *teórico e prático*, com agudo sentido das realidades, sim, mas uma mais pequena submissão da inteligência ás estreitas inspirações de qualquer partidarismo». E o valioso trabalho inclui os seguintes capítulos: «Ensinamentos da experiência histórica», «Problemas teóricos com alcance prático», «Concepções destituídas de fundamento», «Uma orientação realista» e «Conclusões».

Diario de Lisbôa

Juvenil

7-3-959 98

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE

Este grande Faraó do Egipto não se distinguiu por suas guerras, bem pelo contrário: os vinte anos do seu reinado são uma extraordinária época de paz em que nasce uma religião monoteista, ou de tendências monoteistas, cujo princípio fundamental era o respeito pela pessoa humana — pela sua liberdade, pela sua individualidade.

(Continua na ultima página)

O HOMEM DA CASA

por MARIA ERMELINDA LOUREIRO — 15 anos

Lá vai ele, o pobrezito... Coitado, como chapinha com os pezitos roxos de frio na terra empapada de água... Água, também lhe cai do céu nos cabelitos loiros, muito empastados e crescidos, servindo de condutores para o pescoço. — Sobre a pele, que se vê em diversos pontos, uma camisa, sem botões, atravessada nos ombros por uns ourelos que servem de suspensórios a uns calções ou, talvez, calças curtas, com diversos alçapões por onde o vento circula á vontade. — A tiracolo uma bolsa feita de bocados de chita de diversas cores e dimensões, pouco cheia, com o produto esmolar daquele dia. — Dei-lhe um pouco de pão que, ele imediatamente encafuou na saquita, tendo-lhe antes dado um beijo, onde mais havia, em conjunto, com algumas batatas, cebolas e feijão. — Nestas aldeias o dinheiro não abunda e socorre-se a pobreza com géneros. — Tinha uns olhos grandes, bonitos, mas com pouca expressão. — Tão pequenino e a conhecer já as asperezas deste Mundo. — Nesta idade, muitas crianças, bem agasalhadas, por causa dos horrores do Inverno, entretêm-se com os brinquedos a que aspiraram. — Enquanto se enxugava e aquecia um pouco junto do forno que estava a arder para uma cozedura de pão, perguntei-lhe como se chamava, de onde era e o que faziam seus pais. — Retirou as mãozitas da boca do forno, baixou a cabeça e, com voz bastante apagada, respondeu chamar-se «Zé», que seu pai havia morrido no Hospital por causa de um tiro de pedreira e que sua mãe estava doente; que tinha mais duas irmãs, a Cacilda e a Dorinha e um irmão, o «Manel». — De repente levantou a cabeça e, com

(Continua na ultima página)

PROBLEMAS DOS JOVENS

Há o direito de negar aos Teddy-boys a nossa solidariedade humana?

Como é meu hábito ler o JUVENIL todas as semanas, tenho acompanhado o debate sobre os TEDDY-BOYS.

Quero, em primeiro lugar, aplaudir o interesse demonstrado por dois jovens do nosso Jornal: Vítor de Lima e Carlos Cardoso que procuraram dar a sua opinião elaborando dois bons artigos.

Apesar de considerar bons os artigos acima referidos não deixo de discordar dos mesmos em alguns pontos.

O primeiro Amigo diz-nos o seguinte: «deviam ser punidos os que prevaricam por tal modo». Ora se nós considerarmos todos estes indivíduos uns revoltados, uns depravados, etc. «punindo-os severamente» não o ficarão mais ainda? A meu ver devemos convencê-los de todas as maneiras, menos pela violência. Existem instituições assim como processos planeados por médicos competentes que seriam de todo o interesse num caso tão eminente como este.

Falo agora do trabalho apresentado por Carlos Cardoso que nos afirma, referindo-se ao TEDDY-BOY: «ele é ousado e não tímido», não concordando deste modo com Veloso. Ora eu sou da mesma opinião deste. O TEDDY-BOY é um jovem que sofre de inumeros complexos psicológicos. A timidez é, a meu ver, um complexo, e, para o encobrir, o TEDDY-BOY procura fazer em conjunto com outros o que seria incapaz de fazer sózinho, ser ousado. É, de facto, uma grande ousadia a de todos estes indivíduos. Mas uma ousadia fruto de uma prévia timidez.

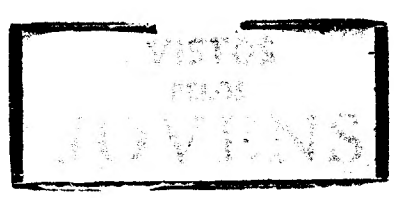
POR
JORGE DA COSTA RODRIGUES — 18 anos

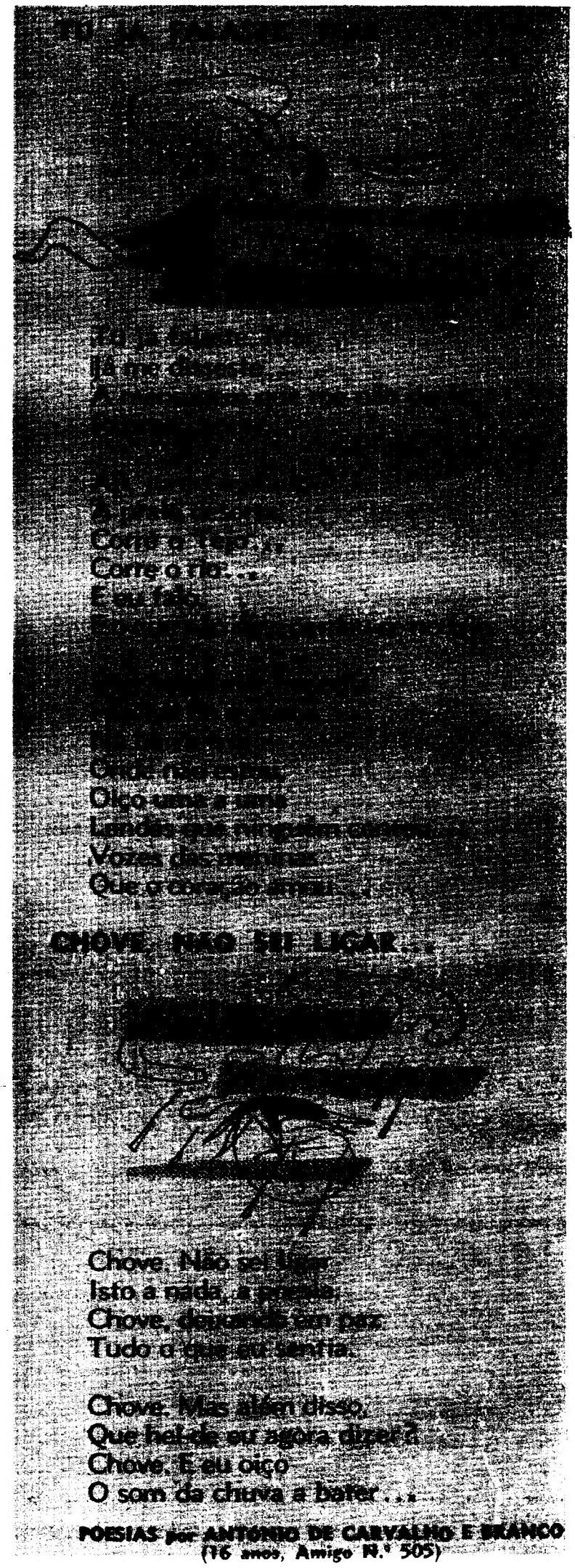
Diz-nos, ainda, o Carlos Alberto que: «atribuo a maior percentagem da responsabilidade pela existência dos TEDDY-BOYS a eles mesmos». Isto será um modo de ver, mas, quanto a mim, está erradíssimo. A sociedade é, como nos diz Veloso e muito bem, a principal causa de tão grande depravação. O ambiente familiar é um facto deveras importante que devemos tomar em conta. Todavia, a sociedade terá a maior percentagem de responsabilidade no fraco ou nulo auxílio que presta a alguns jovens a braços com certos problemas como: a morte de um pai deixando-os na miséria, uma decadência económica, etc. E não quer o Carlos Alberto que eles se «deixem contaminar pela febre, fria» se só encontram como amigos os seus companheiros de infortunio.

O que possivelmente terá grande influência na índole dos nossos TEDDY-BOYS serão os filmes exibidos. Umas «Sementes de Violência», uma «Juventude em Perigo», são num, sentido figurado, dois grandes potes de exemplos que, se, para uns, são avisos para casos futuros, para outros, são ideias geniais. E não me convencerei que seja por leituras ou experiência nos locais de origem que estes indivíduos tenham caído em tão grande caos. Terão, pois, os filmes, o condão de fazer nascer muitas ideias até aí desconhecidas.

O principal objectivo que me levou a formular estas breves considerações foi, sem duvida, a ideia de passarmos da teoria á prática, isto é, aplicarmos as nossas ideias a um movimento de solidariedade humana no sentido de tornar elementos positivos para a nossa sociedade todos esses jovens transviados. Quero, no entanto, lembrar que

(Continua na ultima página)





AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O MISTÉRIO DA BENGALA DE BAMBU

A morte espreita os vivos

Atirados no porão do «Flor de Lotus» os dois amigos ficaram mergulhados em completa escuridão. Ritmadamente, na carcaça metálica do monstro, o mar batia seus punhos rápidos, como um «boxeur» a treinar-se no «pushing-ball».

— Doi-me a cabeça, meu amo — suspirou Basílio — e apesar disso, tem graça, quase me dou por feliz.

— Queres dizer porquê?

— Porque doer-me a cabeça é sinal de que *ainda* a tenho...

— Pois meu amigo! — e Pararraios sorriu — Aproveita enquanto a tens para estudares a maneira de sair com ela deste lance...

— Aí está o que não descubro. E aí está talvez a razão por que a cabeça me doi. Sobretudo há uma coisa que me aflige...

— Vamos ouvir.

— Até aqui, meu amo, mal ou bem, sempre havia um motivo para se meter a gente na boca do lobo. Mas agora eu não o vejo; vejo-me a correr Seca e Meca atrás de quê? De uma bengala. Atrás de quem? De um tal japonês que dá pela alcunha de Sun Wi. Que mal me fez a bengala? Nenhum. Que interesse pode ter a bengala? Nicles...

Sobreveio um silêncio durante o qual se tornaram mais vivas as pancadas das ondas. Foi então que Pararraios falou.

— Escuta, Basílio. Folgo muito em saber que te preocupas por alguma coisa mais além dos rojões e do caldo verde. Estás no bom caminho. Vou explicar-te, em duas palavras, por que razão esta *bengala de bambu* é de importancia vital para a Humanidade. Como tu sabes, um sábio oriental, há muitos anos estabelecido na América, descobriu a *máquina de parar o tempo.* Sua mulher, ciente dos perigos que ela representava, ia pô-la a bom recato. Sun Wi, astucioso, consegue apoderar-se dela. Que irá acontecer? Essa máquina, nas mãos de um louco, pode ser funesta para toda a Humanidade. Por que razão persigo Sun Wi? Para não perder a máquina de vista.

— E a bengala, que faz ela no meio da roda?

— Aí está o busilis! Tu já reparaste na decisão, na furia com que o japonês a defende. Isso quer dizer que a posse dela é indispensável — e se é indispensável para o Sun Wi — também para mim o será...

— Não vejo ainda muito bem...

— Vol ser franco. Eu próprio navego um tanto sem bussola. *Suponho que na reunião que vai efectuar-se dos membros do Clube Internacional das Bengalas de Bambu, tenha voto importante o que se apresentar com esta que perseguimos...*

— Outra pergunta, Mestre: por que razão acha estarmos todos em perigo ficando a tal máquina nas mãos de Sun Wi e companhia?

— Sun Wi não me parece um homem normal. E depois, se fossem boas as suas intenções, por que razão pretendeu ele já diversas vezes desembaraçar-se de nós?

Pararraios ia continuar o discurso quando se ouviram passos na escada. Um soco projectou-se na cara do detective.

— Sun Wi, meu amo! — gritou Basílio.

— Eu sabia. Sun Wi vem, mais uma vez, visitar os seus prisioneiros, gozar com o sofrimento deles. Essa é a característica de todos os cobardes...

— Eu, gozar com o vosso sofrimento! — murmurou, dolentemente o japonês — Que injustiça! Venho apenas despedir-me dos meus preclaros amigos! Eu e a minha pobre bengala, com o seu recheio precioso...

Aqui, o funil de Pararraios relampejou tão violentamente que o japonês deu um salto á retaguarda.

— Descobri, Basílio! Descobri...— gritou o detective.

— O quê? Diga depressa...

Antes, porém, que Pararraios respondesse, uma chusma de japoneses certamente pertencentes á tripulação, agarrou nos dois amigos, levou-os ao tombadilho. Aí, antes que fosse possível esboçar um gesto de defesa, o detective e o ajudante foram balouçados, como duas sacas de carvão, e atirados pela borda fora...

A água do mar estava gelada. Pararraios pensou unicamente em manter o seu amigo á superficie.

— Senhor! — gaguejou Basílio — Aquilo... aqueles que ali vêm... não são...

Pararraios olhou. Enormes, ferozes tubarões nadavam para eles.

— Que pena morrer — murmurou o detective — precisamente agora que conheço a importancia da bengala de bambu...

(Continua)

Concurso da semana

Gente nossa

Na terra cara
da serra ao mar
nunca se para
de trabalhar.

Dá o pobre fé
que o trabalho é
fonte e certeza
de mais riqueza.

Repara neste:
nunca descansa
no dia agreste
na noite mansa.

Amanha a terra
ao Sol e ao frio
percorre a serra
pesca no rio.

Falta o labor?
Remédio achado:
pega no gado
faz-se pastor.

E mais se anima
mais é ditoso
quando vindima
nectar precioso.

Quando o carrega
nesse tão belo
barco rabelo
que ao porto chega...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual é a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 14 de Março.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 96: I — CONCURSO «GENTE NOSSA»: Aveiro. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE» — Luís de Camões.

1. — Amigo N.º 894 — José António Fradinho Calado Torres (Lisboa).

2. — Amigo N.º 1524 — José Guerreiro Coelho Pencarinha (Loulé).

3. — Amigo N.º 325 — Elsa Dulce Ferreira (Lisboa).

4. — Amigo N.º 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa).

5. — Amigo N.º 355 — Maria Clara Osório e Cruz (Coimbra).

6. — Amigo N.º 610 — Marília Mendes Silva (Lisboa).

7. — Amigo N.º 1505 — Carlos Joaquim Simões Mateus (Lisboa).

8. — Amigo N.º 1050 — Olga Maria Correia Martins (Lisboa).

9. — Amigo N.º 1128 — Manuel David Rodrigues Leite Assunção (Gaia).

10. — Amigo N.º 1346 — Maria do Natal Pinheiro Grilo (Faro).

11. — Amigo N.º 1499 — Aníbal Paulista (Lisboa).

12. — Amigo N.º 1545 — Manuel Campos (Lisboa).

13. — Amigo N.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro).

Prémios

1. — Três volumes da Colecção CONTOS DE ENCANTAR — Livraria Clássica Editora.

2.—«A PÉROLA DE MINDANAU» por Albert Bonneau — OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS» — Livraria Clássica Editora.

3. — «A ESTRELA E O DETECTIVE», por Henriette Robitaille — Clássica Editora.

4. — «O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», por Ramalho Ortigão (Clássica Editora).

5 a 8: «PAÍS DAS UVAS» por Fialho de Almeida — Livraria Clássica Editora.

8 a 12: «ADOLESCÊNCIA», por Maurice Debesse — Colecção SABER — Publicações Europa — América.

13. — «EL SOMBRERO DE TRÊS PICOS», por Jorge Alarcon — Col. OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS — Publicações Europa — América.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE CAMÕES

14. — Amigo N.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).

14. — HISTÓRIA DE CRISTO por Rapini e O BAIRRO por Pratolini — Edições de Livros do Brasil, Ld.ª.

PALAVRAS CRUZADAS

Francês

	1	2	3	4	5	6	7	8
1				×	×			
2			+			+		
3		+					+	
4	+							+
5		+					+	
6			+			+		
7				×	×			
8								

HORIZONTAIS: 1—Moeda francesa. Alegre. 2—Artigo indefinodo. Participio do verbo mouvoir. Partícula de negação. 3—Festa. 4—Reler. 5 — Lista, papel (de actor). 6 — Artigo definido. Não. Terminação de verbos da primeira conjugação. 7 — Emocionado. Tira. 8 — Gretas, fissuras.

VERTICAIS: 1 —Sobre. Chave. 2 — Se, a gente. Amigo. 3 — Ferro. United States. 4 — Melão. 5 — Util. 6 — Era. Ouro. 7 — Ano. Verão. 8 — Três letras de luminoso. Muito.

Inglês

	1	2	3	4	5	6	7	8
1								×
2					×			
3								×
4						×		
5		×		×				
6			×		×			
7							×	
8				×	×			

HORIZONTAIS: 1 — Propor. 2 — Ultimo. Prefixo designativo da unidade. 3 — Envergonhado. 4 — Lá, acolá. Expressão designativa de movimento para cima. 5 — Fio de arame. 6 — As duas primeiras letras de ostentação. Dez. 7 — Socorro. 8 — Homens. Palavra portuguesa que em inglês significa «mother».

VERTICAIS: 1 — Estrado. 2 — Arrojado. Ver. 3 — Outro. Duas consoantes de senso. 4—Pera. Lavabos. 5—Gaivota. 6—Processa. Idem. 7—Durar. 8—Moeda inglesa.

SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Sou. Gai. 2 — Un. Mu. Ne. 3 — Fête. 4 — Relire. 5 — Role. 6 — La. Ne. Er. 7 — Emu. Ote. 8 — Fissures. VERTICAIS: 1 — Sur. Clef. 2 — On. Ami. 3 — Fer. Us. 4 — Melon. 5 — Utile. 6 — Ere. Or. 7 — An. Eté. 8 — Leu. Très.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Propose. 2 — Late. Uni. 3 — Ashamed. 4 — There. Up. 5 — Wire. 6 — Os. Ten. 7 — Rescue. 8 — Men. Mae. VERTICAIS: 1 — Plat form. 2 — Rash. See. 3 — Other. Sn. 4 — Pear. W. C. 5 — Mew. 6 — Sue. Item. 7 — Endure. 8 — Pence.

A patroa ralha com a criada:

— Não percebo, Rosa, porque é que tiras as cascas das batatas tão grossas.

— Disseram-me que ficavam mais digestivas.

— E quem foi que te disse isso?

— Foi o homem que vem buscar as cascas para os coelhos...

A mãe ensina ao filho mais novo a diferença entre monossilabo e bisilabo.

— «Mono» — diz ela — significa «um», enquanto «bis», vem do latim «bis» e quer dizer «duas vezes».

— Ah, sim!? — exclama o rapazinho. — Então, porque, quando te peço um «biscoito», tu me dás só um?

Um povo estranho

O Amazonas é um dos mais extraordinários locais da Terra! A sua completa rede hidrográfica forma uma vastíssima região a que se dá o nome de Amazónia. Em grande parte ainda por explorar, no meio das suas florestas virgens vivem alguns dos povos mais primitivos do Globo. Tal é o caso dos estranhos «caçadores de cabeças do Arizona».

F. W. Up de Graff dá-nos no seu livro «Os Caçadores de Cabeças do Amazonas» uma emocionante narrativa destes povos de selvagens. Eis uma obra onde a mais escrupulosa veracidade toma, para o leitor, o verdadeiro aspecto de uma narrativa de aventuras.

Claro que é uma obra que interessa vivamente os jovens e que os instrui. Ao assinalarmos o seu aparecimento, recomendamo-lo aos nossos leitores maiores de 15 anos.

A esta mesma colecção «Viagens — Aventuras — Epopeias», editada pela Livraria Clássica Editora, pertencem os dois livros seguintes, a que na devida altura nos referiremos.

«O Patrão do Girl Pat», por Dod Osborne.

«Rumo ao Perigo» por F. A. Mitchell-Edges.

Erico Veríssimo

Está entre nós o grande romancista brasileiro Erico Veríssimo. O que este escritor representa para a cultura da língua portuguesa já por várias vezes se tem feito a obrigatória menção. Hoje queríamos apenas aproveitar o pretexto da sua visita para lembrarmos aos nossos leitores a sua obra publicada em Portugal, por Livros do Brasil, Lda., e que temos oferecido aos vencedores dos concursos de «Diário de Lisboa Juvenil».

Romances: «Olhai os Lírios do Campo», «Saga», «Caminhos Cruzados», «Um lugar ao Sol», «Clarissa», «Musica ao longe», «O Resto é Silêncio», «O Tempo e o Vento», «O Retrato».

Contos: «Fantoches e Outros Contos», «Noite».

Livros de Viagem: « A Volta do Gato Preto», «Gato Preto em Fundo de Neve» e «México».

Livros de Divulgação: Viagem á Aurora do Mundo».

Todas estas obras pertencem á Colecção LIVROS DO BRASIL.

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se aos sábados

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

ANIMAIS, ESSES DES CONHECIDOS

O URSO FORMIGUEIRO

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Na Guatemala, Paraguai e no Norte da Argentina habita um animal da raça dos formigueiros, mas de grandes dimensões — o formigueiro gigante.

Embora, por vezes, se alimente de leite e até de frutos, o seu manjar especial são as formigas, térmitas e outros insectos, que engole sem mastigar, pela simples razão de que não tem dentes. Mas a lingua é semelhante a um verme, melhor dizendo a uma serpente nos formigueiros gigantes, pois chega a medir um metro de comprimento, precisamente tanto como o corpo do animal, exceptuando a cauda.

O focinho é tubular e a boca minuscula; dela sai a lingua comprida, de um jacto só, sempre coberta de saliva pastosa onde se agarram as formigas. E não há uma que escape. As glandulas salivares estão em permanente funcionamento, prolongam-se pelo pescoço longo e quase tão volumosas como a cabeça!

O corpo é coberto de pêlo comprido e abundante e a cauda forma um belo penacho com grande utilidade: mantém as formigas em respeito e ao alcance da infatigável lingua. A cauda é, por vezes, tão peluda que o animal, ao deitar-se, se cobre todo com ela.

As unhas são grandes, vigorosas e destinam-se a desalojar os insectos dos seus esconderijos. As patas dianteiras têm cinco dedos, sendo o terceiro extremamente desenvolvido em desproveito dos outros quatro, muito pequenos. E' que este dedo, desenvolvido, executa o trabalho de picareta vigorosa, capaz de esventrar uma construção térmita dura como betão. Uma vez conseguido isto, dedica-se a um trabalho curioso. As formigas, em panico, espalham-se por todos os lados; com a cauda peluda, calmamente, ele mantém-nas a distancia da lingua, que, de cada vez, apanha uma imensidade delas. Nenhuma escapará.

Na outra espécie de ursa formigueiro, muito mais pequeno e cuja cauda é menos bela mas que serve de órgão de preensão; por ela pode suspender-se das árvores onde passa a maior parte da vida. Esta espécie gosta tanto de formigas como de mel. Nos membros anteriores tem apenas quatro dedos e cinco nos posteriores, escondidos sob a pele.

Os indígenas cristãos da região da Guiana chamam-lhe DOMINUS VOBISCUM pela curiosa posição de invocação que toma, por vezes, apoiado nas patas traseiras e erguendo, abertas, as outras ao céu...

Há, por ultimo, uma espécie miniatura—o Mirmidão—de focinho pequeno e longa cauda que se enrola em volta dos troncos das árvores de onde nunca sai. As enormes unhas e lingua serpentina permitem-lhe apanhar a prodigiosa quantidade de insectos de que necessita, para viver.

Diário de bordo

Aigo n.º 223 — José João Gomes Ventura (Coimbra): Ora até que enfim, velho amigo, que se desvendou o mistério J.! Pois então obrigado. Mas não foi para isso que resolvi escrever-te; foi por causa da tua carta. Em primeiro lugar, fizeste bem em me teres escrito como escreveste na realidade, se os amigos certos não servem para as horas de incerteza, o melhor é dispensá-los. No que respeita ao teu caso — e por aquilo que de ti conheço — quer-me parecer que tu saberás vencer esta dificuldade momentanea: és generoso, corajoso, tens força dentro de ti, que apenas necessita de ser disciplinada. Por todas as tuas excelentes qualidades é que me sinto teu verdadeiro amigo. Estimando muito as melhoras de tua mãe, espero dentro em breve receber uma carta mais alegre. O teu artigo, ainda não o li.

Amigo n.º 1.494 — António Degóis Pereira (Lisboa): Manda-nos dizer outra vez tudo quanto pretendes saber e responderemos palavra por palavra.

Amigo n.º 367 — Armando Hasse Ferreira (Lisboa): Desta vez, na verdade, sempre veio carta! Obrigado, amigo. Quanto ás tuas perguntas: as páginas de dentro, salvo o Diário de Bordo e o artigo de divulgação, dirigem-se especialmente aos leitores mais novos, embora não percam em ser lidas por todos; os Gigantes da Humanidade está em que não possuimos deles gravuras que possam ser reproduzidas. Terás tu alguma? Não te canses de escrever sempre.

Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): Então que é isso, Maria Guilhermina? Fazemos de ti a melhor das ideias e sabemos de certeza não estarmos iludidos. Vou escrever-te directamente, está bem?

Amigo n.º 1.539 — Heitor Fernando Gil (Porto): A razão porque não foste premiado é a mesma que leva alguns Amigos — muitos, mesmo — a não receberem prémio algum. Nem imaginas como gostariamos que todos vocês pudessem receber um livro.

Amigo n.º 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa): Vou publicar muito brevemente, talvez no próximo numero, o trabalho que me pedes sobre a pré-história. Desta forma reatarei o Consultório que antigamente era habitual no «Juvenil».

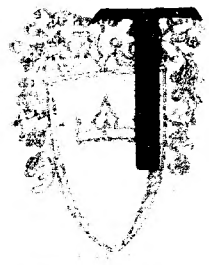
ATENÇÃO!

Mais uma vez pedimos aos amigos que não se esqueçam de, ao enviarem as suas respostas para o concurso, de nos indicar:

1 — O nome completo
2 — A data do nascimento
3 — A morada
4 — Se estudam, em que curso e ano.
5 — Os três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil».

Estas recomendações tanto dizem respeito ao concurso «Gente nossa» como ao concurso «Gigantes da Humanidade».

Obrigado pela vossa atenção!



OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

TODOS os cavaleiros seguiram com a vista, como que hipnotizados, o estranho homem verde. Alguns esfregavam os olhos com as mãos, mal acreditando no que viam. E no entanto a verdade não oferecia qualquer duvida, por muito estranha que se afigurasse: Galvão erguera a pesada acha, fizera uma careta de desgosto e, cerrando os olhos com horror, descarregara um golpe ás cegas. A pancada, violentíssima, fizera rolar a enorme cabeça verde pelo lajedo. Todos os espectadores taparam a cara com as mãos; a rainha Genebra soltou um grito; mas logo se puseram de pé parece que movidos por uma descarga eléctrica: á sua frente — seria sonho? pesadelo? — soava a grossa voz do Cavaleiro Verde.

Todos arredaram as mãos da cara e fitaram com redobrado espanto o que se passava. Tendo metido a cabeça debaixo do braço, o Cavaleiro Verde pusera-se de pé. E debaixo do braço a cabeçorra verde dizia com tom irónico:

— Ainda não acabaste a tua obra, cavaleiro! Faltam duas coisas: a primeira é saber o teu nome: como te chamas? de quem és filho? Ficar-te-ei grato, se me disseres tudo isto, podes crer.

Pálido como requeijão, o jovem interlocutor murmurou, tão baixo que mal se entendia:

— Meu nome é Galvão e sou filho de Edwin, irmão de minha senhora Genebra...

— Edwin... Edwin... — proferiu lentamente a cabeça verde com a entoação de quem procura lembrar-se de qualquer coisa — Edwin... — E mudando subitamente de tom: teu pai tem uma cicatriz nas costas, a chamada «cicatriz da traição»?

— Porque perguntais isso? — e a voz de Galvão era ansiosa — Da traição lhe chamam, com efeito, porque pela traição, pelas costas, foi meu pai ferido! Que sabeis? Porque perguntais isso?

— Para saber... Para saber... Mais nada. E agora que já sei, exijo que cumpras o resto da tua obra: daqui a um ano e um dia, pelo Ano Novo, estarás no sítio onde então me encontrares e receberás o mesmo golpe que de ti sofri e no mesmo sítio... Faltarás?

— Não, senhor, não faltarei. Eu...

— Nada mais digas! Isto sómente e chega: daqui a um ano e um dia...

E voltando as costas, com a cabeça debaixo do braço, como se fosse uma abóbora, seguiu na direcção onde deixara o cavalo. Mas continuava lembrando:

— Daqui a um ano e um dia... daqui a um ano e um dia... daqui um ano e um dia...

E para o jovem cavaleiro Galvão o tempo foi correndo, foi correndo sempre com ele a pensar: aproxima-se a minha hora! O rei Artur, a rainha Genebra, os cavaleiros da Távola Redonda bem lhe aconselhavam que não corresse tal aventura, que não aparecesse na data marcada: afinal quem era o Cavaleiro Verde? Não se pode pensar nada de bom de um homem que, sem morrer, traz a cabeça debaixo do braço...

— Mas prometi! — dizia o jovem

e desta maneira calava a boca a todos.

Na realidade, por muito difícil que seja de cumprir uma promessa, o unico caminho dum homem digno é cumpri-la. E assim, ao amanhecer dum belo dia de Agosto, Galvão despediu-se de seus tios Artur e Genebra, de seus amigos da Távola Redonda, dos camponeses e artesãos de Chamalote. Lá longe, na curva da estradinha, o jovem cavaleiro voltou-se para trás e viu um grande bando de lenços a esvoaçar: eram todos os amigos que ali deixava. Então ele desembainhou a sua boa espada, amorosamente corrigida pelo alfageme William, e ergueu-a bem alto, tão alto quanto seu braço alcançava.

Foi o ultimo sinal de Galvão: esporeando o cavalo, partiu á desfilada por veredas, por atalhos, por

um ano e um dia

florestas, por montes, por vales, e assim por meses e meses. Quando lhe surgia pela frente alguém ele parava para pedir:

— Amigo! Sabes dizer-me onde fica a Capela Verde?

— A Capela Verde?!!! O que quer dizer Capela Verde?

— E' a morada de um cavaleiro, de um estranho cavaleiro que é todo verde.

A' frente dos seus olhos, o interlocutor fazia primeiro uma cara de espanto, depois uma cara de medo. E viravam-lhe as costas sem responder. Passara o Verão, passara o Outono: chegavam os primeiros frios do Inverno e o jovem cavaleiro tremia de frio dentro da sua armadura de ferro. Mas do homem verde, nem sinal.

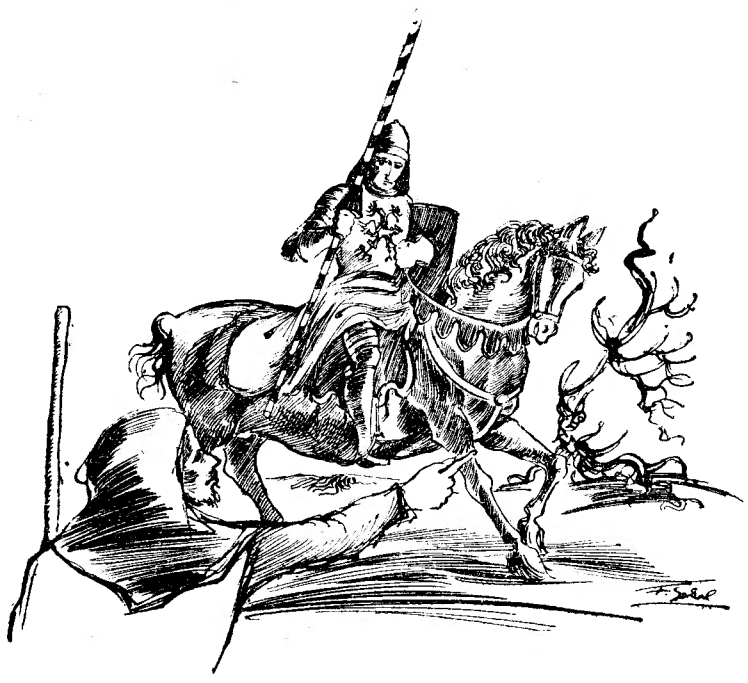
Entretanto, quase não se passava um dia em que Galvão não combatesse os mais terríveis dos animais ferozes ou então homens que o vinham desafiar. Galvão a todos vencia. Quando os fracos, os oprimidos, os pobres se lhe vinham queixar das injustiças ou agravos de alguém — logo ele, sem perda de tempo, se aprestava para os defender. Desta maneira se foram, por toda a parte, conhecendo a valentia e a bondade do jovem Galvão. Mas nada continuava a saber do Cavaleiro da Capela Verde. Ninguém lhe sabia dizer qualquer coisa a seu respeito.

Desta maneira chegou a véspera do Natal. Depois de caminhar toda a manhã por uma planície deserta, Galvão torneou um monte e viu surgir-lhe ante os olhos uma floresta cerrada, dum verde tão escuro, tão escuro que parecia preto.

O jovem só hesitou uns momentos; mas logo esporeou o cavalo e mergulhou na escuridão das árvores. No meio delas foi cavalgando lentamente sem saber se era dia se era noite e depois de muito andar deparou com umas luzes brilhantíssimas. Donde viriam? Aproximando-se, distinguiu um enorme castelo. Com alegria Galvão inclinou-se para o seu fiel cavalo, afagou-lhe o pescoço, disse-lhe palavras de agradecimento aos ouvidos. Coisas assim:

— Finalmente nós os dois vamos encontrar onde dormir, hem, amigo!... Estás tão contente como eu, não é verdade? Os donos de tão formoso castelo certamente que terão boa cama de feno para descansares de tão grandes jornadas... E favas para comeres? Hem! Que dizes?

O bom corcel relinchou alegremente e, sem que o cavaleiro o mandasse seguir, ele encaminhou-se para a larga porta do castelo, cuja ponte levadiça se foi arriando pouco a pouco...



(Próximo episódio: FIQUE TRÊS DIAS!»)

Noticiário dos concursos

Não nos é possível hoje, como desejariamos, publicar o resultado dos Concursos «Qual é coisa qual é ela?» e «Augusto Gil» promovidos pela Portugália Editora, de colaboração com o «Juvenil». Será na próxima semana.

Hoje continuamos a publicar os nomes de mais concorrentes do Concurso Anual «Portugal e a Juventude»:

Amigo n.º 775 — Maria Teresa Romano Torres (Lisboa): «Sob o Céu de Portugal»

Amigo n.º 1.134 — Maria Isabel Alves Correia Jorge (Bombarral): «Portugal é um grande país».

Amigo n.º 1.340 — Afonso Coroado (Lisboa): «Romeiros».

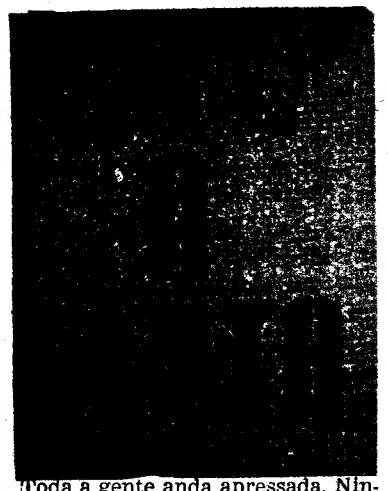
Amigo n.º 1.481 — Maria da Soledade Rodrigues Felício (Lisboa): «O Alto Alentejo».

Amigo n.º 939 — Ana Maria Fernandes Canhão (Lisboa): «Évora — cidade-museu».

Amigo n.º 6 — Maria José Trovisqueira Valente Perfeito (Lisboa): «O Castelo de Castelo de Vide».

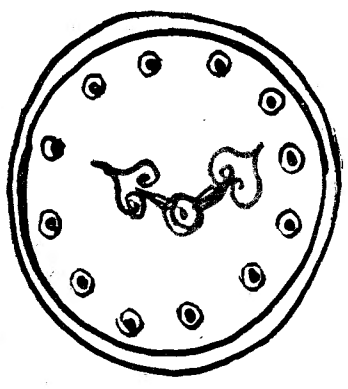
Para a semana continuaremos a publicar os nomes de mais concorrentes.

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Toda a gente anda apressada. Ninguém tem vagares. A todo o sitio é preciso chegar *á hora em ponto.*

Eu fico prejudicada com isso, porque ando sempre com atraso. Dizem que não tenho a noção do



tempo. Ver-me-ia sériamente atrapalhada se tivesse de obedecer ao relógio de ponto.

O comboio parte ás sete horas em ponto. Os professores chegam ás 8 e meia em *ponto*. O foguetão para a Lua, dizia o telegrama, partiu ás cinco horas e dezoito minutos em *ponto*.

O que é que isto quer dizer? Todos sabem que chegar em ponto quer dizer chegar á hora precisa, exacta, chegar no minuto nem a mais, nem a menos.

De onde virá esta maneira de dizer?

Antigamente os minutos chamavam-se *pontos*. Os relógios, em vez dos traços tão nossos conhecidos hoje, eram representados por pontos. O meu relógio de pulso ainda tem pontos nos minutos. O relógio de sala inglês que pertencia á minha avó mostrava-nos 60 pontos negros no mostrador. Então dizer-se que eram dez e 35 *em ponto* significava, como ainda hoje, que nos encontravamos no ponto correspondente ao 35.º minuto depois das dez.

Daqui nos ficaram ainda hoje os *ponteiros* — aqueles dois traços do relógio, um pequeno e outro grande, que percorrem os *pontos*...

*

O chefe do escritório é mau e vingativo; o pobre do empregado que o serve vê-se aflito. O chefe faz dele *gato-sapato*... Os pobrezinhos têm muita razão para dizerem que a vida faz deles *gato-sapato*... Aposto que não há ninguém em Portugal que não conheça esta expressão. De onde deriva ela?

E' o que nos ensina do Dicionário Contemporaneo de Aulete e Valente. *Gato-sapato* era um jogo equivalente ao nosso *cabra-cega*. Jogadores com os olhos vendados, levavam com um sapato até conseguirem apanhar o jogador que lhes batia,o que passava por sua vez a

fazer de gato e a levar como o sapato.

E' muito simples, mas para mim não servia, pois não gosto que façam de mim *gato-sapato*.

VIVENDO

por CARLOS JOAQUIM MATEUS

Na aula. O professor fala, explica. Sentado na minha cadeira eu não o ouço. Estou absorto em pensamentos, pensamentos alegres, tenebrosos, com uma não sei quê de inexplicável. Mas são pensamentos, estou certo. Penso. Ele fala ainda. Não o escuto; mas sei que ele fala, porque mexe os lábios e os outros estão calados. Mexe os lábios, mexe os braços: move-se com toda a sua gravidade. Ele existe. Eu também, porque penso e como tal existo. Mas para quê, para que existo eu? Para louvar a Deus, de todo o meu coração, de toda a minha alma: Louvado seja Deus!

O professor continua a falar. Que diz ele? Por certo coisas, muitas coisas. Todas verdades? Creio que sim. Importantes? Talvez. Mas eu não as ouço. Não gosto delas. Prefiro pensar, imaginar, idealizar, prefiro tudo, menos ouvir o que ele diz. O coração bate-me com força, com ansiedade. Penso no futuro, no que será amanhã, naquilo que sucederá. Para quê? Para que penso eu agora, se daqui a pouco já mudo de ideias, de concepções, de ideais. Para que me preocupo com isso? A vida é o momento presente, é este minuto, é este segundo que agora passa. Desperdicei-o. Já não volta. Devo vivê-lo como é e não como julgo que deveria ser.

Se assim é, porque penso eu? Porque me preocupo com o que serei amanhã, se nem tão-pouco sei o que sou hoje? Uma criança para os velhos, um homem para as crianças... E para mim, que sou eu? Não sei. Apenas sei que sou, que existo, que devo viver o momento presente mas não o vivo. Porquê? Porque não vivo a vida da aula? Gosto dela, gosto de estudar, gosto de aprender... Porque não ouço o professor? Que diz ele? Escuto-o agora:

—A paixão tem efeitos antagónicos. Já alguém disse que ela faz dos atilados tolos e dos tolos atilados.

Fala de Filosofia, sempre a mesma Filosofia, a antiga Filosofia. Como é bela e como gosto das suas matérias! Mas ouvir o professor... Isso nunca! Não posso suportar. Não posso ouvir as suas palavras:

—...A paixão não é má em si mesma; é má em razão do objecto para o qual se inclina...

Concordo com o que diz. Eu, por exemplo, quando me apaixonei por Ela, não tive mau gosto. A minha paixão não era má. O objecto para que me inclinei é que era péssimo: Ela era comprometida...

—...O meio mais eficaz de a combater é procurando a paixão contrária, restabelecendo assim o interesse que a paixão viera quebrar...

Foi isso mesmo que eu fiz. Realmente ele tem razão, o que afirma é interessante, é prático.

Sim, e prático e interessante. Continua a falar. Responde agora a objecções que lhe puseram. De todas se desembaraça.

Fala, mexe os lábios, mexe os braços: move-se. Vive o momento presente. Vive-o o melhor que pode. Transmite o seu saber.

Eu não falo, não mexo os lábios, não mexo os braços: não me movo. Também vivo o momento presente, pensando no futuro, no que farei daqui a sete anos... Apenas penso. Na aula!

(18 ANOS)

(AMIGO N.º 1505)

Problemas dos jovens

(Continuação da 1.ª página)

o caso TEDDY-BOY é o ponto máximo de uma grande escala de depravação da Juventude actual. Existem, por conseguinte, muitos que, não sendo TEDDY-BOYS, para lá caminham.

E' hábito, nestes assuntos em que falamos de juventudes esquecermo-nos das moças. Ora, o problema destas revestir-se-á de formas muito diferentes do caso TEDDY-BOY, mas não deixa no entanto de ter a mesma gravidade.

Apelo então para todos os jovens, rapazes e raparigas, perguntando: não haverá uma possibilidade de levar ao bom caminho esses pontos negativos? Sim, seja la qual for a sua origem, são, com certeza, pontos negativos da nossa sociedade. Desenvolvamos, pois, uma campanha contra todos estes individuos. E como a faremos? E em que sentido? Reajamos para com um assunto tão importante como este. Procuremos salvar quem se afunda, lançando-lhe o nosso auxílio.

Suponho que será de todo o interesse para os jovens actuais uma lista de opiniões mandadas para o nosso Jornal. No entanto, há toda a necessidade de que as moças exponham os seus problemas. Para nós, rapazes, terá grande importancia.

(AMIGO N.º 1520)

vistos pelos jovens

O HOMEM DA CASA

(Continuação da 1.ª página)

os olhos brilhantes e falando mais alto disse que, ele, agora, era o homem mais velho da casa, pois tinha 9 anos, enquanto o outro só tinha 5 e, as irmãs, sete a mais velha e três a mais novita e que, por isso, lhe competia arranjar o sustento para a família-...

— Perguntei-lhe novamente de onde era e, baixando outra vez a cabeça, apontou para a encosta da serra, indicando uma povoação que dista mais de 4 quilómetros da minha casa. — Pedi-lhe para que quando por aqui passasse me procurasse sempre.

Prometeu que sim.—Pobre criança!...

Lá vai ela a chapinhar na lama e a chuva a correr-lhe pelos cabelos loiros, levar o sustento aos seus!... Cedo começa a cumprir o dever de «Homem da casa».

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

(Continuação da 1.ª página)

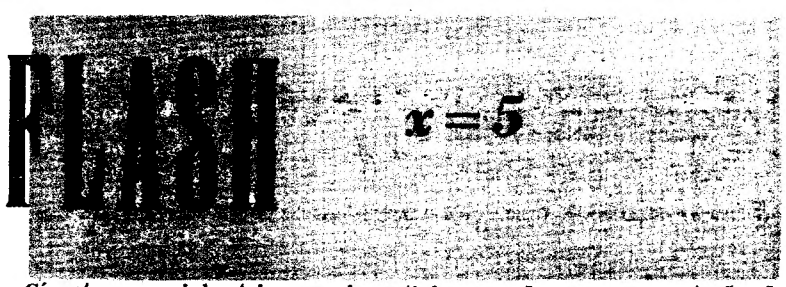
Acabando com a velha religião de Amon, que sancionava todas as injustiças de que sofria o Egipto, o jovem faraó criou a religião do Sol — uma religião universal, pois o Sol era Deus de todo o Universo. Para que tão grande divindade fosse devidamente adorada o faraó criou uma nova e bela cidade — Aket-Aton, que quer dizer Horizonte do Disco solar. *Ele próprio mudou de nome e passou a ser, em vez de Amenofis* — Amon está satisfeito — *este outro nome:* Esplendor do Sol.

Quais as grandes características desta nova religião?

A antiga religião solar era, antes de tudo, uma religião funerária em que a preocupação do bem e do mal tinha um importante lugar. Ora Aton, *o deus do Sol, o novo deus, é apenas o Deus da criação, da harmonia. Os fiéis têm assim, como coisa principal de um lado o amor da sua liberdade que deve harmonizar-se com a das outras pessoas viventes; por outro sentem que devem amar o que foi criado por um deus: a Natureza. Além disso, Deus está presente em todas as criaturas, em toda a coisa criada. Assim se compreende que a religião de* Aton *pregue o amor pelo próximo e por tudo quanto existe de vivo e belo e a alegria de viver.*

As respostas devem estar no JUVENIL até ao próximo dia 14 de Março, acompanhadas dos habituais elementos: nome completo, morada, data de nascimento dos concorrentes e designação dos três artigos que mais apreciaram no Suplemento desta semana.

Além dos prémios habituais, haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o gigante que hoje homenageamos.



Cá estou na minha teima: os jardins de Lisboa isto, os jardins de Lisboa aquilo...

Agora querem ver? Vem de longe este amor sem fim. Quando vou a ficar soterrado levanto a ancora e demando Santa Catarina, ou a Rocha, ou S. Pedro de Alcantara. Mas já quando pequeno era assim.

Ora uma vez andava eu ás voltas com a álgebra. Nesse tempo, tinha a mania «snob» de que não gosta de álgebra quem gostar de versos. Invente quem quiser alguma coisa mais estupido, a ver se é capaz!

De maneira que me custou a entrar nela. Até julgo — Deus me perde! — que eu próprio inventava as dificuldades só para provar a mim mesmo que de facto um poeta, etc., etc. Mas o exercício de frequência estava á porta! Apanhar um chumbo não me agradava nada. Então que faço eu? Em casa, no quartinho que dava para a estação do caminho de ferro, não me entendia. Não havia meio de a equação, feita dez vezes, me dar certa. Fecho o livro, com furia, aqui vou eu!

O jardim da Rocha. Sento-me no banco onde um velho, de boina levemente caída, parece meditar, de olhos no chão. Duas vezes consecutivas a equação me deu errada. Os parêntesis, e os denominadores, e eu ser poeta, etc. O velhinho deve ter notado a minha aflição porque me diz com voz mansa, mas firme:

— O que tens, meu amigo?

— Isto não me dá certo...

— Não dá certo? Deixa ver...

Passo-lhe o livro. Ele desliza apenas os olhos pela equação, como duas borboletas rápidas e exclama:

— E' fácil, meu amigo. X igual a cinco...

Dava aquilo mesmo nos resultados. Olhei o meu companheiro, com assombro. Modestamente vestido, o casaco fino sobre a camisa, naquele Fevereiro gelado. Sorria, do meu espanto:

— Apenas te falta método. Queres ver como tudo se torna fácil?

O crepusculo não tardou a cair. Nessas duas horas de explicação calma e paciente as equações do primeiro grau abandonaram na mesa todos os segredos.

— São horas de me ir — disse o companheiro. E estendeu-me a mão, que apertei — Até um dia...

Vi-o descer as Janelas Verdes, de mãos atrás das costas. «Algum professor reformado». — pensei.

— Não sabe quem era aquele? — perguntou-me o guarda do jardim, que se descobrira á sua passagem. E perante a minha ignorancia:

— E' o Gago Coutinho...

... ...

Fui hoje despedir-me dele. Quando desceu á terra eu estava presente. E não era o heroi que eu recordava. Atirado aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo enquanto o avião de brinquedo se espatifava nas mãos das ondas. Não era. Mas o velho de sorriso calmo que me dizia nessa tarde já distante:

— Não percas a paciência. Vamos recomeçar... Nenhuma equação tem mais força do que nós...

Nenhuma.

MANUEL AGRA